

soffrimentos e monotonia para Carlota: não fóra porém assim para Ricardo!... muitas coisas notaveis o haviam distraído n'esse tempo; pelo que nós, deixando Carlota entregue aos dissabores da solidão, voltaremos atraz para seguir passo a passo a vida dos dois amigos.

Fóra no dia 26 de Julho que o caloiro Carlos da Cunha e Mello chegou a Coimbra: no dia 27 safu logo, mandou fazer batina, e protegido pelo seu amigo, ousou affrontar o botequim do Trony, cousa prohibida muito tempo aos caloiros até depois das ferias do natal do anno de novatos. Ricardo tinha quasi insensivelmente esquecido D. Constança. Estes amores, mais nascidos da admiração que da estima, são fogos fatuos de existencia ephemera, ou antes, são sentimentos intermittentes que a ausencia apaga, e que qualquer coisa faz reviver para de novo se apagarem!...

Talvez tambem o leitor houvesse já esquecido D. Constança, que deixámos acabando de escrever a sua resposta á carta de Ricardo!... Poupar-lhe-hei a leitura d'essa resposta, porque uma carta de namoro escripta por uma mulher é a coisa no mundo mais insipida que eu conheço, quando lida a sangue frio!... Recebemos uma d'essas epistolas e achámol-a divina! — tudo é sal! tudo são ditos agudos e conceituosos! tudo respira sentimento!... Mettemol-a na nossa gaveta particular, e alguns mezes depois, quando o barco das affeições já tem mudado de rumo, n'uma bella noite em que o *spleen* se tem apoderado de nós, vamos revolver as cartas velhas, que lemos com a attenção que dariamos ás noticias locaes d'um periodico do anno anterior, e então, no fim de cada phrase de alambicado sentimentalismo quasi que soltámos uma gargalhada do mais ingenuo e folgazão escarneo! até os erros orthographicos, encobertos até alli pelo sublime do pensamento, saltam de cada palavra como fantasmas que espantam toda a passada illusão!... os bocadinhos mais bonitos parecem nos semsaboria!... no limado da expressão estamos a notar o contrafeito do sentimento que a dictou!... n'uma palavra! é um chorriho de pieguices ou de impertinencias parvas e ridiculas cada carta de namoro, vista pela distancia de dois mezes depois de passadas as illusões d'essa crise, que tem o nome de — paixão — no presente, e que no preterito se chrisma em — toleima!...

Por isso e para credito de D. Constança não vos farei lér aqui a sua resposta!... basta que o nosso amigo a lêsse com todo o entusiasmo

febril d'um amante feliz; e que a mettesse na sua carteira onde jazeu intacta por muito tempo!

No primeiro dia que Ricardo safu não viu D. Constança nem mesmo de tal se lembrou: depois passou uma vez por debaixo das janelas, deu com os olhos n'ella... perturbou-se, cumprimentou-a e subiram-lhe á cabeça todas as imagens que se haviam retirado em debandada para um cantinho do coração, quando outros quadros occupavam o campo da visão interna do seu espirito!...

— Quem é aquella senhora tão galante que tu cumprimentaste agora? — perguntou Carlos.

— É D. Constança filha de Duarte, e uma das meninas mais interessantes de Coimbra.

— Conhecesl-a?...

— Não! apenas a cumprimento depois que num baile dancei com ella — respondeu Ricardo, córando de modo que, se o seu amigo estivesse prevenido, teria logo descoberto alli algum mysterio.

— Ora espera!... esse Duarte não é irmão de um lente, Francisco d'Oliveira Duarte?...

— Tal e qual! chama-se José d'Oliveira Duarte.

— É o mesmo!... tenho uma carta de recommendação para elle.

— Para qual? para o doutor?

— Não! para o outro! Hei de vir entregar-lha ámanhã: acompanhas-me?...

— Acompanho! — respondeu Ricardo com visível emoção.

Só então se lembrára que o receber uma resposta de D. Constança era uma honra muito grande para que se não visse obrigado a agradecer-lha; e passou-lhe pela mente que talvez tivesse ensejo provavel para lhe entregar elle mesmo a sua segunda missiva amatoria; pois apezar de não ser nada provavel que D. Constança apparecesse á visita do seu caloiro, com tudo uma especie de palpito lhe fazia prevér que algum incidente lhe daria occasião opportuna de lhe fallar... Em todo o caso aproximava-se d'ella, ia ter entrada em sua casa... n'aquella occasião estimava-o.

Este coração de Ricardo sería construido de um modo differente de todos os outros?... Não sei!... mas parece-me que não! O que elle sentiu por D. Constança não era amor! era paixão, era capricho, era admiração!... impressionava-se quando a via e nada mais! Por Carlota experimentava uma paixão-desejo, que só lhe produzia commoção quando a sentia!

Amor, amor puro e verdadeiro era sómente o de Adelaide; mas esse, extenuado pela ausencia e pelo parisitismo dos outros dois sentimentos hybridos do coração, achava-se muitas vezes quasi embotado, quasi confundido com a amizade fraternal, nascida na infancia, robustecida entre os brinquedos e convertida em amor na juventude!... Era assim que lhe apparecia a imagem de Adelaide quando o grito dos sentidos externos o arrastava para Carlota ou quando D. Constança lhe magnetisava o espirito com a sua presença fascinadora!...

Ricardo foi pois para casa e alambicou o estylo com toda a correcção de phrase mais limada, para responder á resposta de D. Constança. Comparou-a a um anjo, a uma fada, a uma sylphide, a uma huri..... emfim se D. Constança tivesse muito interesse em entender bem a sua carta, teria de estar a folhear o dictionario toda a noite—tal era a collecção de palavras cavernosos, bombasticos e inintelligiveis de que vinha recheada! Dobrou a —fiel mensageira dos seus devaneios amatorios — como diria algum quasi-poeta de *phenix renascida* e metteu-a na algibeira de modo que com facilidade a podesse tirar para a dirigir ao seu destino, caso algum momento favoravel para isso se lhe offerescesse.

No dia seguinte levou toda a manhã a fazer-se bonito, quero dizer — a cortar o cabelo, talhar a barba e mil outras minuciosidades pelas quaes o amor proprio pretende agradar. Acabado o jantar, disse-lhe Carlos — são horas de ir-mos.

— Pois vamos!

— Espera! que eu vou pôr o chapéu.

— E eu a capa.

— Queres um charuto?

— Dá cá.

'Naquelle dia era o terceiro que Ricardo fumava de borla; e este então era de pataco!...

Accesos os charutos safram os nossos alfacinhas buscar o demandado porto onde luzia o astro da salvação talvez para algum quasi sceptico do ultimo tom; mas, porventura, tambem de perdição para algum dos dois lisboetas.

Chegados que foram á casa do sr. José d'Oliveira Duarte, foram introduzidos na saleta. Vozes femininas se escutaram na sala: Ricardo ardia em desejos de penetrar n'aquelle sanctuario, e, aqui para nós em segredo, o seu amigo não ambicionava menos tal ventura. A

sorte foi-lhe propicia! José d'Oliveira, vindo receber os dois amigos, disse-lhes depois dos cumprimentos de estylo.

— Não sei a quem tenho o gôsto de fallar.

— Eu creio que tenho a honra de me dirigir ao ex.^{mo} sr. José d'Oliveira Duarte, — disse Carlos.

— Sou eu mesmo.

— Sou portador de uma carta do sr. Conselheiro Moniz para v. ex.^a, e com prazer desimpegno agora esta missão!... Este senhor é o meu veterano e bom amigo, que teve a condescendencia de me acompanhar.

José d'Oliveira, recebendo a carta e ouvindo pronunciar o nome do signatario, mostrou logo pelo sorriso mais amavel que mettia o recommendado no coração.

— Então, meus senhores, têm a bondade de entrar para a sala!

— Nós não queremos incomodar!... muito agradecidos a v. ex.^a...

— Nada!... Hão de me dar o gôsto de se demorarem um bocadinho!

— V. ex.^a ordena e nós obedecemos.

Duarte abriu a porta que separava a sala da saleta. O paraíso estava patente aos olhos ávidos e anhellantes d'esses dois entes que no purgatorio da antecamara, haviam esperado a purificação das culpas.

— Minhas senhoras!... Tenho a honra de as cumprimentar — disse Carlos quasi a meia voz ao aproximar-se da dona da casa e de sua filha, que estavam tomando a visita a outras senhoras.

Ricardo fez equal cumprimento ao qual responderam quatro acenos das quatro cabeças femininas.

(Continuar-se-ha) A. M. da Cunha Bellem.

CHARADA

Vivo 'num ermo, isolado. — 1

Em continua escuridão: — 2

Sou inimigo de bulhas,

Dou a paz, quietação.

EXPLICAÇÃO DAS DO NUMERO ANTECEDENTE

1.^a — *Senegambia*. 2.^a — *Vigario*.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 12

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
B. Albuquerque e Amaral



Vol. II

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1860 — JANEIRO — 15

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 .

A humanidade ainda não attingiu, nem attingirá, em virtude de sua natureza, esse estado de perfeição, em que, desprendendo-se de tudo quanto é mundano, sómente execute o que a sua razão, illustrada pela philosophia lhe dictar. Triste é a condição humana! Com quanto maior afan o homem se arremessa á estrada do progresso, com tanta maior vehemencia surgem os embaraços, apparecem as difficuldades, que elle nunca cogitou. A resignação é o unico subsidio, a que nos podêmos soccorrer. A sciencia do direito não podia ficar exempta d'este condão, de que a natureza dotou o homem em todos os seus esforços e investigações.

Á medida que as nações avançam, e as leis as acompanham ou iniciam, assim se vão apresentando novos embaraços, que augmentam o poderio d'aquellas, e diminuem a força d'estas. Se a humanidade fôsse dotada de tal energia e intelligencia, que pudesse fazer uma judiciosa applicação d'esses primitivos principios, d'essas verdades primas, que lhe outorgam a sua soberania; por certo que a sociedade não ficaria por tempo algum estacionária, o progresso a acompanharia em todos os seus actos. Mas, infelizmente, esta transicção é extremamente difficil, para que o laço moral de suas relações as acompanhe. Vae em tres seculos, que quasi todas as nossas relações civis são da mesma maneira governadas! Teremos nós per-

manecido em alguma lethargia, de que agora apenas dêmos signaes de querermos acordar? Não terá havido progresso algum, que a nossa legislação deva acompanhar? Assim o mostrámos em desabono nosso.

Empreguemos, portanto, todas as forças em uma empresa tão sublime e tão *util*; concorrámos todos para a restauração de nossa liberdade civil; arredemos de nós essa ignominia, que nos desconceitua aos olhos das nações civilisadas; acabemos por uma vez para sempre com essa escravidão Philippina, que ainda hoje não cessou de nos opprimir; por último, vamos todos ao sacrosanto altar da liberdade, com o coração illibado dos antigos preconceitos e opiniões politicas, pedirmos a nossa regeneração.

É assim que devem proceder todos os portuguezes, que, ardentemente, desejem emancipar-se d'esse labéu, que tanto nos deshonra. Mas para que fallar 'nestes arrôjos, proprios só de homens livres e independentes, se a nossa antiga liberdade e independencia se converteram em escravidão, que, por muito prolongada, deixou vestigios, que as forças normaes não podem corrigir?!

Para que fallar em nossas liberdades, se a imprensa periodica, que devia tomar a iniciativa 'nesta crusada, é a primeira a emudecer, preferindo questões e assumptos de pouca monta, á discussão do nosso Projecto do Codigo Civil?!

Para que taes esforços, se uma opposição acintosa excluiu da representação nacional o primeiro jurisconsulto portuguez, o auctor do Projecto das nossas garantias civis?!

Que vexame e responsabilidade não carga esses eleitores, que não tiveram energia para repellar a acção despotica substituindo-a pela acção da lei, da justiça, e do decóro nacional?

A questão não é politica, é sim de vida ou de morte para a nação portugueza; porque quem vive em escravidão, sujeito a uma legislação tyranica e absurda, não gósa da vida moral, de todas a mais preciosa. O escravo verga debaixo do enorme pêsso das algemas; mas nós vergámos debaixo do peso do das Ordenações Filippinas, que nos subjuga a liberdade, nos embrutece a consciencia, e nos priva da razão.

E ainda ha quem contemple este bello panorama, já com indifferentismo, já com paixão!

Ainda ha quem se entregue ao penoso trabalho de decorar *ipsis verbis* as poeticas e elegantes Ordenações!

Ainda ha quem prefira um *quidam* ao sr. Antonio Luiz de Seabra, para a sublime missão de deputado! Talvez que para isto se pedisse o auxilio de alguns d'esses antigos senhores feudaes, a quem lhes custa ver postergados os seus fóros e garantias Filippinas a trôco da insignificante egualdade, em que se baseia o nosso Projecto do Código; sem ao menos conhecerem que esses titulos pomposos, essas pedras bordadas, esses armazens de pergaminhos desapareceram ha muito no crisol do senso comum.

Não é, portanto, a vós, meros phantasmas da natureza, que nós nos dirigimos: é sim a um circulo, que por ventura tenha de reeleger um novo representante, e que queira usufruir os direitos da soberania, já em seu favor, já em pró de todos os portuguezes.

Quem ha que ponha em dúvida o interesse nacional, na eleição do sr. Antonio Luiz de Seabra?

Quem ha que ignore que a eleição do illustre auctor do Projecto era uma gloria para o circulo que o elegia, para a nação a quem

representava, e mais uma garantia que nós tínhamos de breve reforma legislativa?

Quem ha que queira viver mais um instante sob a prepotencia Filippina?

Se assim proseguirmos, o Projecto do Código não passará de projecto, e nós tambem ficaremos em projecto, porque o *veto* ser-nos-ha imposto pelo bom senso de todas as nações.

Acabem odios e rancores antigos; terminem todas as diferenças politicas; sigámos a mesma bandeira; tenhamos o mesmo pensamento, a mesma vontade de nos emanciparmos d'essa escravidão moral, que ha tanto tempo nos opprime.

Sirva-nos ao menos este pequeno brado, de expansão aos nossos sentimentos de respeito e consideração ao illustre auctor do Projecto do Código Civil Portuguez.

B. d'Albuquerque e Amaral.

FRATERNIDADE

O que os esforços intimos do coração humano encerrado no perimetro breve dos habitos, usos e costumes crucis, que a barbaria engendrou ao fogo das paixões desregradas, e incubou e acalentou no aspecto do fulgor das lanças, e no silvo feroz e horripilante das veloces frechas, que levavam o terror e depois a morte ao homem e ao seio das familias imbelles, não operaram, cumprindo a missão da paz e da harmonia, que á racionalidade, intelligencia e sentimento fóra dado estabelecer em base solida, e firmar com secular robustez entre os homens; o que, dizemos nós, as exaltações espontaneas da bondade distincta, que eleva o homem ao apogeu da criação, copiando e resumindo 'nelle, no centro do universo, a imagem visivel do amor eterno, que suavisa e adoça a vida contingente de todo o ser animado, não produziram de prompto, infiltrando-se brandamente na infinita variação das relações moraes, produzindo a revolução, esse impulso natural do homem, essa reacção que elle, depois de tormentosamente reduzido pelo despotismo á extremidade do infortunio, não pôde, inda que queira, evitar.

As facções, que cavam o abysmo da separação entre os homens, que constituem o despotismo e a escravidão, que dilatam a ambição do magnate despotico sóbre as ruinas do ple-

bleu, que endurecem as cadeias da submissão, convertendo-as nos grilhões odiosos da servidão, que levantam e adornam magnificos palacios com o suor e azafama dos laboriosos e pacificos cidadãos, opprimidos de uma tributagem injusta e destruidora, e que abrem no paiz em que avigoram sua torrente devastadora, o catafalco em que os incolas, um a um vão, mau grado seu, sepultar as últimas restas d'uma felicidade, que já apenas bruxeleava, cahem aos golpes certos do progresso e humanidade do seu preconizado e soberbo pedestal, donde atiravam ao seio da sociedade o facho da guerra e da morte, para serem substituidos pelo alimento revolucionario, que, cada vez que vacilla em volta do eixo da justiça, marca uma nova phase de progresso e aperfeiçoamento. Assim se somem nos abysmos da historia, por nunca mais alvorearem nos horizontes da vida moral e politica, os odios, as vinganças, as revindictas ferozes, as guerras particulares, os homens-cousas, os homens-leões, e todos esses miseros que a ambição desorientára do destino racional; ao passo que, por outro lado, desponta meiga, risonha e sympathica a fraternidade, esta filha predilecta da revolução, essa esposa congenita do coração do homem, que promete estreitar e unificar num só amplexo toda a humanidade.

Para a fraternidade, irmã carinhosa da liberdade e egualdade, que o sangue da França cingiu e sagrou no altar da revolução meio despedaçado ainda dos impulsos tão impios como robustos das facções sanguisedentas, e a Allemanha hasteou no meio de entusiasticas aclamações, cujos echos retiniram de S. Maria ao Kara, das Hebrides até ao Caucaso, não ha differença do rei ao subdito, do nobre ao burguez, do opulento ao miseravel, do sabio ao ignorante, do feliz ao infeliz, do virtuoso ao desgraçado, e muito menos condescende com essas indiscretas considerações sociaes, inda debeis resquícios da inqualificavel proceridade, que em si, nos tempos que já lá vão e não voltam, senão á reminiscencia para o coração os execrar, absorvia quasi até á totalidade a felicidade das massas, de que o seculo, que se fechou sôbre tantas miserias, torpesas, associações, desigualdades e depopulações, nos deixou apenas quasi delidos debuxos, cujos lineamentos, hoje, tempo de luz, epocha de felicidade, edade precursora de grandes venturas sociaes e moraes, que alvejam aos homens de Estado na orbita dos seus deveres, e aos particulares nos progressos da dignidade, em frente

d'um estudo regular, mal se divisam, quasi se dissolvem, obliteram e desaparecem!

O que é o elemento factor de tão sensivel e salutar transformação? Quem fez do antigo mundo um mundo novo? Quem resuscitou no centro da familia e da nação o suave balsamo, com que o Nazareno conduziu a humanidade a uma convalescença infallivel? Quem quebrou essa rede de ferro, que pressava e trazia a humanidade ignominiosamente algemada ao poste da indignidade? Quem, em Portugal, abateu o infame pelourinho, em Hespanha o duro eucleo, em França o odioso fredum, em Inglaterra o cruel knout, e na Russia abrandou, até tocar os extremos da clemencia, esses castigos horrorosos, dos quaes só o aspecto, muitas vezes, deixava no coração do curioso imprudente o tremor, que o estorcía e arrastava a uma morte prematura? Foi a fraternidade, esta orfã abandonada nos tempos antigos, e que hoje nos abriga das facções sangrentas á sombra de sua prestigiosa influencia, e nos escuda com sua egide especial, toda amor e bondade.

J. M. Cabral e Castro.

RAIO DE SOL — RAIOS DE AMOR

(TRADUÇÃO LIVRE DO FRANCEZ, DE V. HUGO)

Ao meu condiscipulo e amigo J. B. de F. Leal.

Oh! nunca as faces da mulher perdida,
Que da honra deixou a senda nobre
Co'o insulto verbereis!
O peso, a que ella viu a alma rendida,
Os dias, que luctou co'a fome a pobre,
Por ventura o sabeis?

Quando o gelido sópro da desgraça
De a virtude guardar lhe nega a esp'rança,
Quem é que inda não viu
Uma d'essas mulheres, que se abraça
Muito tempo com ella—e que alfim cansa
Porque a fome o exigiu?!

Tal vemos sôbre um ramo arredondar-se
Uma gôta de chuva rutilante,
Em que o ceu se revê;
Co'a arvore a agitámos; segurar-se
Tenta em vão. Era perola brilhante...
Cahiú—só lodo é!...

É toda nossa a culpa; e o abastado,
 Cujo ouro seductor a corrompèra,
 Também a culpa tem!

E esse mundo, que ri do desgraçado,
 Que zomba das miserias, que elle gera,
 É culpado tambem!

Mas dentro em si conserva o lodo ainda
 A gôta de agua pura, que libara;
 Para que ella do pó

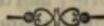
Coimbra, 13 de Dezembro de 1859

Consiga desligar-se, e outra vez linda
 Ostente essa pureza, que deixára,
 E crystal seja só;

Para que do vil lodo exempta, solta,
 De perola retome esse, que teve,
 Primitivo esplendor;
 Basta—e é assim que á vida tudo volta—
 Ou um raio de sol, que a si a eleve,
 Ou um raio de amor.

Eugenio de Barros.

BLEGIA



ARGUMENTUM

Apud Algarbios piscandi studio breviter descripto, Joachim Joannis Marreiros Netto, fratrem, undis obrutum, deflentis, acerbum dolorem auctor significat; et, omnia interitui obnoxia canendo, ad spem hortatur.

Est moris Lusam occiduamque colentibus oram

Captare, Oceanoque abripere humidum onus;

Piscandi studio tempusque aetasque tenetur,

Coeruleumque mira fallitur arte pecus:

Lucè recens orta, huc seniores otia ducunt,

Ludere longe audax et cupit ire puer;

Nec desunt, quos (omnem equidem victum his mare praebet)

Ingratum adsiduos detinet officium.

Hic infaustum anser ludentes praemonet omen

Littoreus, rauco terque cave ore sonat;

Hic vidi juvenes, quorum nunc pandere iniquos

Peligno casus carmine, musa, studes.

Alter in Elysium evolat; ullos effugit alter

Flendi nosse modos, et fame ferre cibum;

Jamque tacet, moestas jam rumpit pectore voces

«Amisi, amisi (flectibus ecce genas

Irrigat, et facie citus undique concidit imber);

Artus discernptum non laniavit aper;

Errantem non saeva tensus arundine fixit

Arcus, quo Nabathes Sarmatave ipse valent;

Non turbas interque acies jacet, ense peremptus
 Dilectoque procul fratre, proculque domo:
 Ast piscandi inter studium incauto Oceani undam
 Miscet turbo, marique incubat inde chaos;
 Vidi ipse ante ora, elisā nam nube micabat
 Fulmen, in astra vehi cymbam et in ima rapi,
 Ejicitur vector subito, alma o mihi luce
 Carior, et fluctus vix dirimit diu agens;
 Tum crebro reboare poli, tum decidere ignes;
 Obstupui, et visum lumina deficiunt.
 Me miserum! cui sic morientis sumere non est
 Spiritum, et haerendo membra tenere sinu;
 Intus lugentem curae, angit me dolor intus,
 Heu! desideriumque effigiesque memor.
 Ille satis vixit, qui cum fratre occidit uno,
 Felices sequeris mors miserosque fugis!
 Surgente aurora, dubius quo ducere gressus,
 Ad littus residet, carmen ubi ore gemit;
 Interdum exesa flentem sub rupe videres
 Fictas quam voces dein resonare docet:
 Sic Phaethontiadum olim fertur turba sororum
 Eridani in ripis id lacrymasse simul.
 Vanis, frigida cum noctem efficit umbra quietam,
 Audit imaginibus, voce sequive juvat.
 Ut crudum vulnus manus odit opemque medentis,
 Deinceps formidat, nunc patitur, modo amat:
 Sic refugit solatia, mox desiderat ultro,
 Ac dolor admotis inde quiescit edax.
 Qui tibi, amice, alitur dolor atque accrescit in horas,
 Arceto quaeso; nunc lacrymae estque satis.
 Hoc vero esse viri credo perferre labores,
 Forti teque decet pectore dura pati.
 Non sic alternos furit aequor volvere fluctus,
 Ut fortuna hominis munera spemque rotat.
 Parcis jus necis ac vitae; cras ibimus una,
 Pallida quo fratris perpetuo umbra manet.

A SOLIDÃO

Todo homem procura a felicidade; porém cada homem, segundo seu modo de ver, a faz consistir em objectos, cuja natureza não é homogenea. Uns entendem, que ella consiste na fruição das honras, dos grandes empregos do mundo social; outros na aquisição, no gozo das riquezas; e mil outros em mil diversas cousas: uma grande parte dos homens a faz consistir na tranquillidade do espirito. Esta derradeira these é a que mais se conforma com minhas ideias.

Como pôde ser feliz o homem, envolvido no tumulto das gentes com diversa organização, e cuja educação e propensões variam em cada momento, bem que elle por suas riquezas viva na maior opulencia possível? Como será feliz, sendo continuamente contrariado pelas suas paixões em desharmonia com as paixões dos outros homens? Nunca o será o que especula com os mares, confiando-lhes sua fortuna; nunca o guerreiro, que, forte na sua espada, ousa debellar seus inimigos para fazer emfim no campo da batalha; nunca o magistrado, que profere uma sentença injusta, restando-lhe finalmente o remorso; nunca um corpo politico, que, valente em suas convicções, muitas vezes posterga a lei, ou por erro ou de proposito, dando origem a resultados, que serão sempre insanáveis. Este pensamento podia ser exemplificado de muitas maneiras; trabalho ocioso quando a verdade é de simples intuição, e por si mesma se revela a todas as intelligencias.

O homem amigo da solidão, possuindo os sufficientes meios de subsistencia, e com seu espirito tranquillo, pôde dizer-se um ente verdadeiramente feliz. Ruja embora a tempestade, ou physica ou social, seu animo não se altera; gritem embora as turbas populares, pertendendo fazer convellir os eixos do mundo, em que vivem; imperturbavel, pesando em sua firme consciencia as possiveis eventualidades, o homem, senhor de sua situação, não estremece, e resta sempre tranquillo. Longe do bulicio das cidades, evitando os convicios, e as opiniões disparatadas, que vão em toda a parte, onde ha cerebros desarrazoados, o homem vive num feliz quietismo, que nada perturba; se abunda em grandes meios, que a fortuna costuma prodigalisar a seus escolhidos, não se deixe fascinar por elles; baste-lhe o necessario para viver, preferindo a essas riquezas o retiro, a vida do campo, aonde não abordam os clamores desordenados das populosas cidades,

e aonde tarde chegam as vozes assustadoras, de que está o mundo transtornado.

Nos passeios campestres, entregue ás suas cogitações, que servem de distraill-o, não forma planos desorganizadores; ora contempla a vida vegetal, os seus diversos phenomenos; ora observa o curso dos ribeiros, que vão irrigar extensas campinas; ora examina o estado meteorologico da atmosphaera, se está proxima alguma tempestade, que venha entorpecer a existencia das plantas, de que derivam as subsistencias para os seres organizados. A solidão, assim comprehendida, deve fazer as delicias de todos os seus amantes. Recolhido o homem em seu retiro domestico, encontra juncto a si mil objectos que o entretenham; as lições da historia lhe patentearão as revoluções do mundo, que a raça humana foi sempre, o que hoje é; os livros da sciencia o instruirão de tudo, que convém saber para regular suas acções, e a marcha de seus deveres para com Deus, e para com os homens. A amena litteratura lhe suavizará as amarguras da vida, se algumas podem perturbar-o neste genero de existencia tão feliz. A musica, a pintura, ou outra qualquer arte de sua predilecção pôde acarretar-lhe momentos deliciosos. Talvez se diga que tudo isto é imaginario; que a realidade é outra; não o entendo assim; todo homem tem deveres a cumprir; pertence á sociedade; a sua posição, qualquer que seja, o constitue na rigorosa obrigação de preencher officios, que deve exigir essa mesma sociedade. Satisfaçam-se esses deveres, que podem dizer-se sagrados, e depois esse homem seja o homem da solidão, que tantos bens encerra, considerada como eu a comprehendo.

Que se utiliza em seguir os movimentos tumultuosos, que em cada passo se nos antolham? Essas exageradas ambições, sedentas de poder, e de ouro, irritam as paixões dos homens para perdel-os; cavam-lhes o abysmo, que deve devoral-os; preparam-lhes a vida do crime, salvas honrosas excepções; e quem fór serio e grave, quem amar o justo e honesto, que deverá fazer? Retirar-se para não ser engolido no sorvedouro, cujas abertas fauces têm de tragar a geração presente.

Epilogando as considerações expendidas, terminarei dizendo, que o homem da liberdade, e que bem pense, deverá amar a solidão, sem deixar de cumprir o que sua consciencia lhe inspirar; deverá abandonar as turbas, cujas tumultuosas inquietações podem acarretar, não o progresso, mas a dissolução da sociedade. (Z.)

TOPSY

A Escrava

(Continuado do n.º 9)

III

A cabana da noite, assim chamada por ser construída á luz da lua, que no bosque pouco filtrava, ou, o que é mais provavel, por ser erigida 'num logar, que a ramagem das arvores espessas e gigantes entreteinha sempre meio escuro, e em plena sombra, foi obra quasi momentanea dos filhos de Topsy, que, apenas souberam da manumissão de sua mãe, tractaram de lhe proporcionar pela habitação os primeiros cuidados do homem livre. Improvisada no ardor do affecto filial, a cabana nada a adornava a não ser a simplicidade campestre, alli simbolisada na pobreza nua, e mostrando em despeito das regras d'arte e gosto apurado, o imperio da necessidade e do instincto que procede implacavel e indefesso; e se generalisa por de cima de todos os enfeites, fórmas e ceremonias, de que o civilismo costuma vestir os palacios dos grandes, e cujo fim é transmittir á posteridade indiscreta a noticia, por historica então mais respeitosa, de que habitára alli o sangue assoberbado no esto das batalhas, ou nobrecido na empreza de feitos gloriosos, que das páginas da história das nações transluz credito, honra e independencia para a humanidade.

Não ha contraste possivel entre o tugurio do pobre e o palacio do rei; mas ha-o, e esse bem frisante, entre o pobre e o rei.

É o rei o soberano, o pobre o vassallo, cá na ordem do mundo, bem se entende; mas o rei e o vassallo são ambos homens, ambos eguaes, homens livres, e estas qualidades, que os constituem o que são, não se mudam, nem se alteram, nem se aniquillam: nem são sujeitos a agentes reformadores proprios, nem extranhos. É nisto que o rei e vassallo se amalgamam pela entrada de suas essencias humanas no mesmo vaso; se sujeitam ás mesmas contingencias do tempo; dependem das distancias igualmente severas, que os alongam de Deus, e no mundo se communicam, apoiam e fulcimentam reciprocamente, como se do soberano fóra esteio o vassallo, e do vassallo sustentaculo o soberano. Assim é.

Na escravidão, 'naquelle miseravel coarctamento da liberdade humana, em que nem bem póde o homem, então deshumado pela lei,

construir commodamente uma habitação, que o abrigue das injúrias do tempo e mudança de estações, o poder que executa a lei, não é apoio do nobre, que se executa; nem o precioso escudo, que em toda a parte deve tutelar a natureza do homem, e em todas as circumstancias ser a egide segura, em que não possa abrir brecha a mais fina tempera do despotismo; mas é um elemento anarchico, creado no pensamento da desigualdade, nutrido no da ambição, e, para eterno desdouro dos homens, barbaramente executado no de uma avareza desmedida. E quando não basta a unidade moral do mal!

Se em sua origem o mal da escravidão fósse unico, se não o defendessem heroicamente milhares de interesses, que têm empenhado e degradado com este empenho as pessoas, subervindo-as á materia, se algumas fortunas de ricos thesouros, que o sangue de irmãos, convertido em elemento selvatico, engrossára collossalmente, preparando, miseravel contradicção das instituições humanas! pelas suas mãos o jugo de ferro, contra o peso e pungimento do qual nem queixas nem leves e innocentes indicios de mortificação tão despiedada são permittidos, se finalmente o hábito do commando, enraizado profundamente nas almas já embotadas, e corações de bronze dos senhores dos escravos, não tivesse banido das consciencias de taes homens a ideia de egualdade e fraternidade, e feito olvidar-lhes os dictames e conselhos, que outr'ora as theorias da justiça infinita lhes fallavam á cabeça e ao coração, se, dizemos nós, estas e outras muitas cousas não concorressem poderosamente em prol de uma instituição, que nem a natureza, nem os tempos, nem os logares podem por fórma e lado algum justificar, era crível que um esforço do seculo das luzes, como o chamam, contra esse repugnante legado das eras nefastas, curasse essa gangrena do corpo social, perseguindo-lhe o veneno em todas as suas veias; mas contra a luz do progresso e desinvolvimento dos que, tendo a mira no seu destino particular e no social, procedem na elevada esphera de sua natureza racional, luctam as trevas do egoismo e da avareza, vicios personificados no seio de riquezas devastadoras para a humanidade, porém, mau grado das victimas, reproductoras por si, e susceptiveis de gigantescas proporções.

É assim que, em quanto cada gota de sangue do escravo influe-novo vigor no principio fecundativo da casa do senhor, cada homem

escravo é violentamente despojado em favor do tyrannete d'aquella robustez, que para si era um capital, com que o dota a natureza, que á humanidade concedeu um fundo de forças para o conhecimento e applicação das quaes aos mistéres variados da vida, são indispensaveis os planos da intelligencia, que costumam preceder e guiar a actividade humana, acompanhando-a em todas as suas operações.

Topsy o que tivera d'aquelle capital, generoso dom do Deus do homem, consumira-o emquanto pelo consumo elle vertia utilidade para o seu senhor; agora até do senhor repudiada, desajudada da natureza, que impassivel a vira arrastando a vida amargurosa do captivo, sem força, sem agilidade, sem protecção physica, que moral tinha ella muita na affeição dos seus filhos, Topsy vivia na cabana, exposta ao tempo, e a todos os azares da fortuna, porque nem a fórma de construcção da sua pobre habitação, nem os cuidados de sua familia eram sufficientes para a defender de todos os maus incidentes.

Imagine-se uma choupana em terra alagadiça, no meio d'um bosque espesso, de arvores altas e muito frondosas, offerecendo ao observador uma noite continua, só differente da tenebrosa pela luz diffusa d'alguns raios luminosos em diminutissimo fasciculo, que se coava a custo através dos ramos enlaçados, construida em fórma triangular, terminada por tres espeques de pau, que faziam de cunhaes, meados de ramos e arbustos emmolhados e sobrepostos, sustentados por troncos d'arvores tenras collocados horisontalmente d'um e d'outro lado, e pregados a modo de engrenadura; por cima e através abobadavam este pequeno edificio um vigamento celebre, só alli conhecido e empregado, por cima do qual se estendiam croças de junco enlaçado a curvas ordens, que deixavam umas ás outras uma camada de felpe, que as cobria em toda a extensão, augmentando assim a impermeação da chuva; a porta pequena, aberta num dos lados do triangulo não dava entrada ao tempo, se por toda a armação d'aquella obra tosca não podesse entrar livremente: assim era ella em principio, mas depois as folhas das arvores, que o vento sacode, e que param onde se encostam, os ramos estalados pelo raio, e arrojados do vento para longe dos troncos, e os arbustos queimados do sol, separados da terra, e misturados com cisco empastado no barro apanhado, que o calor torrava, tudo isto se agglomerava em redor da habitação de Topsy, a qual tinha

o aspecto d'um montão de vejetaes, que a natureza degradára.

Assim era por de fóra a cabana da noite.
(Continúa) J. Machado Cabral e Castro.

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 11)

IX

De como vieram a Elvas os eremitães da serra d'Ossa

No fim do reinado de D. Fernando I chegaram a Elvas João Lopes, e Lourenço Matheus eremitães da serra d'Ossa, pessoas de grande virtude: buscaram para sua residencia um sitio ermo e aspero, na distancia de Elvas quasi uma legua, aonde havia uma fonte, que dava principio a um ribeiro, que, pelas muitas curvas que faz, lhe chamam *rio torto*. Alli fixaram a sua residencia, sustentando-se dos fructos que a terra a seus tempos produzia; e, para se proverem do mais, se occupavam em obras manuaes á maneira do Apostolo. Eram por suas virtudes mui conhecidos e venerados.

Continuando a viver neste sitio, na singeleza e innocencia de seus costumes, pelos favorecer e accommodar melhor, Lourenço Annes Reguengo e sua mulher Margarida Domingues lhes fizeram doação de umas terras, que possuiam juncto ao *rio torto*, que partiam com as em que os eremitães tinham a sua residencia.

A este exemplo, lhes fez Domingos Amado doação de outra terra, que lindava com a que Lourenço Annes lhes tinha dado.

Os dois religiosos, pela parte que lhes pareceu mais util, romperam os montes, e, porque tinham nascentes de agua, plantaram um pomar, e fabricaram uma igreja, na conformidade da disposição, que Domingos Amado lhes pôz na doação que lhes fizera. Aqui viveram emquanto as guerras, que depois se seguiram, os não obrigaram a segurar suas pessoas.

(Continúa) M. J. Pires.

Explicação da charada do numero antecedente
— *Socego*.

ANALYSE

DO ACCORDÃO DO CONSELHO DE DECANOS

de 26 de Janeiro de 1860.

Periere mores, jus, decus, pietas, fides.
Seneca, Agam v. 112.

A justiça é a luz que nos esclarecerá no caminho que temos a seguir, e no resultado a que pretendemos chegar.

E' unicamente o sentimento da justiça, o que nos leva a defender o sr. José Cardoso Vieira de Castro; todos os mais sentimentos desaparecem na presença d'este.

Não pretendemos offender a susceptibilidade do Conselho de Decanos; as nossas armas não são as da injuria e calumnia; são simplesmente as da razão, com as quaes pugnamos até alcançarmos o nosso triumpho.

O citado Accordão appresenta os seguintes fundamentos para a exclusão do sr. Vieira de Castro:

1.º O facto da reincidencia; 2.º o trajar um vestido indecente e exquisito; 3.º o ter desafogado a sua ira contra o Guarda-Mór em palavras e expressões grosseiras e torpes.

São estas as unicas razões allegadas pelo Accordão.

Analisemos cada uma, começando pela primeira.

O primeiro delicto a que se referiu o Accordão, foi o ter o sr. Vieira de Castro censurado o procedimento da faculdade de direito, por ter reprovado um dos candidatos mais dignos, o sr. Augusto Barjona.

O segundo dilicto consistiu apenas em haver dirigido algumas expressões mais d'agastamento, que injuriosas, ao Guarda-Mór da Universidade; quando este lhe voltou as costas em vez de responder, como devia, a uma pergunta, que com toda a urbanidade lhe tinha enderecado o sr. Vieira de Castro.

Não havendo por tanto analogia alguma entre estes dois factos criminosos, não se pode dizer que houve reincidencia.

Em direito penal, em que as leis devem ser interpretadas restrictivamente, só se admite a reincidencia, quando o crime committido é por sua natureza igual ao primeiro; mas ninguem dirá que a censura irrogada á faculdade de direito, quando esta procedia á votação, tem alguma analogia com um simples dilicto, provocado pela grosseria do Guarda-Mór.

Se o primeiro dilicto foi castigado com a pena de dois annos de exclusão; o segundo, para haver proporcionalidade, merecia ser pu-

nido com uma simples reprehensão, ou alguns dias de detenção, quando muito.

Custa-nos amargamente o termos de relatar factos, que bom era ficassem eternamente esquecidos; porem a justiça da nossa causa está acima de todas as considerações, que, como particular, é do nosso dever guardar para com os Lentes da faculdade de Direito, a quem geralmente devemos muitos favores.

O sr. José Cardoso Vieira de Castro, joven essencialmente independente e justo, não teve a prudencia necessaria, quando levantou a sua voz eloquente e enérgica a favor do sr. Augusto Barjona, que acabava de ser reprovado pela faculdade de direito; não foi prudente, mas foi justo; quiz antes supportar o martyrio que ver a justiça ultrajada. Actos de abnegação d'esta ordem merecem antes o perdão, que o castigo.

A advertencia do illustre mancebo surtiu um effeito vantajoso; fez mudar d'opinião a faculdade, approvando o mesmo que, ha pouco, havia sido reprovado; fez entrar no magisterio um lente dignissimo; que se assim não fora ficava excluido.

Não se pense que a faculdade foi coacta n'esta nova votação; foi considerada como livre e por isso approved o seu voto.

Quem dirá, á vista d'este proceder, que o sr. Vieira de Castro é um *discolo e turbulento*? O sr. Vieira de Castro é um moço inexperiente; os seus sentimentos de independencia e abnegação não forão ainda profanados com as pestíferas conveniencias sociaes: o justo é a sua divisa.

O arbitrio não se coaduna com os eternos principios d'harmonia social, que em virtude de sua propria natureza exigem uma regra certa e uniforme em todos os actos humanos. Porem quando a injustiça é acobertada com as formulas da lei, que por sua elasticidade se prestão tanto para o bem, como para o mal; n'este caso prescinda-se de formalidades, e vamos á essencia de cousas, que merecem mais consideração, que o simples envolucro que as encobre.

A justiça é o alvo d'um coração bemfazejo, d'uma alma nobre e independente, a qual attende mais ao real que aos sacrificios que impõe a detestavel sociedade d'hoje, a que se chama seculo das luzes; mas não da justiça.

Em quanto se modelarem os actos do homem pelas miseraveis considerações do in-

teresse, conveniências e vantagens sociais e particulares; os nobres sentimentos de independência e justiça hão de ser stygmatisados com o ferrete de ignominia.

Hoje despresão-se esses arrojados d'uma alma nobre, que arremeçando-se por entre os interesses e paixões humanas, se vai postar ao pé do altar de justiça; hoje estas generosas emoções são vilipendiadas, calcadas aos pés; aniquiladas até; se o coração humano não tivesse limites de pressão, transpostos os quaes, despedaçaria as arcadas que o opprimem, assignalando com os estilhaços o character da injustiça.

Continuemos.—A segunda accusação que se faz ao sr. Vieira de Castro, é o trajar um vestido indecente e exquisiteso. Quem mais decente se apresentava na Universidade? Ninguém. O ponto sobre que versa a accusação consiste apenas em o sr. Vieira de Castro trazer um calção, que não é mais, que uma meia prolongada—; vestuario este que no tempo do vice-reitor, sr. José Ernesto de Carvalho e Rego, hoje membro do Conselho de Decanos, era permitido tanto aos estudantes, como os lentes.

Em quanto ao terceiro fundamento em que se basea o Accórdão, temos somente a dizer que o sr. Vieira de Castro timbra de estar n'uma posição bastante elevada, para descer á baixeza de injuriar o Guarda-Mór, que insolentemente lhe voltou as costas, em vez de responder como devia; o que provocou de parte do sr. Vieira de Castro algumas expressões d'agastamento.

Attentas estas circumstancias, entendemos que a pena foi injusta; e que nunca podia ultrapassar alguns dias de detenção.

Comparemos agora o facto, tal qual elle é, com o regulamento citado pelo Accórdão.

O Regulamento de 25 de Novembro de 1839, em que se basea a decisão do Conselho de Decanos, diz o seguinte:

Art. 3.º Na applicação das penas de exclusão perpetua da Universidade haverá respeito as seguintes regras:

§ 2.º Os estudantes que dentro das escholas perturbam o exercicio d'ellas com desordens graves, arruidos, e tumultos escandalosos; os que dentro ou fora das escholas praticarem actos de *qualificada* insubordinação, desobediencia ou resistencia; os que faltarem ao respeito devido ao Reitor e aos Mestres proferindo injurias ou violencias contra elles; os que forem convencidos de haverem provocado outros alumnos aos mesmos actos; finalmente, os que praticarem quaesquer outros actos de igual natureza; em qualquer d'estes cazos serão punidos com a exclusão da Universidade por um ou dois annos segundo a gravidade das circumstancias.

Se houver *reincidencia* os estudantes serão excluidos perpetuamente da Universidade.»

Fundado n'este Regulamento o Conselho de Decanos houve por bem em 1857 riscar da Universidade por dois annos o sr. Vieira de Castro. Já dissemos o quanto nos pareceu necessario para a moralisação d'este acto; por isso passemol-o agora em silencio; esperando em outros rasgarem completamente o negro veio, que o encobre.

A ultima parte do § 2.º « Se houver *reincidencia*, serão excluidos perpetuamente da Universidade ». Poder-se-ha dizer que houve *reincidencia*? Haverá alguém que admitta analogia alguma entre a censura dirigida á faculdade de Direito, no exercicio de suas funções, e uma simples expressão de agastamento dirigida para o lado, e provocada pela insolencia do Guarda-Mór?

Isto para nós é evidente; se errarmos não é por não haver-mos empregado os meios mais apropriados, a fim de nos esclarecermos. O erro merece perdão.

O citado § 2.º n.º 2.º menciona tambem aquelles, que dentro ou fóra das escholas praticarem actos de *qualificada* insubordinação desobediencia e resistencia. Estamos convencidos que em nenhum d'estes casos se comprehende o tal desacato ao Guarda-Mór; 1.º porque houve da parte deste provocação, como é seu costume para com o geral dos Estudantes; 2.º porque o sr. Vieira de Castro não se dirigiu directamente ao Guarda-Mór; por isso que este entendeu que devia voltar as costas, em vez de responder como devia.

E' um absurdo o suppor-se que a lei comprehende na mesma classe delictos tão distante em gradação; absurdo este que está resalvado pela expressão — *qualificada*.—

Se o sr. Vieira de Castro merecia ser punido com a exclusão perpetua; devia ter muitos companheiros; são muitos os que nós conhecemos haverem dirigido expressões muito mais fortes ao Guarda-Mór; cuja insolencia provoca o estudante mais submisso; não usa de meios brandos nas suas advertencias, recorre immediatamente ao mando e cumprese; é um empregado que nunca teve educação; e quer ser considerado pelos estudantes! Auctoridades d'esta natureza merecem ser eliminadas da face da terra.

Entendemos por tanto que o citado Regulamento não podia ter applicação ao sr. Vieira de Castro 1.º pelas circumstancias que attenuam o desacato ao Guarda-Mór 2.º pela expressão *qualificada* que se não refere ao caso em questão; aliás tudo era *qualificado*; 3.º para não haver contradicção, na lei classificando e punindo igualmente crimes d'uma natureza tão diversa; 4.º porque temos um outro artigo do Regulamento, que é applicavel ao caso presente; é o art. 14 § 15. N'este paragraho determina-se o seguinte « Cumpre ao Guarda-Mór intimar os estudantes para se

absterem de expressões indecentes e indignas de pessoas bem educadas ou para não fazerem extorsões de dinheiro contra os alumnos, que de novo frequentarem os estudos em Coimbra, e para não entrarem nos Geraes ou qualquer acto ou reunião academica, sem vestidos talar limpo e decente, dando parte ao Reitor dos que não tiverem accedido á intimação. »

A' vista deste artigo regulamentar, somos d'opinião que o Guarda-Mór devia intimidar o sr. Vieira de Castro, para se abster d'essas expressões injuriosas e indecentes; e depois não accedendo dar parte ao Reitor. O Guarda-Mór não procedeo como devia; por isso que a provocação da sua parte collocou-o na mesma posição d'um simples particular, talvez peor ainda; porque ninguem haverá tão mal educado como o Guarda-Mór d'esta Universidade.

Logo que uma auctoridade exorbita, perde o caracter d'auctoridade, por isso que saiu dos limites em que actua o seu poder; passa á simples condição de particular, ficando assim despida de todo o caracter publico.

A lei e a auctoridade estão intimamente unidas; faltando aquella, esta termina inconscientemente.

São estas as nossas idéas; são tambem as de todo o homem, que prezar a sua liberdade, mais que tudo.

Não queremos licença, mas queremos e desejamos liberdade que tenha por fundamento a justiça, e só a justiça que para nós é tudo.

Se não fosse este motivo não sei como nos sair da melindrosa collisão em que nos achámos collocados: d'um lado os deveres de gratidão, para com a Universidade, nos obrigavam a tomar a sua defesa; do outro o dever de humanidade, que nos assiste, de tomarmos a parte d'aquelle, a quem a sorte fez sair no infortunio.

Nestas circumstancias a luz brilhante da justiça nos veio determinar o caminho, que tínhamos seguir. Se errarmos, a verdade será d'aqui avante uma chimera, e o septi-

cismo a unica philosophia, que em nós encontrará acolhimento.

Parece-nos porém que não teremos de renegar as nossas crencas; porque não somos só nós, que assim pensámos; são todos, quantos conhecem o facto e sabem a lei.

Ha porém alguns rebéldes ás idéas do seculo, que querendo defender o Accordão, mais o accusão; tal é o poder de consciencia, que os obriga a falar a verdade, ainda que a sua vontade a isso se recusa.

A estes, que pertendem fundamentar o Accordão em alguns escriptos do Sr. Vieira de Castro, não temos senão uma simples resposta, e é que estudem o direito, se quiserem fallar na sua applicação. Se o Sr. Vieira de Castro ultrapassou os limites da liberdade de imprensa; porque não foi o Sr. Vieira de Castro chamado aos tribunaes, e castigado com alguma das penas Universitarias? Como punir factos, que por si só não estão sujeitos á penalidade com um castigo de morte academica? Não comprehendemos que de quantidades negativas se faça uma affirmativa. Deixemos estes retrogradós pensar como quizerem, e sigamos os principios do justo, que devem ser a nossa bandeira no labutar continuo da intelligencia humana.

São estas as idéas, que nos dicta a nossa consciencia, e sente o nosso coração; são estes os unicos motivos, que nos obrigarão a defender o Sr. Vieira de Castro que conhecemos desde o dia da sentença fatal.

Nós não queremos offender a susceptibilidade do Conselho de Decanos, o nosso unico fim é defender a justiça, acompanhando o brado que a imprensa tem levantado e levantará a favor do nosso talentoso o condiscipulo o Sr. José Cardozo Vieira de Castro — condiscipulo dizemos nós porque um sentimento d'esperança nos diz que o justiceiro Monarcha hade attender os nossos votos.

B. d'Albuquerque e Amaral, Estudante do 5.º anno Juridico.

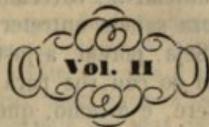
ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO



N.º 13

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
 { B. Albuquerque e Amaral



Vol. II

Correspondência de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1860 — FEVEREIRO — I

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 .

Ao meu amigo e ex-condiscipulo J. Cardoso Vieira de Castro

Inda que sei, que pouco ou nada val
Natureza sem arte e sem doutrina,
Que póde, com amor, parecer mal?

BERNARDES.

A amizade, dom do céu, encantando a vida do homem e duplicando-lhe o coração, é um dos mais bellos e uteis sentimentos, que caracterizam o ente livre e intelligente.

Num só e íntimo pensar reúne as almas, que por madura sympathia enlaça, distribuindo-lhes, como presente commum, já o aroma das flores, já a aspereza dos espinhos, que ladeiam a estrada do mundo.

Companheira fiel nos dias da adversidade derrama balsamo precioso de consolação para fortificar o animo abatido, que instinctivamente o acolhe e gosta, como a ave implume o alimento, que a mãe cuidosa lhe apresenta; o infante o peito, que o nutre, e os animaes o ar, que lhes dá vida. — Com a virtude e palavras de prudente conselho reanima a coragem, que se eleva á altura da aguia, adejando sobre a cabeça aos silvos de paixões ignobeis, elementos destruidores da ordem. — É o enlevo das almas puras e afortunadas. — É a providencia na desventura!

Joven ex-condiscipulo, cuja candura e inexperiencia, escutando a impetuosidade do coração e os brilhantes vôos da intelligencia, dispensavam ainda de empregar a precaução do fio de Ariadne no labyrintho da vida, murchou o risonho florir de tua existencia; sumiram-se tuas illusões, pobres flores, que o veneno conspurcara na seiva! Surge hoje o fructo amargo; surgem tristes realidades, que te enlutam a primavera da vida, tão rica de nobres aspirações, quanto incapaz de dissimulação e embuste! Alumno das sciencias, expulso do templo dedicado á sabedoria, teus solemnes votos foram annullados, e penas perpetuas vão enervar teu espirito, fortalecido de dons da providencia, e deprimir teu talento, enriquecido de regulada cultura!

Na hora da despedida, como amigos e collegas nas lides litterarias, te estreitá-

mos nos braços; o rosto, fiel retrato da alma, te indicára que não eramos alheios ao justo sentimento, e as lagrimas, que então se confundiram com as tuas, foram provocadas pela sensibilidade desinteressada de animos bem formados. — Desappareceste, e logo a dôr estendeu seu escuro manto sôbre os corações; que, procurando beneficiar-te, careciam de meios, á maneira dos miseraveis indigentes, que na pobreza sabem entreter desejos.

Seja, porém, a justa queixa o echo da nossa dôr, já que todos os entes receberam do céu voz para significar suas penas: o bronze retumba sob o martello, que o fere, e o ramo, que se quebra, espalha um som enternecido.

Sumido o pensamento na tristeza, longe iria o soffrimento; nosso supplicio, qual o de Prometheo, corroeria eternamente o coração, se a esperança, egide e consolador sustentaculo d'uma justa vontade, não reflectisse já os brilhantes raios da justiça e clemencia, que constituem o talisman e ornamento dos reis da terra.

A Mão Poderosa se estendeu para nós proteger: a virtude reclina-se sôbre o throno e endeusa o Rei, cujo esplendor doura a nação.

Alumno das sciencias, se o naufrago afflicto pinta a terra nas nuvens, e o encarcelado, durante as trevas da noite, imagina que verá surgir a liberdade com o astro do dia, tu mais feliz ajoelha ante o Monarcha Portuguez, e experimentarás o que póde sôbre a terra a auctoridade unida com a virtude; oxalá que, juncto ao throno, a régia mão te eleve, como outr'ora a rainha de Carthago elevára o varão pio; oxalá que a régia beneficencia, concedido o perdão, te reenvie ao nosso gremio amigo e litterario, como outr'ora o generoso rei da Macedonia perdoára os excessos do rebelde Poro, restituindo-o aos seus pequenos estados.

E perante Vós, ó Deus, desapparecem as faltas do arrependido, como os flocos de neve se desfazem tocados pelos raios do sol! E diante dos milagres da Vossa graça que inclinâmos com humildade nossas fronte, reconhecendo que sem Vós nada somos e nada podemos. *In Deo vivimus, movemur et sumus.*

Coimbra, 30 de Janeiro de 1860

F. P. Santa Clara.

Uma pena de morte academica riscou da Universidade um dos maiores cultores das lettras, o nosso condiscipulo José Cardoso Vieira de Castro.

O templo da sciencia ficou para sempre fechado a um dos seus grandes admiradores.

Como condiscipulos sentimos a perda d'um condiscipulo; como amantes do saber sentimos que entre este e o sr. José Cardoso Vieira de Castro, se fizesse uma separação completa, por toda a vida.

Vêr cortada a carreira a um talentoso estudante, a quem na primavera de sua vida se ostentava um futuro tão esplendido, é para compungir a um estranho; quanto mais a nós, que o tinhamos por companheiro fiel nas lides academicas!

Uma dôr profunda nos enlutou o peito, que só encontrará allivio, quando nos fôr restituído o nosso condiscipulo.

Appellâmos em último recurso para o nosso virtuoso Monarcha, em cujos braços se lançou o sr. Vieira de Castro, com uma petição assignada pela academia, e grande parte de nossos mestres.

Confiâmos em que no alto throno hão de ser ouvidos os nossos rogos.

O EQUILIBRIO E HARMONIA SOCIAL

A justiça, centro de todos os direitos e de todas as vontades, podemos e devemos considerá-la como um pharol brilhante, que nos governa e dirige com mão segura por entre o remoinhar contínuo de interesses oppostos, paixões ignobeis, e sentimentos contraditórios.

Porém, a experiencia nos atesta que nem sempre as leis são justas, e seus executores fiéis observadores de seus preceitos. Nestas circumstancias o unico subsidio, a que nos socorrer, é ao sagrado e inviolavel tribunal da justiça, o unico que poderá decidir, livre de preconceitos, alheio a paixões, guiando-se sómente pela luz brilhante, que da natureza suprema é irradiada.

Sempre, a fim de haver todo o rigor de direito, devia ser pelas leis facultado este ultimo appello; porque em tudo e por tudo deve haver justiça, aliás a harmonia, que deve presidir a todos os nossos actos, será cambiada pela desordem social, que inevitavelmente se segue e seguirá; só se a natureza íntima das cousas, e das leis, que as regem, fôr invertida por mandado supremo. Logo que a injustiça seja commettida, a escravidão apparece, como indicio certo e necessario do augmento da esphera do aggressor em detrimento do offendido, a quem a justiça coadjuva, e os homens despresam. Este estado de predominio do senhor, e submissão do escravo, é a morte fatal da sociedade, e mais cedo ou mais tarde a destruição completa dos mesmos senhores feudaes.

A experiencia de todos os tempos, aonde se estampa e une o que a philosophia descobre e separa, mostra-nos, assim nós attentos colhamos os seus fructos, que a acção e reacção precisa ser contrabalançada; d'outra sorte a sociedade correrá breve a restabelecer a harmonia, usando dos meios mais apropriados, segundo as circumstancias particulares e geraes, a fim de derribar o predominio que um elemento assimilou a si, e que o principio organisador pede seja restituído ao que injustamente foi privado ou por a acção poderosa, ou reacção despótica.

O equilibrio é o magestoso problema social, é o typo de perfeição humana; ainda que nunca attingivel, porém sempre obrigatorio para todos, sejam quaes forem suas posições sociaes ou particulares; porque acima do que vemos está a justiça, como ponto transitorio para um outro estado, por certo, mais perfeito que este.

Tudo o que tender á realisacão d'este principio, collocando na sua posição cada uma das individualidades, que a natureza acolhe com o mesmo carinho, sem distincção de pessoas; tudo, dizemos nós, é justo, procedendo-se com regularidade, porque a posição do homem não se coaduna com a baixa condição de escravos; para quem a morte é a vida, e a vida a morte.

Esta harmonia moral, mais harmónica que a natureza physica, vae hoje nas azas da philosophia moderna, verdadeira philosophia, a ser mais considerada em si e em suas consequencias, que a humanidade, a quem o raciocinio em seus principios e deducções prendem com maior vigor que os ferros das masmorras, e a fouce do algoz, pretende conhecer para o regulamento racional de todos os seus actos.

Esta tão decantada harmonia, em que se têm concentrado todas as attentões dos escriptores modernos, tão elogiada por Kant, Krause, Ahrens, e todos os escriptores da nova eschola, não passa de um simples sonho, cujas aspirações são tão elevadas, que a rachitica mas orgulhosa civilisacão moderna não comporta.

O mal merece serios cuidados de todo o homem, qualquer que seja a sua posição social; porque todas as relações, ainda as mais distantes, se prendem e engrenam, de fórma que a menor quebra d'uma d'ellas é sufficiente por si a arrastar a destruição das outras.

O homem é a sociedade, e esta é o homem.

Tirem-se d'este principio as deducções que elle comporta, e a sociedade irá caminho recto á perfeição.

A solidariedade é o caracterisco da natureza individual e social.

O tigre tomando o gosto no sangue da victima augmenta progressivamente o seu furor, que só terminará depois de completo o sacrificio.

Este é o caminho da arbitrariedade e do despotismo, que só encontra limites depois da aniquilação dos elementos soffredores.

Logo que a desordem apparece, convem empregar todos meios, que possam reter o curso devastador da tyrannia; aliás tomará alento, recuperará forças, que só uma reacção poderosa será capaz de conter, transformando-se em ultimo recurso em licença desenfreada.

A historia, desengano dos incredulos, mostra-nos em todas as suas páginas o que a philosophia descobre em suas indagações. Ainda hoje se veneram os nomes de Junio Bruto e Collatino, como os primeiros heroes da nação

romana; foram elles os que desbravaram o terreno para a liberdade de Roma, que até ahi estava cercado com as peias do despotismo.

A escravidão poderá dominar a espiritos cobardes; mas nunca a um genio patriótico e liberal, que mais se excita, quanto mais se opprime.

É livre quem o quizer ser. A independencia manifesta-se com maior vigor, quando se vê cercada pela guilhotina, algoz e ferros da escravidão.

A materia nunca prevalecerá sobre o espirito.

A mão da Providencia, que continuamente vóla pelas suas creaturas, depara de quando em quando um d'esses salvadores da liberdade, que por ella muitas vezes se sacrificam.

O martyrio sempre mereceu o culto de todos os povos e de todas as religiões. O martyr, que só por um motivo de abnegação, de amor de liberdade, de respeito ás leis, se sacrifica em detrimento proprio, não morre para o mundo nem para Deus; os seus serviços a sociedade os reconhecerá agradecida.

Haja o equilibrio e harmonia e appareça quem ao principio atalhe o mais pequeno desvio; o problema social está resolvido.

B. d'Albuquerque e Amaral.

As linguas cultas são as chaves das sciencias; tal é a nossa interior estrutura, que para o conhecimento das cousas é necessario que preceda a sciencia dos signaes, com que mutuamente se possam comunicar as intelligencias; é este, além de muitos outros, um dos dons, com que a providencia nós fez superiores ao resto dos animaes. Entendidas as linguas, adquire-se uma grande parte da sciencia das cousas; conhecidos os signaes, se nos fazem ao mesmo tempo familiares os objectos, que elles nos representam: assim, sabendo o que os outros pensaram, adquirimos uma grande parte da importante sciencia de saber pensar.

Á proporção d'esta utilidade se reputa preciosa a lingua Latina.

Conhecer a descarnada estrutura ou seccamente a ordem grammatical d'este magestoso idioma; passar depois a uma applicação mais solida, util e agradável; isto é, penetrar seus mysterios, e escrever não só com pureza, mas com elegancia, roubando, pelo assim dizer, o tom e o genio Latino; ultimamente servir-se d'um tão perfeito e tão bem disposto instru-

mento para alcançar todos as noções e adquirir toda a sciencia, a que póde conduzir o conhecimento d'uma tal lingua, eis-aqui, segundo julgo, os tres distinctos estados, por onde necessariamente passa quem chega a ser um bom latino: elles, porém, se differencam e se distinguem por sua mesma natureza. Se o primeiro, como uma descarnada grammatica, é meramente a applicação propria da puericia; o outro, como pura latinidade, é o mais justo ornato de bem educada mocidade; o terceiro adquire para alguns homens raros o principal crédito de bons philólogos.

Hoje infelizmente cuida-se, quando muito, do primeiro d'estes estados, que, não se ligando ao segundo, pouco póde aproveitar.

Não se julgue porém que desejára vêr renascido o systema antigo, em que nossos mestres reputavam aquella primeira arte, que elles tornavam muito mais arida, como um justo e proporcionado emprêgo não só dos desperdiçados mancebos, mas dos illudidos adultos.

Havia entre nós quem abusasse de tal modo da propria existencia, que consumisse uma vida dilatada em comprehender miseraveis bagatelas. Se estas verdades não fóssem já vulgares, á força de repetidas, eu mêm devêra adiantar a comparar toda a vastidão das sciencias humanas, a que os homens devem aspirar, com uma pueril e infadonha grammatica latina, a que nós eramos constrangidos reputar uma das grandes faculdades!

Todavia quizeramos que, aperfeiçoado e simplificado o methodo, se exigisse, com subido rigor, na mocidade o ornato do conhecimento da lingua latina, que nos bons dias de nossa gloria passava entre os nossos por cousa bem vulgar. Que homem recebia então os incensos de erudito, que não fosse adornado com o conhecimento da lingua dos Ciceros e dos Livios? Se alguém duvidar leia os Estações, Teives, Gouveias, Osorios e infinitos outros.

Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, entre cuja canora turba se eleva o grande Camões e os poetas da Arcadia, alliviavam o espirito fatigado, brincando com as musas latinas, e fazendo-as fallar bem a nossa lingua: esta tinha então menos um proverbio e um synonymo, que adoptou a barbaridade dos tempos seguintes. — O ser latino não era o mesmo que ser enigmatico.

E quem se atreverá a negar que as mesmas musas romanas acordaram do seu longo lethargo para influirem muitos portuguezes? De Gouveia, Cayado, Teive e muitos outros sejam

defensores os seus bons versos. Não eram superstitiosos cultores dos esqueletos das musas latinas, pois alli ha a profunda sciencia da lingua, em que fallavam; alli ha o pensar de poeta romano; alli ha aquelle ar de poesia, que é um dos segredos, que as musas reservam para repartirem, como dom precioso, a bem raros dos seus cultores.

Concordâmos que o homem sabio nos nossos dias deve conhecer todas as linguas, e escrever sómente na materna; mas julgâmos que o

seguir 'nesta parte o gôsto antigo em gráu sublime de perfeição, se é preocupação, é uma preocupação bem gloriosa, talvez necessaria e sempre respeitavel.

O sr. Antonio Lopes dos Santos Valente, estudante do 2.º anno juridico, revela actualmente subido gôsto e estudo da litteratura latina. O joven cultor da bella poesia, folheando os classicos do seculo de Augusto, enriquece o espirito e a litteratura.

F. P. Santa-Clara.

Ad Antonium Lopes a Sanctis Valente

Cedite, Romani scriptores, cedite, Graii¹;
 Sic statuere diu
 Dì superi atque aeterna trium decreta sororum;
 Omnibus atra dies.
 Quid laudum vati Sulmo tribuit, Venusinus
 Quasque tenet fidicen?
 Fronde comas vinctum, hunc Cytheraea libidinis igne
 Extulit, hunc Bromius.
 Qui Pana et segetes, Teucrorum qui canis arma,
 Te latuere doli:
 Gentibus invisus, tutis errabis in umbris
 Elysii nemoris!
 Nunc, Valente, ignotumque effers carmine, musas
 Quod memorare piget;
 Quoque aenigmata nectere te decet Ausionisque
 Verba ligare modis?
 Sibilat indoctus, vatem renuatque Latinae
 Fila movere lyrae.
 Temne exoro, et, quod celsum ad Pindum te agit, iter
 Vade, juvante Deo;
 Laetum hederis ver pingit agros, nec astra quiescunt
 Fixa micare polo.

Conimbricae, tertio calendas Februarias, anno 1860

F. P. Sancta Clara.

¹ Verso de Sext. Propercio.

DHALIA SECCA

Depois d'um dia d'ausencia
Da minha linda adorada
Hontem me foste offertada,
Oh dhalia de rubra côr;
D'entre as irmãs, que tiveste,
Para mim colheu-te a bella,
E, ao entregar-te, disse ella:
— É prova do meu amor! —

Inda hontem, flôr, estavas
Cheia de viço e frescura...
Hoje a tua formosura
Da que foi é sombra só.
Inda hontem na elegancia
Excedias as mais flôres...
Hoje murcha, já sem côres,
Pobre dhalia, causas dó!

Para ti findou a vida,
Vaes morrer triste florinha!
Tua morte que adivinha
De funesto para mim?
Talvez me diga que o affecto,
Que ella diz que por mim sente,
Como tu, vae brevemente
Tocar da existencia o fim...

Ai! se a tua sorte prende
Do seu amor com a sorte,
Quizera roubar-te á morte
Para o seu amor viver...
Quizera co' o proprio sangue
As murchas folhas regar-te;
Quizera á vida tornar-te,
E nunca ver-te morrer!

Al... Agosto de 1859

Eugenio de Barros.

A INDEPENDENCIA

Nada ha mais apreciavel nos tempos libe-
raes, que a independencia. É ella uma virtu-
de, que eleva e nobilita o homem em todas
as suas situações, desde a infimidade até ao
vertice da hierarchia social. Mas a independen-
cia, de que falámos, não é a soberba, esse
orgulho immoderado, que separa os homens,
e semeia a desconfiança na sociedade e no seio
das familias, é, ao contrário, o sentimento no-
bre, que nivela tudo perante a consciencia
propria e o typo humano.

Ser independente é depender unicamente da
lei justa; e, quando esta falte, da razão illus-
trada e experiente, e especialmente dos senti-
mentos moraes, que mesmo no rigor da lei
vem, como por encanto, adoçar a sorte dos
que o fado votou á vingança da justiça.

Ser independente é levantar o collo deante
de quem prosterga os direitos naturaes e po-
sitivos; submeter á justa censura quem se
desvia do caminho da virtude social, para sa-
tisfazer vinganças mesquinhas; e intrepido af-
frontar, se tanto convier, o turbilhão procel-
loso dos que, dominados de paixões violentas
e destruidoras, ameaçam, quando não macu-
lam indelevelmente, a honra do cidadão, o
melhor bem, quo o homem consciencioso apre-
cia e estima sôbre a terra.

Ser independente é não contemporisar com
a lisonja; não condescender com as paixões
infames; submeter o comportamento proprio
á lei e á regra da razão; sacrificar os intere-
ses presentes e futuros á honra e dignidade
pessoal; vêr os homens pelo prisma da frater-
nidade e egualdade; collocar-os todos no mes-
mo plano; estimar-os todos do mesmo modo;
censural-os sem excepção alguma; e para res-
tituir o justo ao seu throno violado atravessar
impavido a turba desmoralisada, levando 'numa
mão a lei, que pede vingança, e na outra o
facho da revolução, que a vinga.

A independencia, fundamentada na justiça,
lei suprema da humanidade, é o dom precioso
com que a natureza suprema quiz enriquecer
o rei da criação.

A liberdade, que se guia exclusivamente pela
razão, é synonimo de independencia; quando,
porém, ella excede os seus limites naturaes,
convertendo-se em lisonja e estúpida condescen-
dencia, é dependencia; se esta condescendencia
sobe de ponto, exercendo-se com a mesma fa-
cilitade em materias socialmente prejudiciaes,
toma o nome de despotismo cruento.

Assim: a dependencia é a negação da di-
gnidade pessoal; a independencia é a mani-
festação da humanidade perfeita.

Quem depende da lei, depende de si mes-
mo;

Quem depende de si mesmo, é independente;
Independencia, pois, é a dependencia da lei.

E a lei é o regra do direito.

Quem depende do direito, e só d'elle, é
justo.

Quem despreza o direito, é injusto, indigno,
estúpido, e desmerece a benevolencia dos ho-
mens de bem. J. Machado Cabral e Castro.

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 12)

X

Continuação dos successos de Gil Fernandes,
o Bom, alcaide mór de Elvas!

Terminada a linha da primeira dynastia Portugueza, a espada de D. Nuno Alvares Pereira e a facundia do jurisconsulto João das Regras fazem com que, reunidas as côrtes em Coimbra, fôsse eleito rei D. João I, filho bastardo de el-rei D. Pedro I, contra as pertenções da rainha D. Leonor, que ainda fez acclamar sua filha D. Brites ou Beatriz, casada com D. João I de Castella.

D'aqui nasceram as desintelligencias entre estes dois monarchas do mesmo nome, e ambos primeiros.

Começaram os castelhanos a invadir Portugal, tomando-nos algumas terras; muitos fidalgos portuguezes, sectarios do partido da rainha, negaram a patria.

Elvas, ponto importante, se oppoz sempre ao inimigo pela parte que mais poderoso a ameaçava.

Era 'neste tempo Gil Fernandes alcaide mór do castello; já referimos quaes fóram as suas primeiras façanhas, diremos agora o que a tradição nos legou, que elle fizera na defeza de Elvas.

Vespera de S. João Baptista, de noute, se emboscaram os castelhanos para dar assalto aos cavalleiros, que de Elvas costumavam sahir festejar o mesmo Sancto. Gil Fernandes, que não só era valeroso, mas entendido, sahio com cautella, e mandou fechar as portas da villa. Encontrando-se com os castelhanos, que eram muitos e bem armados, os accommetteu com tanto valor, que lhes ganhou o guião, que vulgarmente chamam pendão ou bandeira. Correndo com elle para a villa, estando, como dissemos, as portas fechadas, pela parte mais accessivel impelliu o guião, que foi recolhido pelos que estavam juncto ao parapeito do muro, e tornou para os seus, que, peleijando, ficaram contra os castelhanos. Gil Fernandes

carregou sobre elles com tal valor, que, ferindo-os desapiadadamente, os pôz em fuga, gritando os castelhanos: — *Guarda da espada de Gil, que corta como navalha. D'este dicto se derivou o nome do sitio que ainda hoje chamâmos — Gil navalha: e do successo do pendão a horta d'este nome.*

'Noutra occasião souberam os de Badajoz que Gil Fernandes, com alguns cavalleiros, estava para a banda de Estremoz, ajuntaram um bom numero de cavallos, e, embuscados juncto ao caminho, o esperavam de volta. Gil Fernandes trazia sempre sentinellas para o avisarem do perigo; avisado da força superior do inimigo, reuniu um conselho, em que se resolveu, que para fugir ao perigo, convinha retirar.

— *O retirar é uma mascara de fugir*, respondeu Gil Fernandes, e mettendo esporas ao cavallo, arremette gritando: — *Segui-me parentes e amigos.* Tal tropel fizeram todos, que levantando-se uma nuvem de poeira, e impellindo-a o vento sobre os inimigos, os perturbou de modo que não viam os nossos. Gil Fernandes se valeu do successo, e gritava aos seus: — *Matai esses castelhanos que estão cegos.*

Muitos morreram 'naquelle encontro; outros escaparam pela fuga, ficando os nossos senhores do campo: desde então chamou-se aquelle sitio — *A carreira dos cegos.*

Quando alcunhavam a Gil Fernandes de *temerario*, respondia: — *Nos casos repentinos a resolução é o que mais importa; porque quem vence avanta-se ao que duvida.*

Fez outras muitas proezas de valor, como se pôde vêr nas chronicas de el-rei D. João I.

(Continúa)

M. J. Pires.

O LIBERTADOR DOS ESCRAVOS
DA AMERICA DO SUL

Os Estados Unidos foram ultimamente o theatro onde se passou um drama terrivel, que a historia registrou com letras de sangue, em as suas páginas de bronze! Tão lamentavel acontecimento como o que alli se deu, e que vamos em seguida narrar, offerece vasto assumpto a profundas cogitações; assumpto na verdade digno da attenção de todos os homens, para quem o amor da humanidade é um sentimento real e não uma palavra vã.

Victor Hugo, o illustre poeta da culta França, do seu retiro de Hauteville House escrevia para

1 Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez, e vil engano:
Gil Fernandes é d'Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos Castelhano.

a *Presse* entre outras as seguintes linhas nar-
rando o facto:

«Ha escravos nos Estados do sul (America),
o que indigna, como o mais monstruoso dos
contrasensos, a consciencia logica e pura dos
Estados do norte. Estes escravos, estes negros,
quiz libental-os um homem branco, um ho-
mem livre, John Brown.

Na verdade, se a insurreição é um dever
sagrado, é contra a escravidão. John Brown
quiz começar a obra de salvação pela liber-
dade dos escravos da Virginia. Puritano reli-
gioso, austero apologista do evangelho, enviou
áquelles homens, áquelles irmãos, o grito de
alforria. Os escravos, enfraquecidos pelo cap-
tiveiro, não responderam a esse brado. A
escravidão produz a surdez da alma.

John Brown abandonado combateu; — com
um punhado de homens heroicos luctou até
final; foi crivado de ballas, e seus dois filhos,
sanctos martyres, caíram mortos a seu lado,
sendo elle apanhado.»

A isto seguiu-se o julgamento, Brown foi
sentenciado á morte, e marcada a sua execu-
ção para o dia 2 de Dezembro de 1859: espe-
rava-se, todavia, que fôsse espaçada até 16;
apoz esta demora, restabelecida a serenidade
de espirito e passado o momento do calor,
contava-se com justo fundamento, senão com
o perdão do condemnado, ao menos com a re-
vogação da pena capital. Tal não permittiu a
Providencia Divina! O libertador dos escravos
pereceu no dia 2 de Dezembro de 1859!!

V. Hugo! Washington matou Spartacus!

A Europa viu com pasmo a bandeira da
União manchada com uma nodoa indelevel e
stygmatizou unanime tão monstruoso proceder;
— porque um grito solto lá em nome de Deus
que nos deu a liberdade — *Christus nos libe-
ravit*, foi abafado e os homens tiveram horror
de o ouvir; porque essa nobre terra d'Ame-
rica, em um momento de inexplicavel loucura,
alçou aos pés, um principio sagrado e invio-
favel, um dos mais sublimes direitos naturaes
— a liberdade individual; porque, finalmente,
esse martyr, esse apostolo venerando, foi tido
entre os seus como se fôra um traidor á pa-
tria; o cadafalso, spectro e mensageiro da
morte, ergueu-se na praça pública, ameaçador
e pavoroso, e viu-se balouçar nos ares, sus-
penso numa forca, o corpo inerte d'um homem
livre exposto ao escarneo das multidões.

Cae a penna da mão
..... aneia a mente
Bate horror sôbre horror no pensamento.

Esta linguagem não deve causar estranheza.

A imprensa é um tribunal severo, onde se
julgam os homens e as nações, em toda a al-
tura dos principios, e longe do contacto pes-
tifero de paixões mesquinhas e abjectas. É de
este elevado throno que o escriptor público
contempla a marcha progressiva da humani-
dade, que se revolve em eterno redemoinho,
consignando nas páginas volantes do jornalismo
(e em monumentos immoredouros) ora as ver-
dades descobertas e os progressos realizados,
ora os erros e os crimes, que são o lado es-
curo d'este painel magnifico, que se reflete na
historia — esse grande espelho dos seculos!

Assim pois ao já longo catalogo dos immor-
taes propugnadores da liberdade, veio juntar-se
mais um nome illustre e glorioso: é o de John
Brown, existencia preciosa e magnanima que
em seus vãos arrojados teve de cair lá de cima,
ferida sem dó como se em tempos estivessemos
de monstruosa barbarie.

U. M.

CHARADA

Se fallando }
A voz escutas, } 2
Não disputas }
O que seja. }

Resolveu-o }
Grande home, } 1
Cujo nome }
Causa inveja. }

Pobre d'elle, }
Que só pôde } 2
D'este modo }
Nos fallar. }

Ai d'aquelle
Que não souber
No seu viver
De mim usar.

EXPEDIENTE

Com este número começa o 3.º trimestre
do volume 2.º d'este jornal; rogamos aos
Srs. Assignantes das provincias, que por
ventura estejam em debito de suas assigna-
turas, tenham a bondade de mandar satis-
fazel-as.

ESTRÊA LITTERARIA

301

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 14

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
H. Albuquerque e Amaral

Correspondência de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1860 — FEVEREIRO — 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . . 240 rs.
Com estampilha 270 . .

Redactores da *Estrêa Litteraria*

Tenho nas mãos vossa última folha.

Que vêm a dizer nestas páginas uma tarja de lucto? — Saudade? — Então ha 'nella pelo menos gosto e amargura, delicia e pungimento como na do grande poeta que é vosso; vosso, sim, pois nas vossas letras renasce: e, *pelo menos*, digo, que eu de mim só tenho colhido favos d'este infortunio, que foi quasi ventura.

Amigos, duas vezes collegas, e duas vezes irmãos, não sei agradecer-vos, confesso ingenuamente. Á alteza dos vossos sacrificios pôde subir a minha alma que os comprehende, mas não chega a palavra, pobre para definil-os.

Dizeis vós que eu sou infeliz, e só eu não dou por tal. Se ha espinhos 'nesta desventura, nem os vejo com tantas flôres, que por sobre elles derramaes. Se a Universidade me cortou o meu futuro, a mim peza-me o não ter outro para lhe offerecer em holocausto, remindo o novo soffrimento, abraçando-vos de novo, escutando-vos, admirando-vos. No agasalho dos vossos confortos não sei por onde se arrastam os meus inimigos, que nem siquer os enxergo.

As máguas que trazem remedios d'estes valem mais que a alegria dos estupidos e dos máus.

Amigos, não sei, repito, compensar-vos os balsamos que me entornaes no coração.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1860

Vieira de Castro.

Dispâmos o lucto e vistâmos-nos de gala.

Em breve será restituído ao nosso gremio o sr. José Cardoso Vieira de Castro.

A esperança consoladora não podia nem pôde enganar-nos.

As nossas aspirações, dirigidas pelo facho brilhante da justiça, não são illusorias.

O illustre Monarcha, em cujo coração imperam os generosos sentimentos do Restaurador de nossas liberdades, não desattendeu o sr. José Cardoso Vieira de Castro; — deu-lhe esperanças, com que todos nos animâmos.

A graça do nobre Monarcha não é só para o sr. Vieira de Castro: é para toda a Academia; é para as Escolas, que se associaram aos nossos rogos; é para a maioria da imprensa periodica, que despresando a politica, não desamparou a innocencia; é para os sabios advogados e litteratos de Lisboa, e principalmente nós, que fervorosamente esperâmos vêr raiar o dia da nossa gloria academica.

OS RR.

O PODER MODERADOR

Si Dieu lui-même, comme l'enseigne une saine philosophie, s'est réservé le droit de suspendre les lois de la nature, est'il étonnant que l'intelligence humaine, ordonnatrice de la société, suspende, elle aussi, les réglemens que elle a portés?

Taparelli d'Azeglio. *Essai théorique de droit naturel.*

Acima de todos os poderes sociaes está o poder moderador, que perdôa ou commuta a pena. É este o refugio da innocencia opprimida pelo despotismo do juiz e pela atrocidade das leis.

A natureza humana será sempre insondavel em seus mysterios profundos; nunca será concedido a um exame claro e evidente o eu incomprehensivel em suas determinações.

Estudando o homem em todos os seus elementos que o elevam acima de si mesmo, e o abaixam até ao ponto, aonde termina, se é possível ter limites a paixão desenfreada, conhece-se que a Providencia em seus mysterios symbolisou o amor e benevolencia, com que attende pelos seus.

Se o pequeno recinto da justiça, desattendida — a consciencia, estivesse patente ás prescruções humanas; qual o refugio, e o conforto do opprimido, a quem a justiça favorece, mas as vis paixões condemnam?

Tenhámos ao menos este pequeno asylo, mas grande nas aspirações, aonde nos possamos acobertar d'essas furias infernaes, que aos homens dominam.

Sejamos livres no foro da consciencia, já que o foro externo, mais puro em suas manifestações e mais recto em seus juizos, não comporta tal poder.

Comtudo, se este mysterio é um bem, é um mal a outros respeitois.

As relações prendem-se de tão diversas fórmas, segundo as diversas circumstancias, que os principios obrigatorios para o homem, ainda que em si, em sua essencia, sejam absolutos, na sua união com outrós, tornam-se relativos e modificaveis. A ordem da natureza regula-se d'esta fórma.

Se a consciencia em sua mysteriosa condição serve de abrigo á innocencia ultrajada, é tambem a origem de difficuldades inextricaveis na applicação da justiça.

Como applicar uma pena em proporção com

o delicto, se a sua causa determinante é desconhecida?

Como avaliar os limites do desinvolvimento intellectual e moral, a extensão de vontade, e a força de intencionalidade do criminoso, se todos estes phenomenos são incognitos para todos?

Entendemos, portanto, que a pena é injusta em sua applicação.

Se fôsse este o unico mal, que tivéssemos de sentir, melhor seria soffrel-o, do que pretender remedial-o.

Outros se addicionam, porém, cujo effeito é mais pernicioso.

O mal que está inherente, como o bem, á natureza das cousas, não pôde supportar comparação com aquelle que a perversidade humana é capaz de forjar.

O abuso da authority, que ultraja a santidade das leis, principalmente as penaes, cujo rigor é um tanto arbitrario, é o requinte de tyrannia; é o despotismo traicoeiro, que offende a fidelidade promettida; é o cúmulo da perversidade, que, para satisfazer seus odios e vinganças, empunhou com as mãos profanas a espada da justiça.

A authority tem uma esphera de acção, que a lei na impossibilidade de definir, lhe outorgou, confiando no seu juizo imparcial, em administrar a justiça.

Quando, porém, esta supposição falha, ha necessidade de recorrer a um poder superior, que pela sua mais elevada posição, que lhe permite avaliar os factos com imparcialidade, poderá decidir-se com justiça.

Todos os embaraços que este novo recurso possa ter estão de sobejo compensados pela defesa da justiça, que se pretende conseguir em este novo appello.

Acima do despotismo da lei, da arbitrariedade do juiz, e da perversidade do algoz, está a beneficencia paternal, que o poder moderador symbolisa.

Se ha outra politica, que não seja a justiça, ainda assim exige, como condição de garantia social, a influencia do poder moderador.

A reacção poderosa, que uma pena injusta produziu, deve ser mitigada em seu ardor, para que o equilibrio das forças sociaes não seja perdido em favor do predomínio d'um dos poderes, que pede vingança da atrocidade committida.

A concordia é necessaria em tudo, quer premiando, quer castigando.

A unidade exige, como representante da ver-

dade, que a tão diversos modos de pensar e julgar dos direitos sociaes, haja um centro e um poder, que a tudo dirija com certa uniformidade de principios, e uniformise seus juizos, quando não sejam fundamentados no eterno e simples principio da justiça.

B. d'Albuquerque e Amaral.

O TEMPLO DA VERDADE

O Templo da Verdade está edificado no cimo d'uma elevada montanha, não tão empinada que seja innaccessivel, como essa de que nos falla o sublime Tacito no começo do seu livro da *Germania*, mas sim de bem custoso e difficil accesso. São várias as avenidas d'aquelle affamado sanctuario; e todas—qual mais escabrosa, qual mais aspera—se encontram em muitas e diversas partes, compondo assim um verdadeiro labyrintho. E porque todos buscam o mysterioso templo, todos se embrenham 'nestes caminhos, fiados na sua boa ou má estrellia: desanimam uns de tão ardua empreza, cansados de lidar em vão, por atinar com o mais direito e seguro; outros, ambiciosos de renome e gloria, consomem os annos e a vida em tão affanoso quanto louvavel empenho, sem avistarem sequer o limiar de seu portico; outros, finalmente, com se perderem muitas vezes, porém mais robustos d'animo e mais favorecidos da fortuna, conseguem por sua firmeza e dedicação o que aquellos não lograram alcançar.

E o mais notavel é, que ao passo que lá dentro irradia uma luz brilhantissima, cá fóra, pelo contrario, existe sempre uma nevoa muito cerrada!

U. M.

A M. do C. e C. M. V.

Così trapassa al trapassar d'un giorno
Della vita mortalle il fiore e 'l verde
Né, perché faccia indietro april ritorno
Se rinfiora mai, né se rinverde.

TASSO

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz, que 'nesta vida me guiava;
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz, que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu, se os não sonharam,
Quiz mostrar-me que o bem bem-pouco dura:

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

Ah! quando no seu collo reclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flôr do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz de seus olhos—que era velos
E enfeitigar-se a alma em graça tanta!—
Lia na sua boca a Biblia santa
Escrepta em letra cõr de seus cabellos;

Tinha o céu da minh'alma as sette côres,
Valia-me este exilio um paraizo,
Distillava-me a alma um doce riso,
Debaixo de meus pés nasciam flôres.

Deus era inda meu pae! e emquanto pude
Li o seu nome d'Elle emquanto existe;
No campõ em flôr, na praia árida e triste,
No céu, no mar, na terra... e na virtude!

—Virtude!—que é mais que um nome
Essa voz que em ar se esvae,
Se um riso que ao labio assume
'Numa lagrima nos cae!

Abre a flôr á luz que a enleva
Seu calix cheio d'amor,
E o sol nasce, passa e leva
Comsigo perfume e flôr!...

Que é d'esses cabellos d'ouro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlate,
Meu thesouro!

Que é d'esse halito que ainda
O coração me perfuma,
Que é d'esse collo d'espuma,
Pomba linda!

Que é d'uma flôr da grinalda
D'esses dourados cabellos,
D'esses olhos, quero vel-os,
Esmeralda!

Que é d'essa alma que me dêste.
D'um sorriso, um só que fôsse,
D'esse teu calix tão dôce,
Flôr celeste!

Tua cabeça, que é d'ella,
A tua cabeça d'ouro,
Minha pomba! meu thesouro!
Minha estrella!

De dia a estrella d'alva impallidece
E a luz do dia eterno te ha ferido!
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecesse!

Foste a concha da praia! a flôr parece
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido,
Meu calix de cristal—onde hei bebido
Os nectares do céu... se um céu houvesse?

Ah lagrima das lagrimas que choro!
Quem tão—menina e moça—desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos d'ouro?...

Some-te, véla de baixel quebrado!
Some-te, vóa, apaga-te, meteoro,
E é só mais 'neste exilio um desgraçado!

E as desgraças podia prevel-as
Quem a terra sustenta no ar;
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar!

Deus podia prever a desgraça;
Deus podia prever e não quiz!
E não quiz, não... se a nuvem que passa
Tambem póde chamar-se infeliz!...

A vida é o dia d'hoje;
A vida é ai que mal sóa;
A vida é sombra que foge;
A vida é nuvem que vóa!
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae:
A vida dura um momento!
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!

A vida é flôr na corrente;
A vida é sopro suave;
A vida é estrella cadente;
Voa mais leve que a ave!
Nuvem que o vento nos ares
Onda que o vento nos mares,
Uma apoz outra lançou;
A vida—penna cahida
Da aza d'ave ferida
De valle em valle impellida—
A vida o vento a levou!...

Como em sonhos o anjo que me affaga
Leva na trança os lyrios que lhe puz;
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou, sim, como a folha, que desprende
D'uma flôr delicada o vento sul;
E estrella que se estende
'Nessa abobada azul.

Levou, sim; como os olhos d'um amante
Levam comsigo a luz d'um doce olhar;
E o vento do levante
Leva a espuma do mar!

Levou, sim, como o filho quando expira
Leva o beijo dos labios maternas;
E ao labio que suspira
O vento leva os ais!

Levou, sim; como leva a mãe seu filho
E as azas leva a pomba que voou;
E o sol leva o seu brilho
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor, tu és meu pai!
E ao filho desditoso
Não ouves tu um ai!
Estrellas dêste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo dás a flôr,
Frescura dás ás fontes,
O lyrio dás aos montes,
E tiras-m'a... Senhor!

Ah! quando 'numa vista o mundo abranjo,
—Estendo os braços, e apalpando o mundo,
O céu, a terra e o mar vejo a meus pés—
Buscando em vão a imagem do meu anjo,
Solletro á froixa luz d'um moribundo
Em tudo só «talvez!...»

—Talvez— é hoje a Biblia, o livro aberto,
Que eu só ponho ante mim nas rochas, quando
Vou pelo mundo vêr se a posso vêr;
E onde— como a palmeira do deserto—
Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
A sombra do meu sêr!

Meu sêr levou na aza da aguia negra
Que—levando-a— só não levou comsigo

D'est'alma aquelle amôr:

E quando a luz do dia o mundo alegra,
Cryssallida nocturna, a sós comigo,
Abraço a minha dôr!

Dôr inutil!... Se a flôr, que ao céu envia
Seus balsamos, se esfolha, e tu no espaço
Achas depois seus atomos subtils,
Inda has de ouvir a voz que ouviste um dia,
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso,
Dante a sua Beatriz!

João de Deus.

CÓRO

Traduzido do drama francez de Chenier-Olîpe
em Colone. — Acto 4.º Scena 4.ª

Tú, ó rei dos manes funebres,
Ó vós, das trevas rainha,
E tu, ó guarda temido,
Negras irmãs, feliz morte,
Asylo do miseravel,
E somno de eterno olvido:

Abri os reinos do lucto,
E recolhei entre as sombras
Quem soffre á sorte o rigor;
Pelas borrascas batido
Oxalá que Edipo ás margens
Aborde ao menos sem dor.

Porque vivemos ainda?
Venturoso, o que uma aurora
Viu nascer, e vê morrer!
Ou no throno, ou na choupana,
Abrir os olhos á luz
É começar a soffrer.

Nenhum dia excita iuveja:
Da vida ao pêso curvado,
O homem no bérço chora;
Na mocidade elle geme;
De sua velhice os prantos
A sepultura devora.

Dr. Zagallo

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 13)

XI

Da ascendencia e descendencia de Gil Fernandes, o Bom, ou Gil Navalha

Os fundamentos, que temos para afirmar que Gil Fernandes descende de Fernão Martins Curutelo, são: 1.º a successão da alcaydaria; posto que, desde o tempo de Ruy Fernandes, não consta que 'nella entrassem Lourenço Pires, Gil Lourenço, e Fernão Gil, pae, avô e visavô de Gil Fernandes; 2.º os nomes patronimicos; pois se Fernão Martins Curutelo teve Gil Fernandes, somente dois não usaram do Fernandes, ou por nome ou por sôbrenome. São as conjecturas mais provaveis, que 'neste particular pôde haver. Na linhagem de Vasco Pires, d'onde elle tambem descende, havia signaes de cota de armas; porque Gil Annes era neto do prior, filho de Brites Gil, e, posto que era prior, e como tal clerigo, era fidalgo, filho de Lourenço Pires, que foi bom cavalleiro: o pae e o filho foram grandes servidores dos reis nas guerras. Lourenço Pires está sepultado na igreja do Salvador, e na igreja de Sancta Maria os dictos, prior e Fernão Gil, seu filho, e Gil Fernandes seu neto. Grande lastima é que se não saiba o lugar da sepultura de Gil Fernandes; parece que 'nisto o quiz Deus assimillar a outros grandes homens.

Conserva a tradiçãõ, que teve Gil Fernandes tres filhas: são as femeas, de ordinario, a confusão e exterminio das familias, porque levam os morgados a outras descendencias.

Parece que a primeira casou com algum fidalgo do appellido de Siqueira; porque consta que a Gil Fernandes succedeu na alcaydaria mór de Elvas Vasco Gil de Siqueira, e a este Ruy Gil de Siqueira: estes nomes patronimicos nos asseguram esta opiniãõ.

A segunda filha chamava-se D. Izabel Fernandes, casou com João Rodrigues Peçanha, de quem procedem os Peçanhas; e enviuvando casou segunda vez com Mem Rodrigues de Vasconcellos, de quem teve Luiz Mendes de Vasconcellos. Este casou com Izabel de Azevedo, filha de Lopo Vaz de Azevedo, primeiro almirante do reino; d'estes appellidos procedem os Azevedos e Vasconcellos d'esta cidade.

A terceira filha casou com Gil Fernandes de Monterroyo, dizem que d'este matrimonio procedem os Pegados.

XIII

**Dos progressos de João Lopes e Lourenço
Matheus, ermitães da serra d'Ossa**

Os dois religiosos, que no capitulo IX dissemos que residiam em *rio torto*, e por causa das guerras tiveram de segurar suas pessoas, recolhendo-se á villa, aonde compraram umas casas, juncto á porta nova, terminada a guerra, e dando o nome a rua, em que habitaram, voltaram para a antiga habitação que denominaram da *Provença*, que quer dizer habitação de pobres, porque n'ella albergavam os desvalidos, que mendigavam pelo campo.

Levantaram n'aquelle sitio uma ermida, a que chamaram casa de oração, aonde em horas determinadas de dia e de noite se ajuntavam.

Alcançaram do bispo de Evora que nos domingos e dias sanctificados lhes fôsem dizer missa, e administrar sacramentos. Nestes pios exercicios gastavam o tempo, sem competencia de officios, nem governos, e sem lettras; mas com muito espirito, buscando o céu. A estes se junctaram outros companheiros que se ordenaram presbyteros, e crescendo em numero, formaram convento, clausura, e respectiva igreja.

Como fôse o sitio desviado quasi uma legua da villa; e porisso trabalhoso por causa dos que a ella vinham evangelisar, e provêr-se de sustento para todos, pertenderam aproximar-se mais do povo.

Obltiveram concessão da Camara para se servirem da ermida de S. Sebastião, juncto da qual havia uma fonte, terra para horta, e maior commodidade, mas com a condição, que ensinariam latim de graça aos jovens moradores da villa, e mudando de habitação tornaria a ermida, etc. a pertencer á mesma Camara. Entrando na posse d'esta concessão em 27 de Junho de 1594, continuaram aqui os religiosos (que já então a sua vida tinha forma de religião) as suas obrigações com singular exemplo, porém, com grandes incommodos pela estreiteza dos edificios.

Sucedeu n'aquelle tempo haver uma grande peste geral, que fez grandes damnos nos moradores d'Elvas, e durando muitos mezes, causou espantosos terrores, de modo que a gente que poude se ausentou, outra se entregou ao rigor do mal, elegendo para casa de saude o mosteiro velho de S. Francisco pelas conveniencias que n'elle havia. Acudiam os religiosos a administrar os sacramentos e assistir aos

enfermos; e alguns morreram victimas d'este flagello.

Trinta e dois annos assistiram os religiosos no sitio da ermida de S. Sebastião; mas vivendo, como dissemos, mal accomodados, elegeram outro ainda mais proximo da villa, que tambem a Camara lhes concêdeu em remuneração do que tinham obrado, e esta doação foi confirmada por el-rei, em uma Provisão passada em 29 de Maio de 1619.

Deram principio ao convento, e tanto que a obra se acabou, passaram a habital-o em 7 de Maio de 1625, e n'elle viveram até 1658, em que principiou o ataque das linhas d'esta cidade. Para defensão da Praça determinou-se demolir este convento, que derribaram usando de minas de polvora, de tal sorte, que apenas ficaram d'elle uns pequenos vestigios.

Demolido o convento, recolheram-se os religiosos á villa, e habitaram umas casas particulares numa rua, juncto á cisterna, que vae da de S. Francisco para a porta da *esquina*, á mão direita no canto da rua de João de Quintal. D'aqui passaram para outras, juncto á igreja da Magdalena, em que viveram, até que passaram para o novo convento, que ainda hoje vemos, e que el-rei lhes mandou edificar, proximo da porta da esquina.

Tiveram quatro fundações: A primeira em 1418, a segunda em 1593, a terceira em 1603, a quarta e última em 1660.

(Continúa)

M. J. Pires.

REVISTA CRITICA E LITTERARIA
DO ANNO DE 1859

A meu pae

Foi-se para sempre o anno de 1859, e aqui me tendes, leitor, na vossa respeitavel presença para lhe tecer uma *Revista Litteraria*. — Uma *Revista*?... — Uma *Revista*, sim sr.: e quem ha que não tenba estes trabalhos? Ninguem: o general passa revista ás suas tropas; o soldado aos seus armamentos e petrechos; o capitalista aos seus fundos; o misero industrial ás suas poucas economias. Ainda mais — o dramaturgo, collige os diversos acontecimentos politicos, espreme-os, e com o seu suco, transformado em papel e tinta, diverte o público por muitas noites successivas com uma «*Revista do anno*»; e, finalmente, o litterato de botequim, typo excêntrico da nossa epocha,

confecciona tambem a sua «Revista Dramatica» que é a analyse *transcendente* d'uma litteratura conhecida ou mesmo desconhecida por elle.

Desconhecida! exclama o leitor espantado com este milagre da civilisação!

Sim, desconhecida; o ponto não é conhecido-a; — que monta isso? o caso é ter estylo!

Ora pois, meu estimavel leitor, tenha v. s.^a a bondade de me acompanhar 'neste meu minucioso exame critico e de assestar a sua luneta para *ver melhor!*

V. s.^a usa luneta, decerto, não é assim? Sendo uma pessoa tão illustrada, tão illuminada, tão radiante, seria palpitante incoherencia não apreciar devidamente este maravilhoso resultado do progresso; esta mola real de toda a civilisação possivel 'neste mundo sub-lunar, esta arena, emfim, que allúe e rende á sua portentosa omnipotencia o mais inexpugnável de todos os baluartes de que ha noticia, desde os mais remotos e cavalheirosos tempos até aos nossos prosaicos dias — a saber:

O terno coração de casta deusa!

Que vinha eu dizendo?... já nem sei o que era... Ah! fallava em revistas, e disse que ia fazer uma; é bem ardua tarefa, na verdade, bem árido mistér; mas não disse Virgilio:

Labor improbus omnia vincit?

— Disse.

— Ah!... então póde ser.

— Talvez...

... Lá interrompi de novo o andamento regular d'esta Revista! Valha-me Deus com este maldicto costume das minhas divagações. Penitencie-me, e pelo amor do Padre, do Filho e do Espirito Sancto absolva-me o leitor, que eu entro desde já na materia.

1

Tem de começar este nosso profundo trabalho pela *Revista Contemporanea* optimo jornal vaçado nos moldes da *Revue des Deux Mondes*: os nossos primeiros escriptores empenharam-se em satisfazer a esta urgente necessidade — porque era effectivamente uma necessidade — ter-mos uma folha d'esta ordem — e a despeito de todos os obstaculos que offerecia uma tal empreza, conseguiram realisa-la. Honra lhes seja pois.

'Nesta mímosa folha o estylo vernaculo, ele-

gante e fluente corre parelhas com a finura de observação e com uma notavel rectidão de juizo.

É este jornal um vasto e opiparo banquete intellectual, onde a historia, a poesia e o romance, a sciencia e a litteratura tomam igual parte e concorrem admiravelmente para abri-lhantarem este magnifico ornamento das letras patrias.

Á critica, porém, não cumpre tão sómente louvar o que é digno de louvores, cumpre igualmente censurar o que merece censura — aliás não é critica.

Assim pois, alguns artigos menos escolhidos têm apparecido 'nesta folha; em o n.º 3, por exemplo, lê-se o seguinte periodo do sr. Ernesto Biester:

«Houve tempo em que nenhum homem, fôsse qual fôsse o seu talento, aptidão ou superioridade, podia sequer pensar em commetter a ousadia de chegar aos primeiros logares da republica.» Ora, ninguem se lembra d'esse tempo, nem a historia antiga nem a moderna fallam 'nelle. Deixal-o! estamos nos tempos dos descobrimentos uteis, e — quem sabe? — póde ser que o sr. Biester, por algum novo processo de investigações archeologicas, ignorado até aqui por todos os historiadores fizesse alguma descoberta importante. Se assim foi, desde já lhe damos nossos cordeaes parabens.

Egalmente appareceu ali — Um Mez em Cintra — pelo sr. Brederode. O titulo promettia alguma cousa, mas o romance ou o quer que é, não lhe corresponde, por fórma alguma. É uma cousa sem graça e desenxabida, estylo frouxo e d'uma monotonia excessiva.

As *Chronicas* tambem são destituidas d'aquelle chiste e fina ironia, indispensaveis em escriptos d'este genero; mas em compensação temos os primorosos escriptos dos srs. Castilho, Mendes Leal, Rebello da Silva e Andrade Ferreira; e deixando todas as *chronicas* e *mezes* possiveis na pinturesca Cintra, sempre lucrámos com a apparição d'este jornal.

Bem vinda, pois, foi a *Revista Contemporanea*.

Appareceu depois um bom livro — *Damião de Goes e a Inquisição de Portugal* — pelo sr. Lopes de Mendonça, em que o chistoso e engraçado folhetinista da *Revolução* prova sobejamente os seus conhecimentos historicos, combinando perfeitamente aquelle seu estylo opulento de colorido que todos lhe conhecemos, com a rigorosa precisão da narração historica.

É um livro digno de consultar-se.

Depois veio o 2.º volume d'um livro a todos os respeitos meritorio, e que já foi devida e competentemente apreciado por uma das nossas mais bem apparadas penas.— É o *Diccionario Bibliografico Portuguez* pelo sr. Innocencio Francisco da Silva.

Já avistamos o 2.º volume do *Cancioneiro* do nosso melifluo poeta João de Lemos.

É de notar, primeiro que tudo, que quem lèr este livro, se não extremar a parte puramente litteraria da politica, não poderá bem ajuizar do seu merito ou demerito.

Se o forem julgar pelas suas crenças politicas, a uns parecerá o melhor de todos os livros que tem saído, ha annos, a esta parte dos prelos portuguezes; a outros, pelo contrario, além de mau, fastidioso.

Nós, porém, pondo de parte e respeitando ao mesmo tempo as crenças do auctor, sem todavia as termos, vamos apreciar, quanto em nossas forças cabe, o livro — *Religião e Patria*.

Parece-nos fóra de dúvida que se o cantor da *Lua de Londres* não tem a grandeza das imagens, que elevam e arrebatam, possui incontestavelmente aquella brandura e cadencia que seduz, prendendo os sentidos e a alma, e que torna a sua suave metrificacão uma como toada musical que tão bem sôa ao ouvido. Quanto a nós é este o segredo do seu genio e o condão da sua lyra.

Ouçamol-o por um pouco no seu *cantico*:

Amo a Deus porque na selva
Das folhas o sussurrar,
E as esmeraldas da relva,
E as ondas do bravo mar,
O canto das avesinhas,
A branda luz do luar,
Da montanha as ovelhinhas,
Das fontes o murmurar,
E do ceu as lentejoulas,
E da campina as papoulas
Tudo, tudo o ensina a amar.

Amo a Deus porque Elle é fonte
Das galas que o mundo tem,
Cria os penedos do monte,
Cria-lhe as flores tambem;
Amo a Deus, porque a ventura
Só de Deus á terra vem,
Porque as horas da amargura
Se acabam no infindo bem;
Amo a Deus porque minha alma
Quer ceifar a eterna palma
Da eterna Jerusalem.

O sr. João de Lemos é sem dúvida o nosso primeiro poeta lyrico.

(Continúa) U. M.

CHARADAS

Muito triste e desejosa,
Sem esp'rança de mãe ser,
Tanto tanto a Deus pediu,
Que por fim o veio a ser.

Faço muita habilidade,
Quem me vê pasmado fica,
Alguem diz diabo tenho
Quando não se explica.

Erva sou mui conhecida,
E vegeto sem cuidado;
Nem preciso me semêem,
De mim mui gosta o gado.

Coimbra.

Sou em latim duas vezes,
E grosseiro no francez,
'Stando só, eu nada expresso
No idioma portuguez.

Eu sou um rio da Europa,
E tambem parte subtil
Da terra; giro nos ares,
Vou pousar em partes mil.

Já é muito clara!
Que importa que seja?
Agora mais clara,
Ministro da igreja.

Elvas.

Explicação da charada do numero antecedente
— *Economia*.

SATISFAÇÃO

Recebemos alguns mimosos escriptos dos nossos amigos Santos Valente e Cunha Bellem, e com pezar deixámos de lhes dar publicidade 'neste numero do nosso jornal, pois só nos chegaram á mão depois de estar no prelo. Já lhes significámos o nosso agradecimento.

EXPEDIENTE

Rogámos aos Srs. Assignantes das provincias, e particularmente do norte, que porventura estejam em debito das suas assignaturas, tenham a bondade de mandal-as satisfazer no escriptorio da redacção.

ESTRELA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 15

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1860 — MARÇO — I

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
Com estampilha 270 »

Qual o subsidio a que nos devemos socorrer nos casos omissos na legislação?

A imperfeição caracteriza tudo quanto é produzido pelo homem.

A infallibilidade somente existe na esphera das verdades metaphysicas, que por sua natureza infinita não podem ser alteradas, nem modificadas por circumstancias algumas, quer individuaes, quer sociaes.

O infinito é immotavel, e o finito contingente, e porisso sujeito a diversas transformações, que os factos, em suas evoluções successivas, lhes imprimem.

A lei positiva é o resultado d'estes dois factores, dos quaes o predominio é diferente, segundo o estado social é mais ou menos civilisado.

Nas circumstancias actuaes a metaphysica absorveu o campo dos factos, que, pela ordem natural, devem sujeitar-se ao que determinar a sciencia do direito em suas theorias fundamentaes.

A sciencia é tudo: os factos são apenas os objectos em que actua.

A unidade caracteriza a sciencia, que, tendo de ser applicada a varias phases sociaes, deduz d'esse principio unitario todos os preceitos, que em sua essencia se comprehendem, a fim de que o homem faça o uso conveniente de cada uma das verdades a essas diversas circumstancias sociaes.

A sciencia philosophica do direito abrange em si todos os principios, todas as verdades, que na vida positiva da sociedade hão de ser applicadas, segundo o estado, em que esta se apresente, exigir um de preferencia ao outro, sem que em nenhum caso haja de soffrer modificação o principio incontestavel, de que os direitos absolutos não permitem compensações de qualquer natureza que sejam. A soberania humana dá ao homem o caracter de homem.

Se a philosophia do direito deve dirigir o legislador na confecção das leis; o interprete não tem nem póde ter outra guia mais segura, facil e natural, do que o seguir esses preceitos que sua consciencia juridica lhe apresenta, e que a sciencia desinvolve em suas consequencias.

Hoje, principalmente, que nós nos vamos desprendendo das garras do direito romano, para nos lançarmos nos braços, que, com toda a liberdade, a sã philosophia nos estende, hoje, dizemos nós, seria um anachronismo o sacrificar esta generosa offerta ao costume antiquado de rejeitarmos a nossa razão que a sciencia illustra, para a escravisar ao que outros em tempos menos afortunados poderam pensar.

A uniformidade necessaria em toda a legislação, não póde subsistir sem ser contrariada, logo que o principio, que ao legislador presidiu, não seja applicado pelo interprete, ou executor da lei. Sem esta unifor-

midade poderá haver um acervo de leis injustas, contradictorias e deseguaes, mas nunca uma legislação coherente em principios e igual na applicação.

Qual é a balança mais recta, em que o direito seja avaliado, senão a razão philosophica, as verdades metaphisycas, em summa, a justiça divina, na presença da qual a soberania humana, quanto mais se humilha, tanto mais se eleva?!

A philosophia do direito é portanto o soccôro mais poderoso de que nos podemos servir na applicação da lei, e principalmente nos casos omissos.

(Continúa) B. d'Albuquerque e Amaral.

O FUTURO E A EDUCAÇÃO

Estamos 'numa epocha de transicção, desordenada e dolorosa, em que todas as ideias da intelligencia, todos os matises do sentimento se debatem e guerreiam no campo da politica: é um verdadeiro oceano, revolto e ameaçador, o estado da sociedade de hoje; forma-se na intelligencia e coração de cada homem, propaga-se na ordem e negocios publicos, e eleva-se até ás altas regiões das discussões scientificas. E todavia é sublime e esperançosa esta lucta gigantesca; sublime, porque é insondavel o mysterio do coração humano em suas aspirações; esperançosa, porque o energico viver de hoje nos mostra exuberantemente, que, apesar de toda a corrupção, que nos transmittiram os seculos passados, e da que modernamente se gerou no desabar do edificio social, estamos muito longe ainda de tocar o cúmulo d'abjecção e vileza, que a historia nos aponta em outras epochas e 'noutros povos; estado esse, em que toda a lucta, embora sinceramente energica, dos bons principios é fraca e impotente, e em que a sociedade, debatendo-se 'numa prolongada agonia, termina pela sua completa destruição.

Podemos pois com fundamento alimentar a esperanza de ver renascer dos destroços podres e carunchosos da sociedade velha vigorosos renovos: que não nos illuda porém uma confiança cega e illimitada; não cruzemos os braços fatigados descansando ao abrigo d'essa esperanza lisongeira. A velha sociedade actual não nos pode fornecer molde, em que se vaze a sociedade futura; esta tem de receber esphera

mais ampla e perfeita de desenvolvimento, e de actividade em todas as direcções das necessidades do homem: mas, deverá correr sem guia, e entregue ás impressões do momento a reorganisação da nova sociedade? é certo que não; e os philosophos ha mais de meio seculoahi têm proposto mil systemas, que, ensaiados hoje, tendo apenas um dia de duração ephemera, desapparecem atropellados pela evolução continua das ideias, e legando somente um nome para ser inscripto na historia das revoluções sociaes da Europa: a causa estará talvez nos seus proprios defeitos; mas o que é certo é que de toda esta lucta de desenganos o povo apenas colheu a descrença.

Apontaram-lhe, como causa primeira de suas miserias, os governos e os reis por um lado, e pelo outro fizeram-lhe ver, involta em todas as galas d'uma bemaventurança feliz, a liberdade, que elles não conheciam, e para que não estavam preparados; em seu desespero governos e reis baquearam por terra, e a liberdade, essa ... as gallas, de que vinha adornada, desappareceram tambem; mas ao menos nu e desenfeitado restava o esqueleto d'essa liberdade, que ainda assim era bello, e o povo amou-o: em breve porém deviam convertel-o em anarchia e desordem os traficantes dos sentimentos humanos, que acobertando-se com o seu magico nome empolgavam o poder.

Não é tudo. O povo professava uma religião, que de ha longos seculos seus maiores lhe haviam transmittido de geração em geração: encadeavam-se 'nella todas as recordações e saudades do seu passado, os folguedos da sua infancia no adro do presbyterio, como o amor sanctificado pelo sacerdote nos degraus do altar; toda a vida do povo nas suas phases mais variadas de dor ou de prazer, se unia ao Criador 'naquellas fórmulas sensiveis e perfumadas, unicas que lhe fallavam ao coração; porque a razão lhe não supprime a vida íntima do sentimento: d'esta religião, que o acompanhava do berço á sepultura sentiu elle que se mofava, zombando da sua credulidade vã; e do desmoronar constante das velhas crenças e instituições, não escaparão tão pouco, como cousa futil e ridicula, os seus folgares rudes e campestres, cuja singelleza não valem os salões dourados, só ricos de seducção e prazer: o povo descreu, e vendo que todas as suas crenças eram olhadas como fórmulas grosseiras, em que os seus inimigos haviam agrilhoado a sua independencia e liberdade, atirando-as ao acervo das empoeiradas antigualhas, foram ban-

quetear-se tambem no espolio jacente dos negocios politicos.

Assim com a queda das velhas instituições perdiam-se tambem as crenças populares, e essa tal, ou qual moralidade pública, que lhes andavam unidas, e lhes serviam de base; era condição inevitavel: mas hoje, quando se tracta de edificar de novo, a nova organização da sociedade será ephemera rachitica, se lhe faltarem alicerces, em que se firme: por ahí ha escolas e academias, em que a intelligencia se desinvolve e fortalece; mas ainda d'essa diminuta parte da sociedade, que as frequenta, para uns o estudo é arduo e coberto de tedio, para outros não merece a pena remontar ás leis da nossa natureza: e a outra parte da sociedade, amarrada ao suor do seu rosto para sustentar a vida? essa jazerá escrava, não já de suas crenças e preconceitos, mas de suas paixões desenfreadas.

Mal vae á nova sociedade, se os que se acham á testa d'ella, não cuidarem a serio da sua educação; porque a educação é o unico movel, em que assentem firmemente a moralidade, os bons sentimentos, e todas as ideias grandiosas.

Continúa

A. C.

A CAMARA DOS PARES

Ao meu amigo Balthasar Mousinho

«Les États-Généraux avaiant trois ordres, ils ne constituient qu'une chambre et un pouvoir. A l'époque où l'état de la propriété, de la richesse, des moeurs féodales auraient permis l'établissement d'une pairie, l'esprit nationale y a toujours résisté.»

ARMAND-MARRAST.

Quando o gladio sanguinolento da revolução franceza fez ondular pavôr por toda a Europa, uma nova aurora festival e louçã raiou nos horisontes indecisos do futuro. Soou então por toda a parte um alarido infernal. Fracos em meio de suas grandesas, tremeram os despotas ouvindo aquella vozeria do povo amotinado, que se derramava em ondas encapelladas, e turvas pelas praças publicas, decoradas com seus bustos talhados em bronze; ao passo que, gelladas pelo medo, as guardas numerosas, que acerecavam — noite e dia — seus palacios cõstellados de esplendores e magnificencias, pareciam chumbadas ás lages symmetricas de seus

porticos faustosos! Mas era já mui tarde quando uns e outros adquiriam a consciencia da sua congenita fraqueza. Idolos vãos da majestade humana, ironicos emblemas da realeza, partiram-os o primeiro bafêjo da liberdade! — É que o despertar d'um somno de seculos foi sempre atterrador. Acordavam então os povos d'esse somno profundo e desmesuradamente longo para cunharem com o mais solemne e incontrastado testemunho a verdade, que havia muitos seculos apregoára o sublime Tacito — *Parent dum potentiorum metuunt; ubi audacia et vires suppetent, servitium dominantis exitio ulciscuntur.*

A estes notaveis acontecimentos que a historia registrou com letras de sangue em suas páginas de bronze, succederam, passados alguns annos, outros não menos notaveis em Portugal. Esta nossa boa terra tão querida e amada por nossos paes, e tão reverenciada por todo o mundo em outras eras mais felizes que as de hoje, mostrou quanto se achava bem compenetrada das salutareis doutrinas da liberdade, desmoronando a velha monarchia, e levantando sôbre suas ruinas o Systema Representativo.

Esta fórmula de governo, sendo, como todos os homens graves e sisudos confessam e proclamam a todos os ventos, a mais idonea e adequada para esses tempos em que infelizmente ainda não podem viçar as bellas theorias da democracia (do que ainda ha bem pouco foi o supplicio de John Brown nos Estados Unidos um bem frisante exemplo), tem todavia o defeito de firmar como indispensavel uma instituição (perfeito privilegio) não já inutil, senão prejudicial, qual é a Camara dos Pares, verdadeiro tropeço de todo o progresso moral e material.

Que representa essa Camara?

1.º Seria creada para representar os interesses da nobresa? — Não, de certo; o systema representativo, cortando pela raiz todos os privilegios da classe aristocratica, sancionou o principio da egualdade politica de todos os cidadãos; e hoje os interesses d'essa classe são eguaes aos d'outra qualquer. «Reduzida a titulos vãos, diz o sr. A. Herculano, a precencias nos actos publicos, ás distincções das librés ou brazões, sem prerogativa alguma positiva e material, a nobresa como nossos avós a entendiam, pertence quasi exclusivamente á historia.» Seria, portanto, absurdo crear uma camara para representar interesses puramente imaginários.

2.º Seria para manter o equilibrio de poderes?—Cremos que se tal fôsse a sua missão só teria a intervir, como já se observou, no caso de abuso de poderes; e a experiencia mostra a contrario.

3.º Seria, porventura, para representar os interesses geraes da nação? Assim pensa o sr. Silvestre Pinheiro, pretendendo que a Camara dos Deputados represente os interesses especiaes. Salvo porém todo o respeito a tão insigne publicista, julgâmos que a somma dos interesses especiaes dá em resultado os interesses geraes, e, portanto, assim estes como aquelles se acham representados na Camara dos Deputados.

Não é razão ficarmos por dizer o meio com que se hão de evitar os inconvenientes que alguns apontam da supressão da 2.ª camara. Assim pois, para obviar a toda a precipitação que possa porventura haver na justa apreciação e votação de qualquer proposta deverá compor-se um bom regulamento, o qual marcará, em conformidade com os principios da razão, e aproveitando as regras que a experiencia tem mostrando serem as melhores, no caso em questão, os tramites por que terá de passar necessariamente todo projecto de lei.

Por todas estas razões opinâmos pela abolição do pariato que repugna em nosso entender, com o espirito da epocha actual.

Já Napoleão Bonaparte, uma das mais bem organisadas cabeças d'este seculo, dizia — *que o pariato estava em desacôrdo com o modo de pensar da idade em que vivemos.* — Tem-n'o dito e repetido milhares de vezes a opinião pública pelas cem bocas do jornalismo, que avassala e senhoreia o mundo. Tem-n'o dito e repetido milhares de vezes a voz conscienciosa das multidões, — e o testemunho das massas, sóbre sêr mui auctorizado, é irrefragavel, o que deu origem, como é de todos sabido, ao celebre aphorismo — *Vox Populi, vox Dei.* — E não é raro hoje mesmo ouvir-se este grito nos arraiaes da liberdade, a nossos ouvidos, de longe em longe, o trazem os ventos que sopram nestas regiões.

É que aquelle sublime pensamento do heroe de Jena tornou-se a expressão concisa e verdadeira do sentir das nações, e é hoje inquestionavelmente um dos principaes axiomas da politica.

Por aqui nos cerrâmos.

M.

ODE

Ad Franciscum a Paula Sancta-Clara

Ausoniam manibus chelyn ausus tangere rursus

Sacrilegis sum. Ignoscite, Musae!

Vatum ignoscite Manes, laudes unde latinae

Ac decus olim ingentia linguae:

Tu quoque parce, Deo nuper qui ductus adisti

Musarum venerabile fanum,

Cuique nitet florens jam docta in fronte corona.

Quid tu stercus forte repertum

Vis ad inauratas, ubi tecum regnat Apollo,

Abjectum sustollere sedes?

Multa leguntur ad ardua calthae et lilia templa,

Littore crescit inutilis alga

Nulli grata; sit ergo haec spreta in littore sola;

Non illis adcedere fas est.

Demens! sum causa ipse mali; dum carmina quondam,

Phoebi o Musarumque sacerdos,

Haec tua ad unguem miratus perfecta, valerent

Ut latios aequare poetas,

Illis quam obstupuit mens, non potui ipse tacere,

Qui studia haec fere spreta videbam:

Ausus tunc primum Musas excire latinas,

Digna darent quae verba volentes;

Teque nec erubui, laudes tetigisse tuasque!

Infremit indignatus Apollo,

Itque per ora meum ridendum nomen inepti.

Cur plectri discordibus, atque

Non meritis filis sumpsi te, Paula, canendum?

Ne sensi quidem abesse Camoenas!

Parce, precor, jam parce! indigno ne injice dona,

Neu gemmas ad stercora mitte;

Ast alii, si mavis, supra sidera laeto

Tollantur tibi carmine, digni.

Mi saltem tua laus, nomenque in mente repostum,

Dum vita fruar, usque manebunt.

Conimbricæ pridie Nonas Februarias anno 1860

Antonius Lopes a Sanctis Valente.

SONETO

A terra tem central fôgo latente,
Segundo opiniões assaz plausiveis,
Cujos effeitos muita vez terriveis
Soffrem os mares, soffre o continente.

Nós aqui 'nesta parte do occidente
Somos do solo ao frio tão sensiveis,
Que se nos tornam bem appeteciveis
Esses fogos centraes de um clima ardente.

Do calor, quando seja moderado,
Benefica deriva com certeza
A vida em todo o sêr organizado;

Contra o rigor do frio ha ma defeza;
Quando em tórno de nós tudo é gelado, —
Como que expira a acção da natureza.

Dr. Antonio Pereira Zagallo.

NOTICIA DOS BANHOS DE LUSO

Com este titulo acaba de ser publicada uma obra, tão curiosa como importante, pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões. Neste interessante escripto acharão os protectores dos banhos de Luso provas irrefragaveis da boa administração, que lhes tem presidido; os necessitados poderão conhecer, á vista dos factos representados, qual o lenitivo para seus males; e a sciencia encontrará todos os dados de que necessita para sua conveniente applicação.

O sr. dr. Augusto Simões, tanto 'nesta, como na outra obra, que no logar competente publicamos, dá a conhecer a grande consideração que lhe merecem os factos estatísticos, principalmente os que mais ligação têm com a vida do homem. Oxalá este exemplo seja imitado, e a sciencia d'este mundo lhe agradecerá!

A vida e desinvolvimento moral do homem

são cercados por milhares de embaraços, que continuamente se oppõem a suas nobres aspirações; como que não querendo os frageis elementos da natureza, ceder em posição a legítima preeminencia, que na ordem natural occupa o rei da terra.

A sciencia, que é a verdade personificada, não podia, ainda em seu amor proprio, soffrer um insulto tão indecoroso para si, quanto desdenhador da potencia divina...

A sciencia veio a triumphar, e nem podia ser d'outra maneira: o erro cede á verdade, a tyrannia cede á razão. A mesma natureza, que em sua força gigantesca parecia subjugar a fraqueza humana, cedeu de suas arrogantes pretensões.

A verdade, que na essencia infinita se resume, é a mesma que ao homem governa, e que na materia impera, em fórma de lei.

Se o triumpho humano ainda não está completo; a causa d'esta inversão é a ignorancia e indolencia do mesmo homem.

Tudo está sujeito a leis; a difficuldade é conhecê-las, quando a apropriação é certa.

Mas qual o meio mais proficuo de obter este conhecimento, que tanto aproveita? Sem dúvida, os dados estadísticos resolvem o problema satisfactoriamente, quando, accompanhados da luz da sciencia, que illumina os factos, os quaes, conhecendo que nada são e nada valem para si, reflectem em luz mais clara os raios transmittidos.

Entre nós a estatística não passa d'uma sciencia de nome; alguns factos, colligidos aqui e ali sem ordem nem methodo, constituem esses mappas informes, com que se pretende illudir a credulidade pública.

Sem um numero avultado de factos, bem examinados e documentados, não pôde haver esperanza de augmentar os thesouros da sciencia e o melhoramento da vida humana.

Sirva-nos de exemplo o sr. dr. Augusto Simões, que com toda a lucidez das ideias e com todo o escrupulo de consciencia, relata e prova tudo quanto é relativo ás circumstancias financeiras e hygienicas dos banhos de Luso, aos melhoramentos materiaes d'este estabelecimento, aos seus resultados pathologicos; em summa, refere-nos todos os factos relativos ao seu antigo e actual estado, com tal precisão e clareza, que convencem ainda os mais incredulos das grandes vantagens que a enfermidade pôde auferir d'estes banhos.

O estado valetudinário de todos os individuos, e particularmente d'aquelles a quem a

miseria não consente que se possam utilizar de todos os medicamentos, que o artificio do homem tem produzido, encontra nestes estabelecimentos o remedio que a propria natureza gratuitamente lhe concede.

Á esclarecida e energica administração que tem presidido aos banhos de Luso, são devidos os irremuneraveis beneficios, que d'elles colhem os enfermos.

Sirva de norma este estabelecimento áquelles, que, podendo achar-se em identicas circumstancias, são, pelo contrario, victimas do abandono. Se não ha genio de invenção, haja ao menos espirito de imitação.

B. d'Albuquerque e Amaral.

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA VIDA ACADEMICA

(Continuado do numero 11)

XXV

Cavaco

O borborinho das quatro vezes fallando conjuntamente em animada conversa cessou de repente e como por encanto, e assim esteve alguns minutos, até que de novo se atou o quebrado fio do cavaco. Versava este sobre o ultimo baile de capello e sobre o proximo futuro, que devia de ter lugar no dia 31: o enjejo era favoravel para Ricardo metter a sua colherada, quanto mais que o seu caloiro, prêso pelas impertinentes perguntas de Duarte, não lhe podia fazer sombra.

Em quanto Carlos, altamente apoquentado, respondia — como se chamava, que idade tinha, d'onde era, quem eram seus paes... e mil outras impertinencias relativas á sua personalidade e outras mil, relativas á respeitavel pessoa do sr. conselheiro Moniz, ácerca do qual Duarte indagava se ainda padecia gotta, se estava muito velho, se já tinha casado a filha, se estava muito gordo... e outras minuciosidades que taes. Em quanto — dizemos — Carlos respondia a esta metralhada continua de perguntas ociosas, que só provavam o muito que Duarte prezava a carta do conselheiro, Ricardo tinha-se ido insinuando no cavaco das senhoras, que corria animado.

— Então porque não vae a minha amiguinha ao baile do dr. Silva? — perguntava Constança á mais nova das suas visitas.

— Ora! a mamã não gosta de ir ao baile e não quer que eu vá só com o papá.

— E a minha amiguinha gosta do baile?

— Muito!.. Prefiro-o mesmo ao theatro!..

— E tem razão, minha senhora! O baile é a divinisação da vida sempre involta em mesquinhas materialidades! — disse Ricardo, lançando um olhar penetrante para D. Constança.

— V. s.^a gosta muito do baile? — perguntou ingenuamente a amiga da filha de José de Oliveira Duarte.

— Immenso!.. sou louco pelo baile!.. por uma noite de tal diversão daria a vida, e parece-me que ainda não compensava o muito que alli vou gosar!

— Ah! ah! ah! V. s.^a dava a vida pelo baile! e depois de morto é que havia de gosar! é boa!..

— Perdão! minha senhora! se dava a vida para entrar 'num salão de baile, é por que tinha a certeza de que, entrando alli, resoaria pelo poder magnetizador de tantas divindades; ou, para melhor dizer, o meu coração, alquebrado e morto pelo soffrer, só revive, quando, entre as damas, recebe o halito sagrado da existencia, que se exhalla do arfar de um seio feminino!..

— É muito lisonjeiro para as senhoras!

— Não, minha senhora! A minha bôcca exprime os verdadeiros sentimentos do meu peito! Eu acho a mulher um ser tão superior e divino que creio firmemente que só d'ella nos provém a vida do coração, por emanação celestial!

— Isso é lisonja!

— Os anjos não se lisonjeiam!.. adoram-se!

— Então v. s.^a adora todas as senhoras? — perguntou ironicamente D. Constança.

— E que dúvida, minha senhora?! Todas as senhoras merecem a minha adoração... mas nós sempre temos um anjo predilecto... o anjo da nossa guarda, que sobre todos adoramos, e que não podemos mesmo confundir com os outros no culto que lhe prestamos dentro da alma!

— Por conseguinte para o baile ser completamente bom, é preciso que esse anjo lá esteja!

— E que dificuldade ha 'nisso? Já 'numa bella soirée que o divisei... estava encantador!.. trajava de azul e branco... é a côr mais predilecta dos céus: desde que o vi, prosternei-me na sua presença e tributei-lhe adoração, culto, amor! e este sentimento tão novo e tão ditoso para o meu peito, jámais d'aqui se riscará!

— Então é um amor eterno? — perguntou a amiga de D. Constança.

— Como o que se deve aos verdadeiros anjos! — replicou Ricardo.

— Como os senhores costumam sempre tributar! — volveu a filha de Duarte.

— É injusta? minha senhora! confunde mesmo talvez um sentimento verdadeiro e arreigado com um d'esses passatempos, em que os affectos se refugiam para o mais abscondito do peito, e em que a lisonja só impéra!

— É por que tenho ouvido dizer o mesmo a todos os homens!..

— Conforme a divindade a quem prestamos o nosso culto! Nem todos os amores podem ser eternos porque nem todas as senhoras são verdadeiros anjos!

— Isso é bem pouco lisonjeiro para algumas! — disse a amiga de D. Constança.

— As pessoas presentes são sempre exceptuadas! — retrucou esta com ironia.

— Diga antes, minha senhora, que a verdade deve ser dita sempre, embora mesmo offenda a modestia de quem a escuta.

— Mas eu tenho visto que todas as senhoras têm ou têm tido quem lhes dê essas fal-lazes adorações, e por conseguinte ou todas são anjos, ou os senhores mentem sempre.

— Ou ha quem não saiba dar o devido valor a quem o merece e só a quem o merece!.. Esta hypothese é a mais provavel!

Em quanto o derriço assim progredia jogado por tabella, Carlos dava-se a perros por não poder mandar para o diabo o sr. Duarte mais as suas impertinentes seringações.

A mãe de Carlota e a sua amiga essas entretinham acaloradamente uma questão sobre a carestia do assucar e a baratesa das batatas; por conseguinte Ricardo e as duas donzellas faziam um trio muito differente sem que ninguem desse attenção ao que elles diziam: ninguem — não digo bem; por quanto Carlos não tirava os olhos de cima do seu veterano cuja felicidade elle invejava cubicosamente; encommendando *in mente* ao diabo todas as recordações e respeitos que o nome do conselheiro Meniz despertavam a Duarte.

A noite ia desdobrando os seus escuros mantos pela abobada celeste; as duas damas, visitas da mãe de Constança, iam dispôr-se a sair, quando Duarte largou a sua victima.

— Então já! minhas senhoras? — disse elle — nada! Não de hoje dar-nos o gosto de cá tomarem chá... Eu mesmo terei a honra de ás ir depois acompanhar.

As damas deram novecentas e noventa e nove desculpas; mas o pedido de Duarte foi tão bem secundado por sua mulher e sua filha, que as suas visitas, como lhes tinha faltado uma desculpa para as mil, se viram na grata coacção de accederem aos desejos dos donos da casa... e ficaram.

— E v. s.^a tambem nos ha de dar o gosto da sua companhia, assim como o seu amigo, — disse Duarte, voltando-se successivamente para Carlos e para Ricardo.

— Muito obrigado a v. ex.^a... mas...

— Nada! não admitto desculpas! Lembro-me muito bem do meu velho amigo Moniz!.. quero saber se elle ainda está muito impertinente ao jogo; se vae aos ares quando lhe cortam algum rei...

Carlos, ao vêr aquella patriarchal massada em perspectiva, quasi que perdeu a vontade de ficar; outro tanto não succedeu a Ricardo que sabia que ia passar uma noite divertida; coisa bem rara em Coimbra!..

— Então está dicto!.. ficam?..

— Infinitamente agradecido a v. ex.^a, mas os meus exames!.. Tenho muito que estudar para poder fazer exame de latim, francez, geometria e logica nestes tres dias que faltam.

— Qual historia!.. Eu sou muito amigo do sr. Moniz para desamparar um afilhado por quem elle se interessa! Deixe-se de contos!.. não lhe dêem cuidado os exames!.. V. s.^a é um rapaz de talento!.. o meu amigo Moniz assim m'o affirma!.. Sabe d'aquillo como um homem!.. não precisa estudar mais!..

— V. ex.^a ordena e nós obedecemos, — replicou Carlos, pondo a columna vertebral em ligeira flexão.

— Mas constrangidos não!.. Se têm alguma coisa de interesse a fazer digam-o sem cerimonia.

— Eu por mim não tanho nada!.. agora o meu amigo...

— Que poderá haver de maior interesse do que gosar de tão agradável companhia? — disse o interpellado amigo.

Duarte accitou aquella delicadesa com uma curvatura da cabeça sobre o pescoço e um riso de amabilidade estudada.

(Continua)

A. M. da Cunha Bellem.

CHARADAS

Se a primeira salva a vida, }
Tambem serve p'ra tirar: } 2

E mostra sempre a segunda }
Que a soubeste conservar. } 2

O todo era a primeira,

Que livrava de morrer;

Devendo ser a segunda,

P'ra a segunda poder ter.

Valladas Mascarenhas.

Explicação das charadas do numero antecedente — 1.^a Saramago. — 2.^a Bispo.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Recebemos as seguintes obras, que pelo seu auctor nos foram offerecidas; o que nós muito agradecemos:

NOTICIA DOS BANHOS DE LUSO apontamentos sobre a historia, melhoramentos e administração d'estes banhos: — com duas estampas do edificio. — Por Antonio Augusto da Costa Simões: — preço 480 réis.

TOPOGRAPHIA MEDICA das Cinco Villas e Arega, ou dos concelhos de Chão de Couce e Maças de D. Maria, em 1848, com o respectivo mappa topographico e carta geologica. — Por Antonio Augusto da Costa Simões: — preço 600 réis.

Theoria do castigo (principios fundamentaes), offerecida aos juristas da Universidade de Coimbra de 1859—1860, por Joaquim Machado Cabral e Castro

A *Theoria do castigo* é um pequeno livro, em que o author pretende vingar uma opinião, que já purgou o peccado do seu alar audacioso numa das aulas do quinto anno. Não pretende reanimar as cinzas do velho Kant, que local-as seria sacrilegio: suas vistas são menos ambiciosas; tactea a consciencia pública, á qual sómente está dado o poder da victoria sobre os debates da sciencia.

Compraes este livro; e vós ficareis vingados.

Preços: — assignantes 300 réis, não assignantes 400 réis.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 16

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
 { B. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de administração e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

1860 — MARÇO — 15

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
 { Com estampilha 270 .

A PENNA DE MORTE

O fanatismo, a auctoridade e a ignorancia são os tres elementos creadores da hedionda pena de morte.

Dizem os seus apologistas:—A pena de morte tem sido empregada em todos os tempos e em todas as nações, mesmo 'naquellas, a cujos destinos presidia um governo inspirado pela luz divina.

A pena de morte é *necessaria* para intimidar os criminosos em seus instinctos e tendencias sanguinarias.

A pena de morte é a unica pena proporcional ao crime atroz da privação da vida humana.

Logo a pena de morte é justa e conveniente.

Antes do exame d'estes argumentos, digamos o que nos parece em relação á penalidade.

A sciencia de direito penal tem sido mal comprehendida pelos criminalistas, emquanto consideram como fim *immediato* da pena a moralisação do culpado, e a intimidação racional. Estes principios são falsos em si e em sua applicação; provindo d'aqui essa variedade de systemas oppostos contradictorios e absurdos.

Porventura, poderemos nós considerar como pena a instrucção e moralisação, que se infunde no animo pervertido do criminoso? Certamente que não.

E sendo assim, como dizer que o fim da pena é moralisar? A instrucção e moralisação devem acompanhar e dirigir o homem desde o berço até ao tumulo; devem ser a salva-guarda do crime, e portanto o antidoto da *pena*.

Porque a moralisação deve ser applicada ao criminoso, o qual pelos seus actos mostrou a necessidade de que o poder público o levantasse da abjecção em que havia cahido, seguir-se-ha que este auxilio tão suave seja uma *pena*?

A sciencia esterilisa 'neste labyrintho de ideias.

Se a pena não tem por fim *directo* moralisar, qual o seu fim e sua natureza?

Que variedade de definições; que pensamentos tão diferentes; que contradicções se apresentam no mesmo escriptorio!!

Estará a sciencia juridico-penal, sujeita a continuas e variadas transformações segundo a cabeça de cada criminalista? Não haverá principios absolutos, certos e evidentes a todos, ou será o direito o producto da imaginação humana?

Quem não ha de descrever d'uma sciencia tão voluvel?

Digamos o que entendemos.

Já dissemos o que era o crime, quando analysámos o fundamento do direito de punir, hoje fallaremos da pena.

A razão, a intelligencia ou entendimento e a vontade são os tres pontos de triangu-

lação, com que hâvemos de medir a gravidade do crime e o rigor da pena.

A vontade augmenta ou diminue de força, e porisso é mais ou menos voluntaria, segundo a natureza humana está mais proxima ou mais afastada de sua dignidade racional.

A liberdade, ou a vontade no seu maior auge, diminue de poder, ao passo que augmenta a perversão moral e a energia das paixões.

A balança da vontade equilibra-se muitas vezes, e pende totalmente para a peor parte.

É nestas circumstancias que apparecem os heroes da liberdade, que pela sua defeza triumpham de todos os embaraços, que entorpecem o seu desinvolvimento. Porém, o que devemos concluir é que estes merecem maior louvor, e os que sossobraram, opprimidos pelo poder tyrannico, merecem dó e compaixão.

A perversão do criminoso, o hábito arreigado do vicio, a pouca ou nenhuma consideração pela virtude; em summa, a sua desmoralisação deverá servir de circumstancia attenuante ou aggravante?

Á vista do que deixámos dito, podemos decidirmos-nos pela affirmativa.

A sua natureza, seja qual for a causa, propende para o crime; modifica a energia da vontade; porque tem mais resistencia a vencer, e porisso a penalidade deve ser suavizada para com o criminoso, que nestas circumstancias se achar.

Como portanto aggravar a pena áquelle que pelos seus crimes revela maior perversidade, menos força de vontade?

Como punir no homem os factos de que elle não é causa? — Tal é a consequencia absurda dos que pretendem augmentar o rigor da pena, quando na natureza do crime se traduz uma maior corrupção moral.

Desconhece-se o principio trivialissimo de que quem não tem culpa não deve ser punido.

Para aquelles, a quem o vicio é a virtude, e que por seus crimes têm posto em alarme a sociedade, haja correcção conve-

niente, que possa destruir essas suas tendencias sanguinarias e ferozes; separem-se dos seus concidadãos, e em último recurso, se quizerem, applique-se-lhes algum castigo, que destrua essa propensão, que os obrigue a reflectir em seu estado de abjecção, a que o vicio os conduziu.

Porém, não podêmos admittir que a este castigo se chame *pena*: esta somente pôde actuar na vontade do criminoso, emquanto podia e devia triumphar do crime e executar a virtude.

Como definiremos o pena?

Penã é o soffrimento racional applicado ao criminoso, tanto quanto abusou do poder de sua vontade, a fim de o obrigar a abster-se do crime e a obrar com justiça.

No direito penal não pôde portanto comprehender-se nem a moralisação, porque este não é pena, nem o *castigo* de que fallâmos; porque a sua acção não actua sobre a vontade do criminoso, sem a qual não pôde haver crime.

É, portanto, injusta, absurda, despotica e cruel a applicação da terrivel pena de sangue.

Com effeito, se a *pena*, (note-se bem) como acabámos de definir, para ser proporcional, tem de diminuir em sua intensidade tanto, quanto afrouxar a energia da vontade; e, sendo tambem certo que o poder d'esta se abate com a corrupção moral do criminoso, corrupção que offusca o brilho da intelligencia, oblitera o exercicio da razão, perverte as faculdades moraes e inclina o homem para o crime; o que dá em resultado unico — o abatimento da vontade; entendemos que é injusto e absurdo o querer-se aggravar em vez de diminuir a *penalidade* quando o delinquente se encontrar nesta condição tão miseravel, que antes excita a compaixão *para quem conhecer a natureza humana*, do que o castigo, *considerado como pena*.

Quaes os criminosos, a quem os apologistas da pena de morte pretendem applicar-a? São aquelles que acabámos de descrever; são aquelles, que tendo prostituido a sua natureza, menos vontade revelam em seus actos; são aquelles emfim, que a me-

dicina moral suicida com o veneno, em vez de regenerar com um remedio salutar!

Para esses grandes scelerados, que não temem as leis, que perturbam com suas continuas atrocidades a ordem social; para esses a pena de morte!

- Haverá maior tyrannia?!

Se sois logicos levae á guilhotina o demente e furioso, que, sem respeito ás leis, offende a justiça, incendeia os edificios de seus concidadãos, e assassina a sangue frio innocente desprevenido!!

Se este não é punido, por lhe faltar o exercicio de suas faculdades intellectuaes; aquelle merece ser considerado pela des-harmonia e depravação de suas faculdades moraes.

A pscologia e a logica favorecem o nosso pensar.

(Continúa)

B. d'Albuquerque e Amaral.

SOBERANIA

Hoje, que as sciencias se têm desinvolvido e immenso aperfeiçoado, ninguem faz questão sobre a liberdade humana. Em outro tempo, quando a voz do erro suspendia o assentimento do homem ás tendencias da sua natureza moral, era só a consciencia individual, que triumphava de todos os embaraços oppostos ao progredir espontaneo da humanidade, mas então a consciencia social ou existia ephemera e sem acção, ou era apenas uma idealidade methamorphoseada na práctica, sortindo os effeitos da tyrannia.

O mais provavel, attendendo á historia dos individuos e das nações, é que não existia verdadeira sociedade, nem, por consequencia, consciencia social. As paixões dos homens afortunados, cujo fito estava em manter um caracter vaidoso em despeito dos seus irmãos, ou afrouxavam os laços sagrados da fraternidade, ou os despresavam como ineptos para o fim de manterem certa independencia escravizadora.

A egualdade da natureza humana era desconhecida e desconsiderada. A fortuna dava a posição e o privilegio.

Mas um estado forçado não póde ser permanente. A humanidade mais cedo ou mais

tarde devia de quebrar as cadeias, que a algemavam. Assim foi. A liberdade individual começou a ser reconhecida e apreciada pela consciencia particular; os individuos elevaram-se todos ao mesmo nivel e esta egualdade de posição determinou-os e resolveu-os a considerarem-se como irmãos, filhos do mesmo pae, e ligados aos mesmos destinos.

A reflexão levou-os gradualmente da liberdade á egualdade, d'esta á fraternidade, e da fraternidade emanou a verdadeira consciencia social.

A liberdade individual que domina no individuo-homem, amoldou-se á vida social, unica em que o conseguimento d'um destino racional é possivel.

Todos, para constituirem esta entidade de reconhecido alcance, concorreram e concorrem com egual porção de sua actividade particular, e esta aprecia-a e dirige-a a consciencia social illustrada.

A somma dos productos das consciencias particulares, illustradas, fórma pois e constitue a base do governo das sociedades.

É o que é soberania.

Quer ella se considere emanando através das phases historicas da humanidade, quer descobrindo-se e simplificando-se pela analyse da natureza moral, a soberania é sempre a consciencia social illustrada, ou, quando não, a sua expressão.

J. Machado Cabral e Castro.

PENA

Depois de tantas definições que se têm dado de pena, nenhuma satisfêz ainda o espirito sempre exigente do philosopho: é que ha uma grande difficuldade em definir o sofrimento de cada um e a sua extensão. Esta difficuldade provém da desigualdade da natureza sentimental ou esthetica entre os homens.

Todavia, a quantas se deram já, accrescentaremos mais uma.

— Pena é a reversão forçada do lesante ao estado anterior á lesão. —

Notâmos que o termo — estado — designa o complexo das relações moraes do lesante interrompidas pelo delicto practicado.

Esta definição é simples, breve, clara e reciproca.

J. M. Cabral e Castro.

Na successão legitima os avós devem succeder em primeiro logar que os irmãos do defuncto, ou estes primeiro que aquelles?

Hoje, que a mais bem fundada esperança anima a todos os portuguezes de ver em breve substituidas as antiquadas Ordenações por um Codigo bem elaborado e ao par com os progressos, que a sciencia juridica tem feito desde 1603 para cá, é um dever para todos os que se entregam ao estudo do direito, examinar o Projecto do Codigo Civil Portuguez; notar as alterações que elle faz nas velhas leis, que nos regem; e lembrar as disposições que nelle se deveriam conter, dando d'est'arte cada um o seu contingente, para que o Codigo futuro fôsse o mais perfeito possível, a fim de tirarmos a nossa legislagão do vergonhoso atrazo em que se acha.

Uma das partes em que o Projecto altera as Ordenações, é nas successões *ab intestato*, especialmente na successão dos ascendentes em que dá á questão acima posta, uma solução differente da Ordenação, conforme com os principios philosophicos do direito, e em harmonia com as prescripções dos Codigos modernos.

Quando morre alguém sem ter designado em testamento oral ou escripto as pessoas, para quem quer que passem os seus bens; as leis, solícitas em evitar os inconvenientes de os deixar ao desamparo, e fundando-se no amor, que é natural o defuncto tivesse áquelles com quem se achava ligado pelos laços do sangue, chama os parentes á successão do intestado.

Mas, como pôde acontecer que elles estejam em diverso grau de parentesco com o defuncto, tornava-se necessario determinar os que primeiro lhe devem succeder com preferencia a todos os outros, e bem assim marcar a parte da successão, que cada um deve levantar. É sobre estes pontos que versam todas as leis ácerca das successões legitimas.

Os primeiros parentes que as leis de todos os paizes concordam em chamar á successão de qualquer pessoa, são os seus descendentes, porque o amor de pae a filho está gravado pela natureza no coração do homem, e em todos os tempos os filhos têm sido considerados como com-proprietarios do que é do pae, e portanto adquirindo por morte d'este, um poder pleno sobre o que até ahi só gosavam em parte.

Não havendo, porém, filhos ou netos, quaes

parentes devem ser chamados á successão? Neste ponto já não se dá nas legislações a mesma harmonia, que notamos com a successão d'aquelles, e deixando para outra parte o exame de suas variadas disposições, só diremos por emquanto que umas chamam os paes, avós e mais ascendentes com os irmãos e sobrinhos, filhos dos defunctos; outras os paes junctamente com os irmãos, e em falta d'estes os avós, e outras chamam em primeiro logar os paes, depois os irmãos, e em seguida os avós. As Ordenações, em quanto houverem ascendentes, não permittem que succedam os collateraes, e por conseguinte excluem os irmãos pelos avós... e isto mesmo haverá logar no avô e avó e mais ascendentes, porque onde houver ascendentes não herdará o irmão. Ord. liv. 4, tit. 91, § 1. Esta disposição, unica no seu genero, porquanto não a encontrámos em nenhum dos Codigos modernos de que temos conhecimento, parece-nos estar em opposição com os principios philosophicos das successões legitimas, assim como o está com as leis escriptas das nações estrangeiras.

Rejeitam-se as successões legitimas pelo amor que se tem aos parentes, e ninguem dirá que o amor que se tem a um avô é superior ao que sentimos por um irmão: d'aquelle nos separam a differença da idade, a vizinhança do tumulo, o pouco, senão nenhum conhecimento: d'este nos aproximam a ligação desde os tenros annos, as recordações da infancia, a convivencia, e mil outras circumstancias.

Além de que as successões legitimas têm por fim a conservação dos bens nas familias, que, como diz o sr. Rocha, tão importantes pela sua natureza, como pela sua influencia na ordem civil, têm um motivo de preferencia; e que entenderemos por familia? tomal-a-hemos no sentido do Direito Romano, comprehendendo todas as pessoas ligadas por vinculo do parentesco proveniente d'um tronco *commum*, ainda que vivam separadas, ou no seu sentido natural e stricto, designando a reunião de pessoas, que habitam conjunctamente e em economia *commum*, e debaixo da direcção d'um chefe, e debaixo de cujo ponto de vista ellas são conjuges, paes e filhos? Parece-nos, que, em quanto houverem pessoas da familia, tomada neste último sentido, os bens d'um membro seu, não devem passar para os da familia em geral, tomada na primeira accepção. Não é isto o que se verifica com a disposição da Ordenação, porisso que por morte do avô, não lhe succedem só os irmãos excluidos, mas tam-

bem os tios, filhos do avó, e irmãos de seu pae, recebendo elles assim unicamente a parte que tocaria a este, que representam.

Nem nos digam que seria injusto chamar o neto á successão do avó, e negar a este, contra as regras da reciprocidade, o direito de succeder áquelle. Este argumento não colhe. O neto que vae á successão do avó, não vae por direito proprio, mas sim representando seu pae: pelo que rigorosamente não temos aqui um neto a succeder ao avó, mas um filho a succeder ao pae. E se algumas vezes o neto succede por direito proprio, como acontece no caso de ser o unico descendente, também não tendo elle irmãos, a sua successão se devolve ao avó.

A maior parte dos Codigos, longe de chamarem o avó primeiro que os irmãos, vão mais adiante: chamam os irmãos junctamente com os paes: porém, com a successão d'estes não vemos o mesmo inconveniente de fazer sahir os bens da familia, porisso que, sendo os filhos os herdeiros necessarios do pae, os bens que do irmão defuncto passaram para o pae, por morte d'este, se lhes devolvem por inteiro, sem que elles sofram mais do que uma demora mais ou menos grande, no seu recebimento.

Vejamos agora as disposições do Direito Romano, e dos Codigos modernos a este respeito.

(Continúa)

ODE (a)

Ad Albertum Telles ab Ultra-Machado

Hic furens olim juvenis peremptam
Virginem jussu genitoris improbi,
Immemor regni, populique, rupe
Flebat in alta.

Hic die solus prope jam cadente,
Pectore ex imo gemitus in auras
Moestus edebat, lacrimaeque fusae
Ora rigabant.

Nonne sub noctis venientis umbras
Nunc quoque est visus tibi fronde circa
Ex odorata, teretique saxo
Surgeré quaestus?

(a) No Penedo da Saudade.

Nonne adhuc fletu lapides madere
Tempore in verno? folia, arboresque,
Aethera, et saxa, et resonare tristi
Cuncta querela?

O locus terque et quater hic beatus!
Hinc vides latosque patere campos,
Hinc et albentes procul esse villas,
Et sata laeta;

Hinc arenosis piger amnis undis,
Quae jubar lunae referunt serenum,
Cernitur: cultos medius per agros,
Quos beat ipse,

Lentus incedit, segregatque flavus
Urbis excelsae monumenta sacra:
Inde ranarum sonus usque nostras
Pervenit aures.

Huc veni, Telles, tacitae per umbras
Noctis, ut coelum nitida astra pingent,
Aemula et solis speciosa luce
Deteget arva.

Huc vocant Musae, studioque parvum
Nos decet tempus possuisse grato:
Palladem juxta latet hic in umbra
Palladis ales.

Hic opes natura oculis aperta
Praebet immensas: Deus undique adflat:
Jam veni; reddit philomela carmen
Valle remota.

A. L. dos Santos Valente.

SONHOZ VÃOS

Se os sonhos em que te vejo,
Em que eu te fallo durassem,
Talvez que illusões tão vivas
Sem outros bens me bastassem.

A. F. DE CASTILHO
(Am. e Mel. pag. 35).

Era noite, e o ceu formoso
Todo crivado d'estrellas,
Fazia lembrar as noutes
Da primavera tão bellas.

Folgavam auras subttis
Entre as balsas rumorosas;
E as avesinhas da margem
Soltavam canções maviosas.

Eu estava então 'num sitio...
E que sitio! Ai que logar!
De um lado negras montanhas,
Do outro o rio a suspirar.

Erguia-se, d'alli mui proximo,
Abandonado mosteiro,
Logo ao pé outro avulta
No cima de verde outeiro.

O sino de seu relógio
De quando em quando se ouvia;
E ao longe o echo saudoso
Acordava... e adormecia!

Branca vela vae no rio,
E o barqueiro cantando
Trovas lindas, lindos cantos,
Que lhe ia o vento levando.

Era noute e o ceu formoso
Todo crivado d'estrellas
Fazia lembrar as noutes
Da primavera tão bellas.

II

Mostra a lua meio disco
Por detraz d'aquelles montes;
Fulgem, brilham magestosos
Os argenteos horisontes!

No fuste d'uma columna
Que se achava alli partida,
Sentei-me, deixei correr
A mente em sonhos perdida...

Oh! que fará ella agora
A minha Lilia adorada?
Dorme o somno da innocencia?
Está na janella assentada?

Lê acaso pensativa
Alguns pobres versos meus?
Ou contempla nas estrellas
O brilho dos olhos seus?

Unindo rara belleza
Á mais amavel virtude,

Quem podesse vê-la assim
Em tão formosa attitude!

Meu nome julguei agora
Vêr-lhe os labios murmurar,
Pender a linda cabeça
Longo suspiro soltar...

Que bellos sonhos que eram
Estes sonhos que eu fazia,
Mais lindos certo os não ha...
Pena é serem phantasia!...

Coimbra, Fevereiro de 1860

U. M.

A ACTRIZ

EMILIA DAS NEVES E SOUSA

Bem vinda sejas, portugueza artista!
Louvor do genio, que enlevar-nos vem!
Tão nobre acção, qual a que fazes hoje,
Quem algum dia esquecerá? — Ninguem.

Ha pouco ainda d'esta sala o tecto
De nossos *bravos* co' a explosão tremeu;
Extranho artista 'neste templo da arte
Eternos louros para si colheu.

Era estrangeiro, mas que importa? — o genio
Pertence ao mundo, não tem patria já;
Sempre o talento, d'onde quer que venha,
Em toda a parte nacional será.

Hoje vens tu, em Portugal nascida,
Teu genio, todo portuguez, mostrar;
Desejo immenso de entre nós te vermos,
É hoje, Emilia, que tu vens saciar.

Applausos démos aos que extranhos eram...
Não te devemos coroar a ti?
A ti, que, sendo seu rival no genio,
Só *charidade* conduziu aqui?!

Oh! sim! Havemos de coroar-te, Emilia!
Louros e palmas ceifarás a mil;
Tão alto solio has de aqui ter, que nunca
Seja abalado pela inveja vil.

Bem vinda, pois, a portugueza artista!
Louvor ao genio, que enlevar-nos vem!
Acção tão nobre, qual a vemos hoje,
Quem algum dia esquecerá? — Ninguem.

Eugenio de Barros.

NOTICIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DE ELVAS

(Continuado do n.º 14)

XIII

Como foi tomado Badajoz pelos nossos, e dos privilegios que se concederam a quem habitasse o sitio da Corujeira

Duravam ainda as guerras entre Portugal e Castella, e em Badajoz vivia homiziado, com mulher e filhos, um homem nobre, por nome Gonçalo Annes, natural de Elvas, conhecido de Martim Affonso de Mello. fronteiro d'esta nossa provincia. Este o mandou chamar a Evora, e com elle tractou em segredo sôbre a tomada de Badajoz, que foi da maneira seguinte:

Informado Martim de que em Badajoz havia falta de trigo, fez com que os nossos, a titulo de negocio, fôsem pouco a pouco vender-lh'o, e d'este modo se facilitou a tomada da Praça; porque, quando pareceu opportuno, aberta a porta para entrar o trigo, em seguida entraram os nossos armados, e se fizeram senhores da cidade, e se conseguiu por este modo o que por força levaria muito tempo, e causaria grande estrago na nossa gente.

Convocando el-rei D. João I côrtes em Lisboa no anno de 1412, a ellas foram os procuradores de Elvas e advogando os interesses do reino fizeram tres uteis propostas:

1.ª Que se concedesse privilegios a quem fôsse habitar o bairro alto, no sitio do Castello e Corujeira, em Elvas, que estava deserto por falta de gente, que nas guerras tinha perecido, resultando porisso grave damno nos prédios, o que d'este modo podia remediar-se;

2.ª Que se renovasse o antigo privilegio de que os filhos dos homens da governança servissem o primeiro mez, do anno em que casassem, de almotaceis;

3.ª Que não entrasse em officio público quem não tivesse cavallo, que lhe servisse para poder pelejar contra o inimigo. O que tudo foi inteiramente approved e concedido por el-rei, segundo consta de um escripto, feito em 13 de Maio de 1412, que está na Camara.

(Continúa)

M. J. Pires.

REVISTA CRITICA E LITTERARIA

DO ANNO DE 1859

A meu pae

(Continuado do n.º 14)

II

— Como?..

— O que?

— Outra vez a *Revista*?!

— Sim, sr.;..

— Pois que?!.. temos repetição...

— Não sr.;.. eu lhe digo...

— Então que é isto?

— Perdão, leitor! Que impaciencia a sua!.. Valha-me Deus!

É a segunda parte d'esta obra. Pois não vê que um trabalho d'esta ordem não se póde levar ao cabo d'um só rasgo, d'um só lance, d'uma só vez? — Que é mesmo realmente impossivel, méramente impossivel, completamente impossivel, absolutamente impossivel fazel-o? — Pois não sabe o que é um trabalho critico, philosophico, transcendente e analytico; analytico, transcendente, philosophico e critico?

— Mas...

— Ora, deixemo-nos de palestras, e tornemo-nos depressa ao nosso assumpto.

Começaremos pela *Analyse dos Lusíadas de Luiz de Camões, dividida por seus cantos, de Jeronymo Soares Barbosa*. É um livro, a todos os respeitoos, da maior utilidade para os estudiosos, mas que, apezar de util e prestantante, tem defeitos como todas as cousas humanas: pécca por alguma rigidez da parte do seu author para com o immortal cantor da malfadada Ignez; nem nos acoinhem de ousado e atrevido por avançar-mos esta proposição, pois bem certos e convictos do que dizemos estamos nós e a boas authoridades arimados. O

Aliquando bonus dormitat Homerus.

é já velho rifão e poucos haverá, em nosso entender tão verdadeiros; porisso quem lêr este livro deve precavêr-se contra muitas coisas que o author julgou serem boas e leaes verdades e que hoje se conhece não passarem de méros vicios da eschola a que pertencem Soares Barbosa, que era a de Candido Lusi-

tano (a). Passemos agora ao *Portugal e a Casa de Bragança*.

Já nesta folha demos noticia d'este excellente livro, que foi saudado unanimemente desde o Sena até ao Neva, e que bem merecem estes applausos. Enviamos o leitor para o n.º 10 da *Estréa Litteraria* onde mais detidamente apreciámos esta boa e prestante obra. O sr. Teixeira de Vasconcellos escreveu depois — *O Sampaio da Revolução de Setembro*, biographia d'este bem conhecido jornalista portuguez. Encontra-se na primeira parte d'este livro uma mui curiosa noticia historica ácerca do nosso jornalismo. Porém, dizem alguns, que a par d'estas outras boas qualidades do seu livrinho, a amizade, e a sympathia o desvairaram um pouco na publicação d'esta biographia e que olvidou o dictado:

Amicus Plato, sed magis amica veritas.

E acrescentam, como prova do que affirmam, que no anno proximo passado se deram alguns factos que fizeram vacillar profundamente as crenças que haviam 'nessa tão alardeada independencia que fazia do sr. A. R. Sampaio um mytho para os menos conhecedores das cousas humanas.

Nós porém, estimavel leitor, que não andámos prescrutando a vida alheia para a pôr ao soalheiro, deixamos fallar quem falla e não curamos de saber se é verdade ou mentira ou o que se diz, porque a nossa pena nem é thuribulo de lisonjas, nem tão pouco instrumento de ruins paixões.

Mais alguns livros, bons e máus, viram a luz da publicidade; não os mencionámos por que não cabe nos curtos limites d'uma folha como esta, nem o permitem as nossas occupações, a analyse, posto que rápida de todas as obras que se publicaram no longo espaço de um anno, a qual não podia deixar de ser mais ou menos longa e que, quando muito, acharia logar competente 'num folhetim do Times!

Agora o theatro: — o theatro é a fraternidade e a egualdade. Em seu vasto recinto apinham-se hombro a hombro e lado a lado o rei e o peão, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o estadista e a jornalista que alli correm em chusma condensada e ávida de applaudir freneticamente, e em estrepitoso côro

(a) Veja-se o folhetim do *Jornal do Commercio de Lisboa*, n.º 1174, escripto pelo sr. Mendes Leal, d'onde extraímos estas observações.

de retumbantes palmas, o que açouta os seus vicios e o que pune os seus proprios crimes; — tal é a magnitude da sua licção!

Porém, a este respeito, militam as mesmas razões que acima expozemos, obstando cruelmente a que lancemos os olhos para as sympathicas regiões do palco onde as scenas mais sublimes e triviaes da vida se reproduzem com maior ou menor exactidão, conforme o gráu de talento e finura de observação d'alguns espiritos amestrados em pintar mais ou menos fielmente o que encontram na sua passagem por este valle que é de lagrimas, como se tem asseverado desde tempos immemoriaes e que eu me encarrego de communicar aos posteros sem esperanza de agradecimento.

E com isto rematámos estas linhas insignificantes, porque são traçadas por uma penna que se *estréa*.

11 de Fevereiro de 1860

U. M.

CHARADAS

Quando Grecia era pagã }
Meus cultos tambem havia, } 1
Um rebanho de clientes }
Minha protecção cobria. }

Tanto em Roma como na Grecia }
E outros povos antigos } 3
Servia de proporção }
Dos delictos c'os castigos. }

É o todo nome d'homem,
Conhecido e não vulgar;
Em Coimbra me parece
Penas um se pôde achar.

AVISO

Não sendo possivel á redacção d'este jornal continuar a publical-o por mais um trimestre, pois que a proximidade das ferias e a ausencia dos redactores o não permitem, resolveu concluir somente o trimestre começado, dando a lume os numeros que faltam, até ao fim do anno lectivo.

E em Outubro de 1860 continuará este jornal sob a direcção d'um habil academico.

ESTRÊA LITTERARIA

JORNAL SCIENTIFICO E RECREATIVO

N.º 17

Vol. II

REDACTORES { J. M. Cabral e Castro
{ E. Albuquerque e Amaral

Correspondencia de admistracção e redacção — a B. d'Albuquerque e Amaral, rua do Cotovello, n.º 8.

Agradecem-se e publicam-se os artigos scientificos e litterarios, que á redacção forem enviados.

Assigna-se na Imprensa da Universidade e no escriptorio da redacção. — Publica-se duas vezes por mez.

1860 — ABRIL — I

Preço { Por trimestre . . 240 rs.
{ Com estampilha 270 .

A PENA DE MORTE

(Continuado do n.º 16)

O homem instruido e moralisado não commette crimes; á sua natureza a isso se oppõe.

Sendo assim, o dever principal, ou talvez unico da sociedade, é por certo a illustração dos seus consocios; é a applicação de todos os meios, que possam infundir no ânimo do homem o amor da verdade e desejo de a seguir. Não queremos que a sociedade de hoje se componha de *santos*, mas queremos e temos direito a reclamar que ella se componha de *homens*. — Se, apesar d'esta elevação da natureza humana, ainda apparecerem crimes, o homem, como homem, não pôde punil-os.

O desinvolvimento humano tem limites, que não é dado transpôr, e nos quaes todos nós devemos parar, se quizermos ser justos perante a nossa consciencia, e attendidos ante Deus.

As estatisticas bem consultadas provam que a criminalidade, como a sciencia a entende, diminue aonde o espirito humano se desinvolve; e que augmenta aonde a ignorancia, acobertada algumas vezes com o fanatismo, faz mais progressos.

Estamos certos que a penalidade virá um dia a pertencer sómente á tradiçção, deixando o campo que havia usurpado á instrucção.

Se é possível regenerar o homem, e obviar ao crime, sem quebra da dignidade humana, qual o fundamento, qual o motivo que legitima a applicação de qualquer pena, ainda a mais inferior em gradação? Elevar o homem

á mais alta posição, fazel-o conhecedor das leis, que o governam, e que o prendem ao Creador, em summa instruil-o, é o fim unico da sociedade, e que pôde legitimar as suas medidas, e justificar o seu poder. — Hoje nas prisões, um pouco aperfeiçoadas, a penalidade é quasi desconhecida; não podêmos chamar pena a esse sacrificio, a que o condemnado é sujeito; é o unico meio de aperfeiçoar a sua natureza, que pelo crime estava corrompida.

Talvez que esta nossa opinião não possa na actualidade ter applicação; mas parece-nos ser o fim a que nos devemos dirigir, esperançosos de o obter á custa d'alguns esforços.

Mas se não podermos conseguir em todo um projecto tão momentoso: ao menos façamos alguma cousa: attendamos aos crimes mais graves, e corrijamos as penas, que com tanto rigor hoje são applicadas. — Se não é possível estabelecer casas de correcção para todos os crimes, ao menos fundem-se para aquelles, que são mais prejudiciaes á sociedade.

Neste caso está a pena de morte, que devia, ha muito, ou melhor desde o principio da sociedade, ser abolida.

A culpa é da sociedade, é dos governos que a dirijem, em não attenderem mais á moralisação dos povos, e á fundação d'esses estabelecimentos, que ao menos não degradem a natureza humana.

As circumstancias sociaes podem modificar mais ou menos os direitos hypotheticos, em opposição mesmo aos dictames da sciencia, que não approva taes modificações, mas que têm de se fazer pela força dos tempos; porém o que sociedade alguma poderá reconhecer é a

legitimidade de offensa dos direitos absolutos, como o de vida, que é o mais absoluto, porque as circumstancias assim o exigem.

Os homens não podem mais que a lei — *fiat justitia pereat ne pereat mundus*. Que importa o acabamento da sociedade, se a justiça divina é respeitada?

Se, como temos demonstrado, a penalidade não é reconhecida pela sciencia, deve ser substituída pela illustração (substituição esta que hoje não pôde ter applicação geral); segue-se logicamente que a pena de morte é injusta, e porisso inapplicavel em qualquer estado da sociedade.

(Continúa) B. d'Albuquerque e Amaral.

Tomámos parte nas ideias, que um nosso amigo expende com tanta lucidez no artigo que se segue.

Instituição nenhuma, por mais justa e demonstrada que seja em theoria, pôde vigorar aonde a illustração nacional fôr apenas o monopolio do rico; fôr o patrimonio d'alguns, a quem a natureza por acaso concede um privilegio tão odioso: — o privilegio do saber!

A sociedade é antagonista do egoismo; sociedade é a egualdade, é o desinteresse, é o amor divino, que a todos une e prende com os mesmos laços.

O saber é um direito do homem, e porisso uma obrigação social; é o fim mais eminente, mais nobre, mais duravel, que é dado ao homem proseguir; eleva-nos acima de nós mesmos, separa o nosso *eu* do que não é nosso, por ser de todos os seres, para nos conduzir em seus vôos magestosos ás regiões infindas da verdadeira felicidade *ao infinito*.

É certo que a palavra *egualdade* não transpõe os livros (alguns) de philosophia, ou o pensar d'algum progressista; tudo isto é verdade, ainda hoje, apezar de termos, como linha de separação entre o despotismo e a liberdade, uma carta constitucional, em que se estabelece o verdadeiro e salutar principio, de que a lei é igual para todos. Não creio em taes palavras, ou antes confio na sinceridade de quem as proferiu, porque tenho fé 'num heroe liberal e coração generoso; mas não creio na sua execução em todo o alcance que abrangem.

A natureza caminha, aonde a sciencia, a arte e o officio, fazem suas conquistas e excursão; assim o homem pobre de recursos entregue a

suas forças diminutas, quando não opprimido pela prepotencia senhorial, vive em continua prostração, 'num martyrio inhumano, que os proprios seres de baixa gradação não toleram!

B. d'Albuquerque e Amaral.

O SABER

A instrucção é o principal e mais preciso ornamento do rei da criação. — O homem sabio! Eis o elemento que se anheia para exercer as mais importantes funções da republica.

O homem sabio é procurado para servir nas aras sagradas, para se sentar nas cadeiras da alta magistratura, para empunhar a espada em defeza da patria.

Segundo os principios modernamente estabelecidos, segundo as tendencias da sociedade, hoje a instrucção é o mais robusto elemento da civilização, assim como esta é o principal motor da vida dos povos em todos os seus fins.

Homem alimentado com o leite da boa philosophia, faz consistir a felicidade das nações 'num bom principio civilizador, tendo por prática as verdades immutaveis da liberdade, justiça e egualdade, principios estes que vão lançando grossas raizes nos membros da sociedade presente, principios que se acham gravados com letras indeleveis nas sagradas páginas do codigo eterno da humanidade. Porém a civilização não pôde attingir o seu verdadeiro grau de perfeição, sem se dar uma vida cheia de seiva á instrucção.

O principio instructivo é um principio racional, justo e sancto; porém, não podêmos deixar de dizer que a estrada por onde marchâmos não conduz a elle. Não se pôde chegar a um grau de perfeita instrucção, sem que se arranque do terrivel lethargo a instrucção primária, ou a instrucção do povo: é necessario dar força a todas as camadas sociaes; porque os seus direitos são os mesmos.

A instrucção primária é um objecto de grande alcance, precisa ser depurada das escorias que a inquinam. É impossivel instruir, moralisar e civilizar a sociedade, sem que se dê melhor organização e direcção a estas escolhas.

A historia de todos os tempos, a contemporanea, mesmo, nos attesta esta verdade. Os verdadeiros sabios que se têm occupado d'este importante objecto, são concordes em asseverar que a moral, a justiça e virtude têm por base a instrucção, e que os crimes, tyrannias e toda

a sorte de immoralidades trazem a sua origem das massas, que carecem do elemento instructivo.

Pretender dar uma marcha vaporosa aos primeiros elementos de instrução, é firmar corrijas, pilastras, capiteis e elegantes portados em alicerces de informes tijolos. Deixámos a mais robustos talentos o cuidado de tractar esta questão na verdadeira altura dos principios: porém, o desejo que nutrimos de ver lapidar as últimas camadas sociaes, nos fôrça a expôr algumas bases para o melhoramento da instrução primária. Muitas devem ellas ser, mas nós as reduzimos a tres principaes: — a assidua frequencia dos alumnos ás escholae; — a confecção de um compendio normal, — e o augmento do ordenado aos professores.

A assidua frequencia dos alumnos ás escholae é essencialissima para o progresso da instrução da infancia. Actualmente nas aldeias, a frequencia dos meninos ás escholae, é irregularissima. Os alumnos só podem frequentar regularmente sendo mandados por seus paes: estes só podem cumprir o sagrado direito paternal, impellidos por uma de duas forças, a primeira interna, o conhecimento da riqueza moral de seus filhos, dos importantes serviços que elles podem prestar ás familias, á nação, e em geral á sociedade, já alistado-se na milicia do altar, já vestindo a toga, já manejando a espada em favor do direito, já dirigindo a busola através de grandes mares. Porém, como a maior parte dos paes de familias não podem ser alimentados com estes salutareos principios, só podem cumprir, obrigados pela segunda força externa — a auctoridade administrativa. Temos visto muitos paes de familias, apresentarem um riso de descrença, quando lhes apontam a obrigação de mandar instruir seus filhos!

Porisso, enquanto os paes não forem obrigados por uma lei a mandar seus filhos regularmente ás escholae, o progresso não passará d'uma chimera.

A confecção d'um compendio normal, instructivo e religioso, mandado adoptar em todas as escholae, muito convinha ao desenvolvimento da instrução primaria. Os alumnos apresentam-se diante de seus mestres, um com a cartilha do mestre Ignacio, outro com o Lunario Perpetuo, outro com uma novella; em summa, tantos são os alumnos, quantos são os livros diferentes que entram nas escholae! Por mais que os professores se esforcem, os paes de familias não compram livros a seus filhos, e exigem que elles aprendam (permit-

ta-se-me a expressão) pelos antigos alfarrabios, que possuem de seus maiores!

Já se vê portanto que o professor não pôde cumprir cabalmente 'num curso de 40, 50 ou 60 alumnos, dando a cada um lição por seu livro diverso; pelo contrario, mais aproveitavam, se todos estudassem pelo mesmo compendio, porque, divididos em classes, o professor mais se demorava em cada uma, ensinando-lhes melhor a lição, fazendo ao mesmo tempo as necessarias correções: faria este methodo levantar entre os meninos uma justa emulação, que muito concorreria para o seu aproveitamento. Porém, enquanto continuar este methodo, o professor não pôde (porque não tem tempo) a cada um dos seus discipulos explicar convenientemente as suas lições. Porisso, enquanto o conselho geral de instrução pública não fizer adoptar nas escholae de ensino primario, um livro moral e instructivo, que sirva de compendio, ao menos, aos alumnos da 1.^a classe, a instrução primária, ha de permanecer na actual lethargia!

O augmento do ordenado dos professores é um poderoso meio para o progresso da instrução primária. O professor deve empregar todo o tempo no cumprimento de seus deveres, mas para o fazer precisa receber um salario, que seja sufficiente para a sua subsistencia; e será a quantia de 90\$000 réis bastante para a decente sustentação do professor? Ninguém se attreverá a affirmar-o.

Emquanto o ordenado dos professores fôr tão diminuto, elles não cumprirão cabalmente sua sancta missão; porque, chegando-lhes o actual ordenado somente para satisfazer parte de suas necessidades, têm de trabalhar para haverem o resto para a sua sustentação; e o tempo que elles gastam a mendigar esses meios, faltam com elle ao cumprimento de seus deveres: porém, não esperem outra cousa enquanto se não melhorar a sorte dos professores.

Emquanto o ordenado não for mais vantajoso não se espere progresso na instrução primaria, e a maior parte das escholae hão de ser nos balcões, sôbre os carros nas ruas públicas, nos solheiros, etc.

Emquanto o ordenado for tão tenue, não concorrem aos concursos de taes cadeiras homens habilitados. Augmente-se o ordenado aos professores, teremos o magisterio composto de homens dotados das competentes habilitações: só assim poderemos obter um magisterio illustrado e que cumpra religiosamente a sua sancta missão.

As razões que deixámos expendidas devem ser ponderosas, para aquelles, que por sua posição têm o dever de tomar a iniciativa 'nesta empreza tão nobre, tão util, e tão justa.

J. J. Pereira Abranches.

TRIBUTO AO MERITO

O reconhecimento e a ingratidão tomam ás vezes uma extensão tão lata, que a consciencia individual é demasiado estreita para em si conter tão nobres e tão significativos sentimentos, que em sua expansão voluntaria se manifestam. O unico meio de saciar tão elevadas aspirações, é fazer d'ellas participante a todos os que conhecem e apreciam a dignidade humana em suas generosas demonstrações. Não podêmos porisso calar o nome do nosso sympathico condiscipulo o sr. Manuel José Vieira, pela maneira habil, franca e conveniente com que defendeu o conselho da Academia Dramatica, das pequenas faltas que lhe eram imputadas.

Não somos panegyristas por devoção; somos, sim, amantes do genio, quando de mãos dadas com a justiça pugna com denodo pela defeza dos que, pelas circumstancias particulares, não mereciam uma accusação tão insinificante, e de resultados tão prejudiciaes para a boa reputação, a que todos temos direito.

A Academia deve formar um corpo unico e vigoroso, pugnando sempre pela defeza dos bons principios, e principalmente dos seus direitos; e só em casos excepcionaes, quando um dos seus membros se torna indigno de occupar posição tão honrosa, deverá ser excluido, e stygmatisado com o sello de infamia. Mas, porventura, estaria 'nestas circumstancias o conselho da Academia Dramatica? mereceria o nome de *delapidador* e *incapaz* de administrar o theatro Academico?

Creemos que não; e em nosso abono temos a decisão do tribunal, que o julgou; e mais que tudo a convicção profunda que brilhava em todos os gestos e palavras eloquentes do illustre defensor do conselho.

Nós desejavamos mais fraternidade na Academia; e não queriamos que por faltas bem desculpaveis se fizesse uma accusação tal, que inhabilitaria, se fôsse avante, os conselheiros da Academia Dramatica, de pretenderem requerer emprego público, ainda da classe mais inferior; porque, quem é inepto e delapidador, é incapaz de tudo, que possa ter alguns resultados sociaes.

A justiça da causa e habilidade da defeza realçaram o nome do sr. Manuel José Vieira, chegando a derramar a convicção no ânimo d'aquelles, que mais adversos se mostravam ao conselho da Academia Dramatica. A consciencia sómente nos impõe o dever sagrado de dar este testemunho público de reconhecimento e gratidão.

B. d'Albuquerque e Amaral.

SONETOS

De um lado um povo, montes de outro lado,
No meio um valle, que um ribeiro corta;
D'este nas margens bello se compórta,
Fresco, virente, esperançoso prado.

Bem quasi centro ao valle ergue isolado
Seu collo um Teixo, que tristeza importa;
A terra é perto, onde parece morta
A natureza, e o lucto eternisado.

Oh! d'esse prado falta-me a frescura,
Falta-me a vida, a lisongeira esp'rança,
Que elle demonstra rico em formosura:

Mas esse Teixo inspira-me a lembrança,
De que não dista o solo da amargura,
Onde repouso o desgraçado alcança.

Dr. Zagallo.

'Nesta lida continua da existencia,
Não tenho inspirações, quaes tive outr'ora;
Tristeza permanente me devora,
Não sou feliz, nem mesmo na apparencia.

Quando contemplo minha decadencia,
A alma estremece, e o coração me chora;
Negro pendão aos olhos meus se arvora
Da miseria, que é morte, ou d'ella a essencia.

Meu naufragio ordenou sorte inflexivel;
Infausta prole, seres malfadados
Terão talvez o mesmo fim terrivel:

Nasci talvez em dias reprovados;
Vivo uma vida obscura, aborrecivel,
Morte hei de ter, que cabe a condemnados.

Dr. Zagallo

UMA PÁGINA SOLTA

«Este (passatempo) de touros, tão usado na Hespanha, que sem elles não ha festa de gosto para todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações: e nem os barbaros, que folgam de ter em suas casas tigres e leões, e outros animaes ferozes, e sempre temerosos, o admittem. E na verdade é um passatempo de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma desculpa. O jógo da pella faz o corpo agil, a lucta endurece os membros, a justa, que para briga tem pouco risco, e para festa demasiado, contudo o ser exercicio militar a defende. Só nos touros nenhuma cousa boa ha: se são bravos, poucos se correm que não façam voar corpos ao céu, e almas ao inferno. E que então alegrem, então sejam materia de gosto, e lhe chamem bons touros, como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de christãos: é um renovarmos as effusões de sangue dos amphitheatros antigos. Não ignoro que perdemos tempo neste aviso, como o perderam muitas pessoas gravissimas, que por vezes o deram. Mas obrigamos o zelo do bem commum..»

I

Estas conceituosas expressões d'um elegante poeta (1), que, trocando pela humilde estameinha de frade as nobres armaduras de Cavalleiro de Malta, que bem tinham servido a patria na India, se foi á solidão do claustro, para enriquecer a lingua portugueza com seus primorosos escriptos, — estas expressões, digo, foram de sóbra para os mais apegados ás velhas costumeiras, se ideias taes como estas de sobejo proveito, e muito para se não deslembra-rem, perdessem em assaz se repetirem e levarem aos ouvidos do povo, a quem são destinadas, as páginas em que escrevemos.

Observando o estado actual do nosso paiz, o aspecto que elle nos apresenta não é de certo desanimador.

Portugal, posto que muito atrazado, vae caminho da civilização; é este um facto que a experiencia quotidiana confirma; a instrução vae cada dia tomando maior vulto; as artes medram e florecem protegidas por um grande rei e artista; a locomotiva, subjugando a potencia da natureza, faz sentir já em algumas, ainda mal, poucas das nossas povoações, o seu

silvo agudo como o da serpente; e o barco de vapor, lançando fumo e fogo, como os dragões antigos, tolda a athmosphera nublada do Archipelago dos Açores, e vae demandar as remotas paragens da Africa, e as terras de Sancta Cruz.

Cabe porém notar, que em meio d'este movimento civilizador, que significa progresso, pois que a estabilidade é a sua negação intrinseca, permaneçam os circos.

Teve Roma os seus combates de gladiadores; a idade media os seus famigerados torneios, que duraram ainda por algum tempo na Europa, e dos quaes as obras de Walter Scott e Alexandre Dumas nos mandaram tão bellas descripções; Hespanha e Portugal, essas corridas de touros, adornadas as mais das vezes por uma côrte esplendida e romanesca. Afóra estas que existem ainda, apenas destituidas do pomposo aparato d'aquelles tempos — diversas tão somente na fórma, na essencia as mesmas, — tudo aquillo, Deus louvado, passou para os vastos dominios da historia.

(Continúa)

U. M.

Não é sem indignação profunda que os nossos leitores verão os effeitos d'uma lei barbara, e tão atrocemente applicada ao infeliz Ortega. — Estamos certos que soffrerão igual ou maior commoção, que nós experimentámos, ao lér-mos os ultimos momentos d'este heroe, que com a serenidade no rosto e os olhos em Deus espera tranquillo o momento feliz, em que sua alma, desprendendo-se da tyrannia humana, voára ao creador.

Só um coração petrificado, e uma alma viciada poderá admittir o sacrificio d'um homem totalmente regenerado, e em circumstancias bem adequadas para ser um cidadão util aos seus e á sua patria!

Esta natural repugnancia de que um coração bem formado se apodera para com estes supplicios, não será por si sufficiente razão para o seu acabamento?!

Se o senso commum repelle uma pena tão atroz, como admittit-a?

O que é victima de seus erros merece antes o perdão que o castigo. Tempo virá, em que a sciencia da penalidade será totalmente abolida, como o foram em parte as leis de Dracon.

Moralise-se o homem, mas não se puna; porque a pena é aviltante, é cruel, e contra a egualdade da natureza humana.

B. d'Albuquerque

(1) Manuel de Faria e Sousa colloca o sapiente escriptor da *Vida do Arcebispo* no número dos poetas, que fazem companhia a Camões pelo nome de Luiz.

ULTIMOS MOMENTOS DE ORTEGA

No dia 12, ás 5 da manhã, começou o conselho de guerra. Fiscal, o major da praça, coronel Rodrigues; defensor, tenente Felix Wetz; vogaes, tres capitães do provincial de Segovia, e tres de Tortosa. Durou tres horas a discussão. Ao meio dia passou o processo para as mãos do capitão general. Este, ouvido o auditor, o devolveu ás 5 da tarde. Ás 7 entrou Ortega para o oratorio.

Dizem que elle havia concebido esperança de ser perdoado, pois a imperatriz dos francezes se havia interessado por elle: mas quando lhe leram a sentença, se bem que recebesse uma forte impressão, não se abateu.

D'alli por diante começou a sua vida de heroe. Durou pouco; mas ha de fazer-se sempre bem lembrada.

Pediu que lhe concedessem fazer testamento, e ás 11 da noite tinha concluido a minuta.

Um sargento lhe passou revista, o que elle estranhou e sentiu, dizendo: «Só isto me faltava para humilhar-me. Iria eu commetter o attentado que temem? Não: eu quero morrer como christão.» Ás 11 e meia, tira do seio uma medalha da SS. Virgem, e recommenda a seu primo, D. Ramon, que a entregue a sua consternada mãe.

Entra depois seu confessor, D. Bento Senoz. Elle pede com muita delicadeza ao commandante das guardas que as mande retirar para elle se confessar mais desaffrontado.

Hora e meia durou a confissão. Depois disse elle: acho-me tão consolado, que, se porventura chegasse agora o meu perdão, talvez me não alegrasse.

Annuncia ao confessor que tem somno, e dorme assentado na cadeira hora e meia, um somno profundo e tranquillo. Acorda ás 2 e meia; pergunta a hora do supplicio: e como lh'a não dizem: «Respondei, para que tanto mysterio?»

Annunciam-lhe que uma senhora lhe mandára uma medalha do Senhor de Polar, pede que lh'a entreguem, e beija-a com fervor.

Torna a adormecer. Ás 5 da manhã acordam-no para que se disponha a tomar a communhão antes da missa. Levanta-se da cadeira onde estava, e fica orando de joelhos uma hora.

As 6 horas annuncia-lhe o sacerdote que lhe vae dar a communhão, ouve a noticia com alegria. Ao recebê-la, de commovido, derrama lagrimas. São as primeiras que se lhe obser-

vam. São lagrimas de christão. E ouve missa e fica orando, e dizendo que louvava a Deus porque se dignára entrar em seu corpo para o fortalecer.

Toma depois chocolate, em companhia do seu sacerdote, com quem se entretém em conversa amena e alegre.

As 7 escreve com mão firme tres cartas á sua familia, entrega-as a seu primo, a quem faz algumas recommendações domesticas, e pede de novo o seu confessor, cuja companhia appetite extremadamente. As 9 fica só, e está orando.

As 9 e meia entra a vê-o um homem de Segovia, que sae chorando de o vêr tão sereno. Fica com elle o capellão do provincial de Segovia, e, quando este vae, ouve-se que Ortega ora á Virgem Senhora das Dores.

As 10 entra a vê-o D. Mariano Garcia, sabio e virtuoso missionario, e sae meia hora depois admirado da disposição christã em que o encontra.

As 10 e meia querem-lhe dar biscoutos e vinho, declara que não quer biscoutos; responde que não gosta de vinho, e antes quereria uma sópa com um ovo desfeito. Pergunta de novo pela hora do seu fuzilamento, e, respondendo-se-lhe que era ás 3 da tarde, diz: é bastante tarde.

As 11 toma a sópa com bastante appetite, conversa com o medico D. Angel Luis, a quem diz que se acha, como se nada passára por elle.

Ao meio dia está de novo com o capellão do provincial de Segovia. Pede um crucifixo, e ao recebê-lo abraça-o com transporte e diz: «Deus e Senhor meu, nada me será o morrer, se morro em tua religião e salvo minha alma. De que se serviriam as glorias d'este mundo, e minhas passadas grandezas, se eu perdesse minha alma.»

Meia hora depois entram tres sacerdotes: e elle, que estava apertando ao peito e beijando o crucifixo, disse-lhes ao vê-los: «Senhores, estou tranquillo: sinto tanta consolação em minha alma, que olho a morte como o maior beneficio; tanto que o morrer já não é para mim sacrificio. Prefiro esta morte a qualquer outra que Deus me houvera reservado: quasi a desejo. Para nós outros os militares, que geralmente vivemos distraídos, não ha morte, que seja mais proveitosa, do que esta, para nossa alma.»

Á 1 hora fica só; lê em um livro espirital, toma um caldo, e pede que lhe não dêem

mais nada, salvo, quando muito, outro caldo antes de sair.

Às 2 da tarde com o maior sangue frio se informa do lugar onde será a execução, e das ruas do trânsito. Às 2 e tres quartos annunciam-lhe que é chegada a hora de partir, e responde: quando determinarem. Segue com passo firme.

O povo cobria as avenidas. Adiante ia o pendão de N. S. das Dores, e logo a irmandade. Atraz um crucifixo. Seguia-se o piquete e no meio o padecente que levava os braços soltos, e na mão o crucifixo que tivera na prisão.

Vestia sobrecasaca azul de feitiço militar, kapis da mesma côr, calça e collete preto, luvas côr de palha, botas de polimento. O traje e andar faziam sobresair a gravidade e elevação do homem.

A côr do rosto não estava alterada. Beijava de vez em quando o crucifixo com devoção, mas sem affectação. Repetia com clareza as palavras do padre, e a voz era sonora e agradável.

Ouvindo o tambor, que tocava a marcha funebre, disse, pondo os olhos no crucifixo: «A Vós, Senhor, também vos atormentaram com estes destemperados sons; e Vós ereis innocente; justo é também que eu soffra, sendo tão peccador.» Entrando no quadrado, vendo o immenso gentio ainda disse: «Tambem Vós, Senhor, permittistes que a plebe contemplesse vosso supplicio.»

Pôz-se de joelhos debaixo da bandeira para ouvir a sentença. Depois levantou-se, e foi conduzido ao lugar designado. Alli perguntou: «Como me ponho?» Responderam-lhe: — De frente. — Assim fez.

Vendaram-lhe os olhos e elle ajoelhou ante as bôças das espingardas.

No mesmo momento voou a fatal explosão.

A alma voava á presença de Deus para ser julgada, decerto com mais clemencia do que a que o homem achou no mundo.

(Nação).

Abaixo publicamos uma carta typo, em que a educação, a grammatica e a philosophia do direito se debatem no campo da verdade, para alcançarem a gloria do seu digno auctor, e o desprezo dos redactores da Estrêa.

Ella ahí vae sem alteração d'uma virgula.

Srs. Redactores da Estrêa Litteraria

Recebi neste ultimo correio mais um numero da sua estrêa, e com ella um bilhetinho que se acha *consebido* nos seguintes termos — Avizo — A redacção da Estrêa roga novamente a v. que tenha a bondade de mandar pagar os dois trimestres de que está em debito, a cujo pagamento v. se comprometteu pelo facto de não recambiar o jornal, como se declarou. A honradez de v. dispensar-nos-ha de publicar o seu nome neste jornal no caso de não satisfazer.

Ora meus Senhores o meio que escolherão para o embolso da importancia da sua estrêa, e que tão improprio é de q.^m traja as vestes *Accademicas*, que mais que outros devem saher as disposições do cap. 5.^o no tit. 4.^o do liv. 2.^o do Cod. Penal não colheu o resultado que imaginarão: *Tãbbem* devo dizer-lhes que o *direito todo positivo*, devendo ser a expressão do justo em qualquer hypothese que o olhemos desconhece o seu pertendido contracto, quando mesmo os S.^{rs} Redactores tivessem feito alguma declaração que dizem, mas da qual muito me é licito duvidar o não recambiar eu a sua estrêa como facto negativo podia muito bem *recellar-lhes o meu desprezo*, porque eu nenhuma obrigação contrahi para atural-os e desconheço a lei, que a isso me obrigue.»

A lei que o obriga a satisfazer é tão sagrada como todas as outras; além de ser um preceito de decencia e cavalheirismo. Provavelmente o illustre Doutor não encontra lei que regulasse esta hypothese; e concluiu por isso que podia acceitar o jornal, sem que fôsse obrigado a pagar. A sciencia de Gonjoim poderá ser essa, mas não a sciencia do direito, de que nos pretende dar prelecções. Diz o *sabio Advogado* que o facto de não recambiar a Estrêa, como facto negativo, podia muito bem revelar o seu desprezo. Ora diga-me: O facto de acceitar a Estrêa, é positivo ou negativo? Segundo a theoria do direito todo positivo poderá ser negativo; mas, segundo a nossa theoria, que não é de negações — o facto é positivo, e como tal, prova evidente de que não recusou a Estrêa (senão no momento em que se lhe exigiu o seu importe), e porisso se obrigou a seu pagamento; *porque eu* não contrahi obrigação, nem moral nem juridica, de o aturar de graça.

Esta é a doutrina de todo o direito positivo; que por certo se não conforma com a que se busca no direito todo positivo. — Deus nos dê

paciencia e forças para arrostarmos com aggressões tão fortes, que fazem tremular por um pouco os profundos alicerces da sciencia do direito.

Não publicámos o resto da carta, porque é uma consequencia logica dos bellós e philosophicos principios da sciencia juridica e moral, que tão engenhosamente se exaram no começo de sua epistola.

Falta-nos ainda publicar o nome do illustre de Gonjuim, que tanto nos despreza, e que nós tanto venerámos. Este sr. chama-se — Germano Lopes Pereira de Gouveia, Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, e que tão ingrato se mostra para com sua cara mãe, que pretende hoje lançar por terra, formando sobre suas ruinas uma nova sciencia, uma nova Universidade, cujo programma será o seguinte: — As pretensões de todo o homem dé consequença, assim coma taõbem de todos os outros, são: — 1.º derivar do principio o direito *todo* positivo, — as consequencias logicas que 'nelles se enseram; — 2.º considerar o direito como a expressão do justo em qualquer hypothese, que o consehamos; ficando, portanto, prejudicada e sem valor algum a sciencia da politica.

Tal é o novo horisonte, que o illustre Doutor *conbeu*, como capaz de satisfazer as suas vastas, sublimes, e generosas pretensões.

OS RR.

CHARADA

A primeira, que se présa
De ter grande estimação,
Alto arbusto originario
É da China e do Japão,
Que até em 'steril terreno
Tem facil vegetação. — 1

E a segunda p'ra entrar
No phylologico imperio
Pouco lhe falta; se o fósse,
Tinha poder deleterio;
Seria planta rutacea...
Para explicar o mysterio. — 2

E pois que já nos metemos
Pelo reino vegetal,
Digo ainda que o conceito
É de planta, que faz mal.

O todo por toda a parte
Tem subida accitação,
E alguns até asseguram
Que dá boa inspiração.

A planta veio d'America,
E sem 'sp'rar tão boa sina,
Nicot a levou de cá
P'ra a regente Catharina.

A quem adivinhar esta
Dou-lhe o todo p'ra uma festa.

A. L. dos Santos Valente.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Acaba de ser tirado a lume do prélo da Universidade um opusculo, intitulado *Ensaio Poetico-Latinos*, do sr. Francisco de Paula Santa Clara.

O titulo do livro não corosponde ao que indica, pois, na opinião d'um varão eminente, *não é um ensaio de quem aprende, mas uma arte exemplificada de quem ensina*. A modestia sempre é digna de louvor.

Não lhe tecemos encomios; a sua competencia e merecimento dispensam-nos de dizer o que poderia ser attribuido ás relações de amizade e de condiscipulo.

OS RR.

Ensaio Poetico-Latinos, por Francisco de Paula Santa Clara, estudante do 5.º anno da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra.

Vendem-se em Coimbra na loja do sr. Moré rua da Calçada; e na do sr. Domingos Sebastião Sanches, rua de S. João.

Preço — para os srs. assignantes 400 réis, e não assignantes 500 réis.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmento

Volume I

COLLABORADORES

A. A. da Fonseca Pinto, A. C. da Silva Mattos, A. F. de Loureiro, A. Filippe Simões,
A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. M. Seabra de Albuquerque,
Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Saraiva de Carvalho, J. A. Sanches da Gama,
João de Deus, J. Simões Ferreira, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 1 — NOVEMBRO 15 — 1860

INTRODUÇÃO

As nações são como os homens, nascem, desinvolve-se e desaparecem; a diferença é que n'uns os annos, n'outras os seculos marcam os passos que têm avançado na vereda por onde baixam ao voraginoso abysmo do nada.

Felizes pois as que, avultando com o proprio espolio o cabedal herdado, virem para seu lado pender o fiel da balança, em que os vindouros hão de imparcialmente aferir seu merito para as votar ao olvido ou á immortalidade!

Mas qual o testemunho authentico, o padrão inauferivel por onde avaliar factos, sobre que a noite dos tempos desdobrou o esquecimento? Com o seculo que os viu nascer passam os grandes pensamentos, os grandes feitos e os grandes homens; o tempo, que tudo consome, apaga-lhes os nomes, emmurchece-lhes os louros, cerceia-lhes os obeliscos, pulverisa-lhes as estatuas. É aqui onde acaba a acção do bronze que tem principio a da imprensa: triumpho Guttemberg onde Phydias se rende; e, *ceci tuera cela*, prophetizou pela bocca de Claudio Frolo o poeta do seculo XIX.

O forasteiro que hoje pise o heroico solo da Grecia em vão perguntará:

Onde Thebas a de cem portas? Corintho a decantada? a destemida Sparta?

De ha muito jazem sob a mortalha de suas ruínas; e no volver dos seculos passaram qual o meteoro, cujo luminoso traço não sobrevive á sua queda.

E comtudo a Grecia sob essa morte aparente escondia, como a chrysalida, um novo germen de vida nos cantos de seus poetas, nos discursos de seus oradores, nas páginas

de seus philosophos e historiadores, e após que a imprensa lhe insufflou seu espirito vivificante, a Grecia renasceu para a immortalidade.

O guerreiro, o navegante, o legislador trabalham para o seu seculo, o escriptor para o mundo: porisso alem de todas as glorias assenta a gloria das letras. No reinado de Augusto, cerraram-se as portas de Jano; mas ergueu sua voz o cysne de Mantua, o epicurista de Tibur, o exilado do Ponto, e os antigos chamaram a este seculo o *seculo de ouro*. O de Luiz XIV mais brilha pelas letras que o eternisaram, que pelas campanhas que o tornaram famoso: e sem mendigar exemplos a peregrina historia, se o nome portuguez, em que peze a invejosos, ainda hoje é grande, foi porque Camões morrendo n'um hospital deixou a nossa gloria em legado á posteridade.

Mas para a imprensa completar a sua missão civilisadora era mister o *jornal*. Este é o crisol, onde se apura fio a fio o thesouro que as gerações por vir hão de herdar das gerações que passam. O *jornal* põe no presente a mira, no futuro põe o *livro* a aspiração: um é o testamento do sabio, o outro o archivo do povo; mas para que o fructo prodigalise seus mimos é necessario que anteriormente a flor tenha vecejado.

N'este seculo o número de jornaes tem copiosa e como que milagrosamente augmentado: a instrucção tornou-se um dever, mais ainda uma necessidade, porque não é só pelo pão do corpo que o homem vive; e simplesmente o jornal póde alhanar as escabrosidades de um estudo nem a todos compativel.

Ainda não é tudo. Como o prisma que offerece diversas faces, por onde tambem de

diverso modo refrange a luz, o *jornal* multiplica seus beneficios segundo os differentes aspectos sob que for encarado.

Uma das suas mais elevadas missões, e porventura a unica que tem em vista a *Estreia*, é omnipotentear a noveis escriptores a arena, aonde nos certames litterarios a emulação lhes encaminhe os primeiros passos, e ao grangear-lhes os primeiros laureis, lhes abra a porta para mais duradouros triumphos.

São estes os nossos votos.

A nova direcção da *Estreia Litteraria* não desconhece a responsabilidade, que sôbre si tomou; confiada porém na valiosa cooperação de seus antigos collaboradores, espera que não a deixarão desmerecer do conceito, que estes tão justamente lhe souberam grangear.

Augusto Sarmento

Estado social

I

On ne touche point aux lois de la nature, sans déranger des prévoyances, sans anéantir des bienfaits. AIMÉ MARTIN

Só á conta do character misantropo e natural esquivaça de Rousseau ao trato dos homens, pôde ir o conceito que elle fez a respeito do estado social.

No decorrer das suas obras, e mórmente no seu *Discurso ácerca da origem e fundamento da desigualdade entre os homens*, se depara com pensamentos taes, que por contradizerem o instincto e natural tendencia do homem á união com os outros seres da sua especie, revelam porventura o odio em que lhe ardia o peito contra a humanidade.

A historia julga-o assim. E temos que outra não podéra ser a causa: que se elle estudasse, não em si porque as não tinha, mas nos outros homens, as tendencias da associação, se attentasse bem em sua necessidade, nunca houvera dicto: — que o homem não era por natureza destinado á sociedade, nem — que o estado social lhe era sôbre modo pernicioso. Se descesse até ao ponto mais secreto do coração humano, se o tivesse surprehendido em seus affectos íntimos, em suas mais fortes inclinações: se consultasse o homem em suas mais urgentes necessidades phisicas e intellectuaes: teria visto além, que essas inclinações e tendencias multiplices não podiam realizar-se sem a associação, aqui reconheceria que sem ella, nunca o homem á mingua de meios alcançaria seu fim.

Não seja razão da sociabilidade, o facto de ser tão antiga, quanto a humanidade, a associação entre homens: sendo que nenhum tem existido, nem existirá sôlto inteiramente de laços sociaes. Não temos tambem mister de conhecer que a causa é natural pela constancia e universalidade do effeito, podemos apreciar-a em si, nos mais puros e ricos sentimentos do coração, na amizade, no amor, na generosidade, na benevolencia, na caridade, e tantos outros.

Que é a amizade senão um affecto particularissimo que liga entre si algumas pessoas? E quem ha ahí que não sinta no peito o desejo ardente de encontrar uma alma que se identifique com a sua? de contrahir esse connubio espirital? de gozar n'este mundo de infortunios esse bem supremo?

Não será ainda uma prova de que o homem é naturalmente sociavel esse attractivo que aproxima os sexos, e que n'elle é um sentimento? Esse impulso do coração que nos leva ao amor de todos os homens, á compaixão para com aquelles que soffrem?

A sociabilidade é um instincto, é uma tendencia que nos conduz irresistivelmente á união com os nossos semelhantes.

A associação é uma necessidade urgentissima, sem a qual não lograria o homem nenhum de seus fins.

Encareça a anatomia comparada a superioridade do homem sôbre os outros animaes, exalte a complicação de seus orgãos, celebre a magestade de sua attitude elegante e nobre, que a par d'estas superioridades fôrça é confessar algumas desvantagens que tornam indispensavel ao homem o concurso dos outros homens.

E tantas são ellas na verdade, e de tal ordem, que acerto será julgar-se que de assentado quiz a natureza fazel-o pobre para que a necessidade lograsse sempre o que o instincto não alcançasse uma vez.

Na infancia ha mister de cuidados, na juventude direcção, na virilidade auxilio, na velhice consolações e affagos; em qualquer epocha que se considere o homem, nunca isolado pôde pôr-se a salvo dos males que lhe fazem cortejo na sua passagem do berço ao tumulo.

E todavia é eminentemente superior aos animaes! Montaigne mentiu quando disse: que algumas vezes havia maior differença de um a outro homem, do que d'este a certos irracionaes. Não é uma differença apenas de grau, mas de natureza, a que os separa. E essa differença, a verdadeira superioridade do homem sôbre todos os seres que povoam o espaço, é

a razão; é essa centelha da luz divina, que aos pés do homem depõe a soberania do mundo, que reproduz o Creador na creatura, que no dizer arrojado de Latena, faz do homem um deus sem infinito.

Mas que seria a razão sem o ensino, sem o commercio com os demais homens?

Se não temos que a intelligencia seja uma tábua rasa, em que haja mister de esculpir-se, uma a uma, todas as ideias, como d'ella assegurou Locke; se não cremos como unica fonte de todo o saber humano a tradição e a auctoridade, é certo porém que sem o commercio dos espiritos não seria a intelligencia mais productora do que sem cultura é o campo ainda que fertilissimo: desinvolve-se a semente, nasce a planta, enflorrece e fructifica, nos seios da terra: germina a ideia, cresce e reproduz-se no seio da intelligencia da humanidade.

O homem domina o tempo e o espaço, aranca á natureza pelo poder do genio segredos que ella tentára encobrir, vence-a em tudo e quasi lhe impõe suas leis; mas por tanto necessitou de concurso e auxilio dos outros homens. Isolado, despido inteiramente d'essa vida de relações, nunca lograria sequer explicar o mais simples dos phenomenos, não atinaria mesmo formar uma linguagem.

As artes e as sciencias são um vasto e magnifico edificio construido por milhares de operarios em milhares de seculos, são um grandioso e abundante patrimonio da humanidade, enriquecido pela geração, que vae passando, são o resultado da lei do progresso, da expressão última da sociabilidade.

O estado social é pois a realisação de um instincto, e ainda uma necessidade para o homem.

Aristides de Bastos

A terra

I

ISOLAMENTO

Avassallado pela ignorancia devêra o espirito humano jazer longo tempo em trevas, antes que o desejo de saber sempre em luta com ellas, e nem sempre vencedor, chegasse a formar essa luz de sciencia, que a par e passo nos vae patentando arcanos, desvelando mysterios, internando-se mais e mais pelo entenebrecido territorio.

E de facto: prescrutador incansavel, o homem não tem cessado de interrogar todos os

objectos, para conhecer d'elles as causas dos phenomenos que a todo instante nos surpreendem; ou ao menos leis, que lhe facilitem a explicação d'esses phenomenos. Porém a despeito dos seculos, que n'essa indagação tem gasto, nem sempre alcançou resposta, nem sempre, quando a houve, foi cabal:

*Croire tout découvert c'est un erreur profonde
C'est prendre l'horizon pour les bornes du monde.*

Todaya possuímos já hoje uma grande somma de verdades, que nossos avós tiveram a gloria de conquistar através de innumerables empenhos, e que muitas vezes pagaram com a propria vida. Tal foi a dedicação d'alguns que os tornou martyres da sciencia. Ella porém não é descaroavel; com extremos de mãe vivifica, torna immorredoiro o nome de quem lhe tributa affectos de filho — cinge-lhe a cabeça de immareciveis louros, mostra-o com ufania a todos e aponta-o como modelo aos que pretendem transpor o liminar do templo, onde as aras são livros e as preces lucubrações.

O isolamento da terra é uma d'essas verdades, que, ignorada muito tempo, descoberta não foi bem recebida; tão certo é que o trabalho sem dilação não vale a extirpar erros e conseguir que a verdadeira doutrina cale no animo de todos.

Julgou-se por largo espaço que a terra, com uma profundidade finita, estava fixa sobre bases inabalaveis, assente sobre o dorso de animaes fabulosos; sem pensar que qualquer que fôsse o ponto de apoio sobre que ella descansasse, esse ponto havia de assentar sobre outro, que egualmente precisaria d'uma base de sustentação, e assim por diante; de modo que suppor a terra fixa importava o mesmo que suppor uma serie infinita de pontos fixos a servirem de apoio uns aos outros; ou então a existencia d'uma massa isolada e suspensa no espaço: — a última, que sem ser sustentada servisse de apoio a todas as outras.

Reconhecido o absurdo da primeira hypothese, e não podendo conceber a segunda, porque n'esse caso mais lhe valêra admittir logo o isolamento da terra, vieram os antigos a acreditar na profundidade infinita do nosso planeta.

E mais facil lhes era em verdade crer na espessura illimitada, que na suspensão; já porque, vendo todos os corpos, que não eram sustentados cahirem para a terra, entenderam que esta nas mesmas circumstancias tambem cahiria, já porque os livros sanctos, em seu dizer mais poetico e figurado, que scientifico os induziam a êrro: *Terra quae firmiter fun-*

data est super bases suas, ut maneat seculum seculi.

As provas do isolamento tornaram-se porém tão patentes, que impossivel fôra a qualquer deixar de render-se á sua evidencia.

As viagens de occidente a oriente começadas pelo nosso Fernando de Magalhães, e depois continuadas n'outros paizes por diferentes observadores, vieram demonstrar que n'aquelle sentido a terra é suspensa, porque d'outra maneira não teria sido possível dar volta ao globo.

Não poude ainda conseguir-se egual resultado da navegação de norte a sul, porque o gelo dos polos impede a passagem; mas outras provas temos, que demonstram á saciedade o isolamento da terra.

Examinando attentamente as estrellas que povoam a abobada celeste nota-se que muitas d'ellas começam a tornar-se visiveis do lado do oriente para depois irem desapparecer no occidente, quer a observação seja feita para as partes do norte, quer para as do sul.

Se o individuo se mover para o norte irá descobrindo d'esse lado estrellas, que não via na primeira posição; e tambem apparentemente animadas do movimento de oriente a occidente; em quanto no sul se lhe vão occultando outras, que eram visiveis do primeiro logar.

Movendo-se o observador em sentido contrario, isto é, do norte para o meio dia, contrarios se tornarão tambem os phenomenos: algumas estrellas do lado do norte irão desapparecendo ao mesmo passo, que no sul crescerá o número das visiveis. Ora dando-se sempre todos estes phenomenos: em qualquer local que o homem escolha, deve d'elles rigorosamente concluir-se o isolamento da terra; porque a estar ella fixa, o corpo que a suspendesse havia de estorvar-nos de ver no sentido em que se achasse, a apparição e desappareção regular das estrellas.

Nos eclipses da lua temos ainda argumento com que reforçar a conclusão.

A sombra que a terra em todas as posições projecta sobre a lua é sensivelmente circular: logo não ha corpo algum que sustente no espaço a terra, porque, a havel-o, esse corpo estaria ligado com ella, e a sua sombra havia de ser tambem projectada sobre a lua.

Podêmos por tanto, servindo-nos simplesmente de argumentos que estão ao alcance de todos, haver por inteira e cabalmente demonstrado o isolamento e suspensão do nosso planeta.

M. da Costa Alemão

Influencia da mulher na civilisação

L'homme s'agite, la femme le mène.
ARSENE HOUSSAYE

Se volvermos as páginas da historia da humanidade daremos com um facto constante, universal, de todos os tempos e de todos os logares, e ao qual comtudo se tem negado a attenção a que tem jus pela sua importancia, e pelo muito que d'elle se póde concluir para o futuro.

Se na história não procurarmos só uma data ou um facto descarnado, mas tentarmos n'ella descobrir alguma cousa mais, um principio harmonico e as leis que governam esses factos, ainda nas suas menores evoluções, veremos que a historia da civilisação da mulher, do seu desinvolvimento e da sua moralidade, anda sempre ligado aos factos do desinvolvimento da civilisação e da moralidade dos povos: veremos que aonde a sua condição se amesquinha, onde desce em dignidade, onde a mulher em vez do triplo e sagrado character de amante, espôsa e mãe passa a ser escrava sem liberdade nem vontade, só destinada a saciar as paixões brutaes d'um senhor devasso, ahi tambem veremos descer o nivel da civilisação e moralidade: á doçura dos costumes succeder a fereza e a brutalidade; e em vez do amor, essa flor do sentimento pura e recatada, só apparecerem a paixão instinctiva e brutal, necessidade puramente phisica do animal que obedece á lei da reproducção, á devassidão e á polygamia!

Mas que differença, que quadro tão opposto nos não apresenta a familia, quando em civilisação mais avançada, e sob o influxo de principios mais christãos, a mulher se nos apresenta já *espôsa idolatrada* ou *mãe carinhosa em meio de seus filhos*, movel e centro de tantos e tão nobres affectos que todos para ella convergem porque a todos deu origem, a todos fez desabrochar no peito com seu anhelito inspirado e creador! Aqui a mulher é já mais respeitada; cresceu aqui mais em dignidade, e o seu espirito livre de toda a oppressão soube voar alto até á contemplação de Deus — de todo o bem e de toda a verdade; aqui a sua alma, achando já ambiente mais tepido e suave poude expandir-se, e na ancía de infinitas aspirações elevar-se ao bello, á poesia — unica e verdadeira poesia — a da virtude! Mas não admiraes como, por uma reacção natural, e porisso mesmo harmonica e justa, as virtudes e dignidade da mulher vêm a reflectir-se na face do homem; como tambem

subiu o nivel da sua moralidade; como tambem a sua alma se expande mais e mais se enebria de affectos e aspirações! Não vêdes já a intelligencia a prevalecer sôbre a materia, o sentimento sôbre a paixão? Não pasmaes de como o homem, ainda ha pouco brutal e rude, já agora sabe apreciar os prazeres da alma, as elevações do espirito, e vivendo n'ellas vive d'um viver mais puro que tende sempre a approximal-o de Deus pela virtude e pelo amor?

E tudo isto quem o fez? que mão de fada tocou o homem que assim o soube elevar?

Meu Deus! uma mulher e um sorriso: um ente fraco e um raio de poesia: uma escrava a quem deram um pouco de liberdade, e um sentimento de affecto que ella lançou no coração do homem!

Uma mulher com effeito, um ente debil, que de continuo mais parece implorar-nos protecção e arrimo, do que aspirar a dominar-nos, mas que apesar d'isso exerce um tal poder sôbre o homem, o forte por excellencia, que não só o faz passar da barbaria á civilisação, mas ainda é só ella que o póde levar aonde o chamam os seus destinos providenciaes!

Eis aqui o que é a mulher, e eis aqui qual é a influencia que ella exerce na humanidade.

E quereis saber a causa de tudo isto?

É que o homem forte na sua intelligencia e na sua vontade, é fraco pelo coração, porque sente a necessidade d'um contraste, de uma fraqueza, d'um sentimento mais doce que possa abrandar o orgulho d'aquella intelligencia, a energia d'aquella vontade, no meio da qual se sente como triste e isolado: e a mulher por sua doçura, por sua timidez possui em mais elevado grau o principio de todos esses sentimentos de ternura de que tanto necessita o homem.

E por outro lado precisa tambem d'esse ente fraco, por que tenha plena consciencia de sua força, que pelo contraste lh'a faça sentir, a quem proteja, a quem ame, e a quem por seu turno depois se submeta, para tambem uma vez na vida ter a quem obedeça, elle o que manda e a quem tudo obedece na terra: e é ainda a mulher esse ente fraco, desvalido, mas apaixonado e nobre que elle tem de encontrar sôbre o seu caminho para amimar, proteger, amar, e por fim obedecer-lhe e deixar-se guiar por ella.

É que o homem necessita d'essa existencia debil e desvalida, porisso mesmo que lhe póde dar arrimo, e necessita-o tanto que sem ella, como diz um poeta, o «mundo ser-lhe-ia um

ermo melancolico, os deleites apenas o prelude do tedio.»

E é mesmo por esse caracter de dependencia que a mulher se recommenda á deferencia e gasalhado do homem.

A sua fraqueza e desvalimento a recommendam ao arrimo e protecção das almas fortes e generosas; ao amor das almas nobres e apaixonadas, a nobreza de seus sentimentos: a todos a consciencia da sua superioridade moral e da nossa dependencia; dependencia suave e imperceptivel, mas real e poderosa; dependencia de filhos, de amantes, de irmãos e de esposos; dependencia moral apenas, mas porisso mesmo mais forte, porque convençamo-nos uma vez — taes quaes somos é a mulher que assim nos faz, que nem um só ha que não tenha, uma vez ao menos, encontrado a mulher no caminho da sua existencia, e o seu imperio é tanto mais poderoso, quanto é mais sôbre o coração, isto é, sôbre o sentimento que elle se estende, e muito principalmente sôbre as nossas mais ardentes paixões. Por qualquer face que encareis a mulher, no estado relativo do homem em frente d'ella, sempre encontrareis uma paixão de que, mesmo insensivel e involuntariamente, lança mão para nos dominar, guiar já no bem já no mal, para nos ennobrecer ou para nos aviltar. É por essa paixão que nos insuffla n'alma os principios em que a sua anda imbuida, consubstanciando-as assim, ou, dizendo melhor, consubstanciando a nossa com a sua, porque, n'esta assimilação moral, a alma da mulher quasi nada perde da sua individualidade, sendo que é quasi sempre a do homem, que a homogeneia com a d'ella.

A paixão da amante, a amizade da irmã, a solidariedade da espôsa, o amor da mãe são outras tantas cadeias invisiveis, com que a providencia se aprouve ligar estreitamente a vida da mulher á do homem, e tornar assim a sua dependencia moral penhor de protecção para a fraqueza d'ella.

Disse, não sei qual philosopho, que quem faz os homens são as mulheres. Bebemos, com effeito, nos seios da mãe, nos olhos da amante, nos braços da espôsa todas as virtudes ou todos os vicios com que depois surgimos no mundo: sendo a mulher o mysterioso guia e mestre da nossa educação moral, em todas as phases da nossa vida, claro é que o que formos, no bem ou no mal, a ella o deveremos. Lei sublime esta de tanta harmonia, aonde se revela a mão da providencia, que, creando o homem forte, não quiz deixar a mulher inerme, e soube dar á sua fraqueza armas com

que dominar a nossa quasi omnipotencia!
Quero-a formulada assim:

«O homem e a mulher, nascidos um para o outro, têm de caminhar junctos, e guiando-se mutuamente, na estrada da civilisação: se o homem abandonar a sua companheira e a deixar atraz de si entregue sem soccorro ás asperezas do caminho, virá tambem abandonado a força, que só vem do amor; e em breve se ha de extraviar da senda d'um progresso verdadeiro.

«A dependencia moral do homem em relação á mulher é um penhor providencial da sua protecção para a fraqueza d'ella».

(Continúa)

Anthero do Quental

As duas flores

(V. Hugo)

A...

Tu vñas, borboleta! E que eu não possa

Voar, amor!

Diversa como é n'isto a sorte nossa!

— Dizia a flor.

No valle, ambas irmãs, nascidas fomos!

És como eu sou!

E amámo-nos! e flores ambas somos!

Mas eu... não vôo!

A ti, leva-te o ar! prende-me a terra,

A mim! e eu...

Como hei de perfumar-te em valle e serra!

E lá no céu!

Mais longe inda tu vaes! e, por mais flores

Girar, talvez!

Em quanto a minha sombra, meus amores!

Gira a meus pés!...

Foges, voltas depois, mas vaes-te embora!

Sabendo, assim,

Que em lagrimas me assoma sempre a aurora!

Pobre de mim!

Acabem-se estas maguas! meu thesouro!

E meu amor!

Cria raiz! — ou dá-me as azas d'ouro!

Celeste flor!

João de Deus

CONIMBRICENSES ILLUSTRES

(Esboços biographicos)

I

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE

É a terra de Portugal essencialmente distincta. Feracissima de varões assignalados, seus filhos em todas as épochas a têm ennobrecido. Não ha página da historia que não lhe narre um feito, nem povo no mundo que lhe não deva lição. Nos tempos antigos, sob a denominação de Lusitania, na idade média em que se constituiu nação, e na moderna que ora vae correndo tem sempre immortalisado singularmente o seu nome. Tem dado generaes ás armas, sabios ás lettras, santos á Egreja, descobridores aos mares, e com tudo isto poderoso impulso á marcha progressiva da civilisação.

Um Plutarcho ou Cornelio, que de tantos homens illustres traçasse as biographias, um Curcio que escrevesse as vidas dos seus Alexandres achariam deseguaes as pennas para as acções dos seus heroes. Em Roma um Livio basta para completar a sua historia; em Portugal não chega um Barros para esboçar um seculo. E se o vencedor de Issus e de Arbela chorava a barbaria da sua idade, na patria de Camões os seus monarchas dormem á sombra de louros

Sem á dita d'Achilles ter inveja.

Diogo de Paiva de Andrade, Francisco de Andrade e frei Thomé de Jesus foram irmãos pelo sangue e pelas lettras. Estas illustraram a nobreza que no berço aquelle lhes imprimiu. Abriu-lhes entrada o nascimento no paço dos reis, e a intelligencia nos annaes da historia e nos fastos da litteratura. Por aquella sobre sahe o primeiro no concilio de Trento, o segundo na córte do monarcha e o terceiro na derrota de Alcacer e no captiveiro de Berberia; por esta dão renome a Diogo de Paiva os seus sermões, a Francisco de Andrada as suas chronicas e poema, a frei Thomé o affectuosissimo livro *Trabalhos de Jesus*, escripto durante o captiveiro e, segundo as suas palavras, cm lúgubre masmorra a furto, e sem mais luz que a que lhe entrava por gretas da porta ou por agulheiros e buracos da parede.

D'esta esclarecida trindade selectaremos o nosso conterranco para encetarmos com seu nome tão abonado esta serie de curtos apontamentos com que intentámos sómente avivar a memoria de alguns filhos de Coimbra que mais se distinguiram.

Dois Diogos de Paiva existiram, tio e sobrinho, ambos estimados pelas suas boas letras, sendo o segundo-filho do chronista Francisco de Andrade. O primeiro, de quem tratámos, nasceu em Coimbra a 26 de Julho de 1528

Paiva, cui haec sedes lumina prima dedit

e morreu em Lisboa no 1.º de Dezembro de 1575 com a idade de 47 annos, vida muito curta, mas que lhe foi espaço largo para patenter a seu merecimento.

Teve o foro de moço fidalgo e era de familia nobilissima, remontando a sua ascendencia aos condes de Andrada na Galiza; e os seus retratos, que andam á frente de alguns exemplares dos seus sermões e na biographia de Pedro José de Figueiredo, assim como no primeiro volume do *Panorama*, são acompanhados do brasão da sua casa de que sempre usou, que representa em campo de ouro uma banda sanguinha entre as boccas de duas cabeças de serpes de verde picadas de prata, e de cada lado uma caldeira axadrezada de prata e vermelho, com duas serpes no encaixe das azas, verdes e armadas de vermelho. Tinha por timbre uma cabeça de serpe de ouro, armada de vermelho (1).

Alliando a distincção do sangue com a gloria do ingenho, dedicou-se com cedo aos estudos e recebeu o grau de doutor em theologia na nossa Universidade com assombro de toda ella no dizer dos seus biographos, tornando-se eminente pelos seus conhecimentos da Escripura e dos santos padres, e profundidade nas linguas hebraica, grega e latina. Do primeiro d'estes idiomas apresenta provas nos seus sermões de peregrina mestria, por onde transluz por ventura algum desvanecimento; escreveu no último a maior parte das suas obras.

Com apenas trinta e tres annos escassos foi mandado por D. Sebastião como theologo seu ao concilio de Trento. N'esta congregação de principes da Igreja não desmentiu a sua reputação nem faltou á confiança real; e tanto

(1) As armas descriptas e que se vêem em todos os retratos de Diogo de Paiva, são dos *Andrades*, e foram dadas por D. João III a Fernão Alvares de Andrade, seu escrivão da fazenda, e depois thesoureiro mór, primeiro que houve no reino, pae de Diogo de Paiva; e tambem se acham na sepultura do mesmo Fernão Alvares na igreja da Anunciada de Lisboa. Vemos escrever e tambem escrevemos indifferentemente Andrade ou Andrada, mas estas armas fazem differença das do appellido *Andrada*, que são em campo verde banda vermelha cotizada de ouro, sahindo das boccas de duas serpes de ouro armadas de vermelho. Timbre duas serpes de ouro voltadas em fugida: é chefe d'esta familia Nuno Freire de Andrada, conde de Camarido.

pela palavra como pela penna defendeu e sustentou com cerrada dialectica as verdades catholicas contra as proposições da heresia, de que dão abonado testemunho entre as suas obras as que escreveu contra o theologo lutherano Kemnitz. Em sua casa se reuniam os vogaes do concilio para previamente discutirem e avaliarem as questões que depois se approvavam em sessão; e os trabalhos de que o encarregaram foram cumpridos com assiduo zelo e acceitação de todos.

Voltando ao reino dedicou-se ao ministerio do pulpito, em que se tornou famoso; e os seus sermões, publicados posthumos, e onde a pureza da lingua corre a par com a da doutrina, podem servir inda hoje de modelo. Seu sobrinho, frei Manoel da Conceição, diz d'elle «que levantou o prégar ao estylo mais alto e subido de seu tempo e de muitos atraz:» e o Sr. A. Herculano affiança que «o seu estylo é chão e corrente. Nos discursos pronunciados perante a côrte dirigia-os de modo que sempre reprehendia os vicios e injustiças dos poderosos. A adulação não manchava os seus labios, antes parece que se comprazia em afear os crimes dos grandes, e então o estylo do orador se avigorava e subia acima do tom humilde da homilia, que elle com tanto sisó sabia conservar nos discursos dirigidos sómente ao povo.»

Esta é tambem a opinião do douto Cenaculo e do Sr. I. F. da Silva que no seu excellento *Diccionario Bibliographico* diz que nos seus discursos «a oração é seguida: os periodos correm bem derivados; e debaixo de ideias claras propõe a verdade.»

Enumerando os varões que no concilio de Trento deram grande honra á nossa patria, frei Luiz de Sousa nol-o cita com um juizo distincto. «Outro foi, diz elle, o doutor Diogo de Paiva de Andrada, que indo por theologo d'el-rei D. Sebastião se fez amar e respeitar de todos os padres do concilio por suas grandes letras, aviso e prudencia, de que fazem illustre testemunho os escriptos que deixou em lingua latina e vulgar.»

Estas opiniões imparciaes dos vindouros são o melhor fiador do merecimento do nosso patricio; e como «mais vale a pessoa que os pannos» as suas qualidades pessoasos sobrelevam a vantagem accidental da sua nobreza, pois que só aquellas o fizeram conhecido e commemorado na nossa historia litteraria e diplomatica. É condição dos homens superiores levantarem com as suas obras o mais firme e seguro monumento da sua fama.

A ESPADA DE ALEXANDRE

Faz agora cêrca de dois mil duzentos e deseseis annos que n'um mesmo dia succederam duas grandes catastrophes: ardeu um famoso templo e nasceu um famoso conquistador.

Alexandre Magno era filho de Filippe de Macedonia. Está dicto tudo, de boa arvore bom fructo. Atrevido, corajoso, valente, alma grande, quem lh'o não chamar deve-o á consciencia; e á historia, que é a consciencia dos seculos. Disse-lhe catastrophe o nascimento: salve-me o poeta, cujo a ideia é:

•Em suas iras de flagello aos povos

•Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

De suas grandes façanhas rezam muitos livros. Não curo agora d'ellas, mas d'uma quasi bagatella, que todavia mereceu passar em proverbio quando é mister resolução prompta para romper embaraços: cortar o *nó-gordio*.

Cançados os Phrygios de dissensões continuas pôr-lhes termo anceavam. Consultaram o Oraculo, que lhes deu em resposta que deviam eleger um rei.

—E quem o será?

«O primeiro que ao templo de Jupiter vier n'um carro.»

Coincidia isto com um facto que se estava dando n'outra parte. Um lavrador amanhava em boa paz as suas terras, sem se lembrar de Cincinnato que mais tarde viria, quando uma aguia, baixando do throno excelso do Tonante veiu poisar sôbre o temão do seu carro. O bom do homem tomou o successo em maravilha, e qualquer de nós faria o mesmo. Foi-se ter com as adivinhas.

— Isso quer dizer, respondeu uma mais moça e, diz-que, donzella, que tu deves fazer a Jupiter sacrificios como rei.

Sem mais detença, trepa ao carro, e ao templo se dirigia em tal proposito quando foi encontrado pelos que buscavam um rei. Foi eleito em continente.

Seu filho e successor, Midas, consagrou a Jupiter o carro de seu pae, e fel-o guardar no templo da capital do seu reino, que do nome d'elle se ficára chamando Gordium, sita na margem direita do rio Sangaro, na Asia-menor, hoje Sacaria.

N'esse carro havia um nó a prender a canga ao temão, tão intrincado e escuro, que não era dar-se-lhe com ponta por onde se desatasse. Ou pela cidade, ou pelo rei dono do carro, era conhecido pelo nome de *nó-gordio*, e promettia o Oraculo o imperio do Oriente a quem quer que o desatasse.

Dispondo-se para a conquista da Asia, acertou de passar alli Alexandre no tempo d'este Midas, e quiz ver o mysterioso nó. Tentou desdal-o, não foi para elle. Cançou a vista, maguou os dedos e ficou como d'antes.

— Não importa, disse elle puchando da espada, como se desfaça...

E d'uma cutilada desmanchou-o.

E assim cumpriu ou illudiu o Oraculo, conclue o seu historiador Quinto Curcio.

Como fôsse, aquelle lance de espada valeu-lhe uma grande victoria, e teve grande influencia nos seus destinos. D'ahi ávante os seus soldados viram n'elle mais do que um heroe, viram o enviado dos deuses, e com elle não havia empresa a que se não arriscassem por gigantesca e temeraria que fôsse. Aquella espada que os guiava estava fadada a ser um dia sceptro d'um grande imperio, e onde ella fulgisse não podia falhar victoria. Effectivamente Alexandre Magno chegou a dominar todo o oriente da Asia até ao Indo, e Deus sabe onde iria se prematura morte o não tolhesse.

O *nó-gordio* são mil pequenezas que na vida nos estorvam. Na fé em Deus e inteireza de nossa consciencia temos todos nós a espada de Alexandre. J. Simões Ferreira

MOSAICO

Os abusos. Os abusos são como os dentes: não se arrancam sem dor.

Marquez de Maricá

O homem. O homem é escravo da morte, hospede do logar, caminhante que passa.

Heitor Pinto

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

ASSIGNA-SE na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

PREÇOS

EM COIMBRA

FÓRA DE COIMBRA

Tres mezes. . . . 300 | Seis mezes. . . . 660

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeitivas n.º 19.

Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL



Serie II

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

COLLABORADORES

A. A. da Fonseca Pinto, A. C. da Silva Mattos, A. F. de Loureiro, A. Filippe Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. M. Seabra de Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Saraiva de Carvalho, Bernardino Pinheiro, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. da Costa Alemão, etc.



Volume I



N.º 2 — NOVEMBRO 30 — 1860

AVE REX!

S. M. F. el-rei o senhor D. Pedro V entrou em Coimbra a 27 e sahiu a 29 do corrente mez de novembro. N'estes dois dias respirou de novo os ares da côrte e da grandeza a côrte e berço dos reis da primeira dynastia; repetiram-se jubilosas as aclamações da cidade que — primeira — acclamou e alçou sôbre seus escudos o heroico Mestre de Aviz. O alcaçar das lettras hospedou o rei philosopho e illustrado; a povoação eminentemente liberal saudou o primeiro magistrado da nação.

O senhor D. Pedro V viaja tranquillo pelas cidades do seu reino em quanto que nos outros estados vacillam as coroas ou se esmigalham no choque das revoluções.

No livro da humanidade a espada está hoje lavrando o introito de uma nova phase. Alaga-se o progresso em sangue, a civilização cimenta-se em cadaveres. Quebra-se a alliança entre povos e reis; e parece cada geração raça rediviva de Cadmo que mutuamente se devora. Em Portugal o rei, superior aos debates dos partidos, identifica-se com o povo — une-se o rei liberal com o povo livre.

É exemplo e lição que não devêra passar debalde. Os thronos são sinceramente respeitados quando os que os occupam reconhecem e cumprem a sua elevada e melindrosa tarefa; quando os reis entendem e definem d'este modo a civilização: «a civilização existe para mim no estado em que a sociedade e o poder contendem entre si para se substituirem e se excluirem mutuamente no cuidado dos interesses da communidade.»

Mal vae ao paiz cujos chefes menosprezam

os seus deveres; lavra a desconfiança e trava-se a lucta. Olhemos a Italia: seus proprios filhos rasgam-lhe e dilaceram-lhe os seios; a revolta accendeu as fornalhas dos seus vulcões, e o incendio ateou-se temeroso. Debate-se a pobre peninsula n'uma úlcera viva, caldeando nas forjas de um outro Vesuvio — a revolução — as fórmas inda indistinctas de um novo imperio.

Em tórno d'este circo de batalhas as outras nações — o despotismo do oriente, do occidente a liberdade — assistem, cautelosas e prudentes, afiando em silencio o gume das suas espadas. A agitação é profunda e sensível: os monarchas amiudam as conferencias, e o leão popular move-se e ruge surdamente. Estão porventura suspensas novas lides entre o verbo e a força, a luz e as trevas, a liberdade e a tyrannia.

Portugal por uma antithese completa, fidelissimo sempre á sua realleza, allia a liberdade com as suas gloriosas tradições e respeita no rei actual o primeiro cidadão da sua republica e o descendente d'uma serie nobilissima de monarchas. Cerraram-se de ha muito as portas de Jano, e espera-se que a paz e a indústria, enlaçadas ambas, reanimem o paiz sob o reinado de um novo Numa.

A viagem do senhor D. Pedro V ao sul e norte do reino foi um triumpho, pacifico e solemne, da excellencia das instituições liberaes com que foi alimentado e que o crearam rei. No seu trânsito foram cordeaes as felicitações, e as cidades onde se demorou o hospedaram com régia magnificencia. A mesma imprensa livre, mais livre que a dos mais illustrados paizes, o saudou unanime.

A espontaneidade é a cortezia dos povos.

A. A. da Fonseca Pinto

Quadros biblicos

I

A CREAÇÃO

E disse o Senhor: «*Faça-se*»
E fez-se. GENES. cap. 1

No principio dos principios Deus era só.

Em si mesmo existia e por si mesmo o ser unico de todos os seres.

E Deus pensou crear um mundo, e n'esse mundo quem o conhecesse, servisse e adorasse: creaturas intelligentes que merecessem seu amor, e gozal-o ao cabo.

«*Faça-se*» disse Elle: e do cahos sahio a ordem, das trevas a luz, de Deus o homem: do nada tudo.

Seis dias levou a obra do Senhor: seis mysterios que amesquinham a razão do homem, sempre tão vaidoso no seu nada. Quem poder medir a eternidade terá sabido a medida d'esses dias. O tempo não estava ainda creado, porque o tempo é a duração do homem, e o homem foi a última das feitura do Senhor. Causa dó que tão alto queira ascender o último atomo da grandeza.

Homem, homem, bem maior do que tu mesmo é o teu orgulho, e maior do que o teu orgulho é a tua cegueira.

Porque tu levas o atrevimento a tentar os arcanos do infinito, e quando te vanglorias de havel-os devassado, o dedo do Senhor derriba-te a audacia, e nescio, mais nescio do que estavas, ficas sempre.

Não vês que és imperceptivel ponto n'um espaço immenso: que assim como os olhos do teu corpo, por mais alto que subam, quebram sempre em incurtados termos: assim os teus olhos do espirito têm de parar sempre nos limites talhados pela mão do Eterno.

Ha seculos em que andas empenhado n'uma lucta impossivel, e porque não vences, desatinas.

Mas não desistes. É porque a cegueira é mais cerrada.

No último dia creou Deus o homem.

«*Faça-se*» dissera o Senhor quando creára a luz no primeiro dia: «*faça-se*» firmamento no meio das aguas, que as superiores das inferiores divida, disse no dia segundo. No terceiro: «*ajuntem-se*» n'um logar só as aguas todas inferiores, e appareça terra enxuta. «*Façam-se*» luzeiros no firmamento do ceu, que dividam dia e noite, que marquem os tempos, os dias, os annos: foram palavras e obras do dia quarto. «*Produzam*» as aguas, os ares e a terra seres viventes, que cresçam

e se multipliquem nas aguas, nos ares e sôbre a terra: isto disse nos dias quinto e sexto.

E mais accrescentou no dia sexto: «*Façamos*» o homem á nossa imagem e semilhança. De todas as creaturas, o homem só foi digno da propria pessoa do Omnipotente: «*faça-se*»; «*façamos*».

E creára o Senhor Deus na terra um paraíso, um pomar rico e delicioso, um logar ameno e encantador, onde manifestára todas as galas de seu immenso poder. Os ardores do sol da Palestina quebravam ahi em copas de emaranhada verdura: n'um chão de viçoso musgo cahiam sasonados fructos, o ananaz dos tropicos a par do dourado pomo do meio dia. No centro erguia-se a arvore da vida e a arvore da sciencia do bem e do mal. Serpeavam-lhe em volta as frescas aguas de quatro rios.

E ao meio do paraíso levou o Senhor Deus o homem, todo esse encanto e grandeza lhe mostrou, fez que todos os seres animados ante elle viessem, que elle a cada um pozesse nome, como que para lhes assignar posse, e disse:

«Eis que á tua guarda confio tudo o que vês. De todas as arvores que aqui estão comerás os fructos: excepto da sciencia do bem e do mal. N'esses nem toques. Respeita-os em respeito a mim. Formosos são por fóra: dentro fecham a morte. É só o que te exijo, e livre te deixo: sê feliz.»

Mas feliz não podia o homem ser. No centro de tanto bem, rodeado de tanta belleza, de tanta abundancia, de tantas alegrias, o seu viver era triste, era desconsolado. Por toda essa extensão do poder do Senhor, entre tantas creaturas, tão variadas, tão magnificas, não via uma que lhe fôsse semelhante, que lhe sentisse a vida. De graça era rico, de bens da terra muito rico, mas não lhe bastava nada porque era só.

E o Senhor Deus mandou-lhe um somno suave e profundo.

E eis que dormindo lhe parecia a elle que o coração lhe ia faltando, que d'esse lado não era completo, que uma parte de si mesmo não era em si. Uma dor aguda o penetrou um instante, quebrou-lhe forças, seguiu-se ineffavel gôzo e desconhecido.

E acordou.

Diante d'elle estava uma creatura nova, um mimo de Deus. Sorria-lhe, estendia-lhe a mão, mostrava-lhe o ceu. Seus olhos eram lindos como os raios do sol por entre a folhagem do paraíso; seu sorrir gracioso como o amanhecer da aurora do seio das aguas; sua postura e graças não tinha elle com que as comparar.

«Mulher» exclamou n'um extasis de arrebatamento.

E n'essa palavra resumiu tudo o que de melhor pudera conceber a essencia de todas as ideias grandes que lhe dera o Senhor.

Ergueu-se, caminhou a ella, estreitou-a a si, entregou-lhe inteira a sua vida. E disse:

«De mim sahiste, mulher; sente a falta o meu coração. Tu és carne da minha carne, ossó de meus ossos. Agora sinto a minha existencia completa. Pelo que em todo o correr das gerações venturas o homem por ti deixará pae, mãe, familia, tudo. E tão unidos seremos nós, que de dois façamos um só: em duas vidas uma só vida, em duas vontades uma só vontade, em duas carnes uma só carne».

E o Senhor Deus baixou á terra, e disse:

«Crescei e multiplicai-vos. Enchei a terra, sujeitae-a, estendei dominio sôbre os peixes do mar, as aves do ceu, todos os viventes que se movem sôbre a terra. Porque todo este mundo é vosso, para vós o creei. Estes animaes são para vosso serviço, estas aves para vosso regalo, estas arvores para vosso gôzo, estas flores para vosso enlevo. Disponde de tudo, que tudo vos dou. Só guardae o meu preceito. A felicidade está ao alcance de vossa mão. Tendes a minha graça, tendes a vida, tendes amor: gozae de vós mesmos».

E o Senhor abençoou-os.

E o homem sentiu repassar-se da felicidade, e nascer d'ella o mais nobre e mais puro dos sentimentos: a gratidão. Seus joelhos vergaram á terra, sua alma levantou-se ao Eterno.

«Bemdito seja o teu nome, Senhor Deus do ceu e da terra:

«Porque tu és grande em tuas obras, generoso em tuas acções, incomprehensivel em teus projectos!

«Com a omnipotencia de tua palavra firmaste o ceu e a terra: e tudo o que existe é obra d'uma palavra tua.

«Disseste ao nada: *«faça-se»* e o nada obedeceu-te, e de si fez sahir a luz, e o sol, e a terra, e a vida, e a mim mesmo.

«Do pó da terra me tiraste, deste-me a tua imagem e similhaça, dá-me a tua graça e o teu amor: para que, Senhor?

— «Para seres feliz»: responde a tua bondade infinita:

«Confunde-se o meu espirito: *hossanna* te diz o meu coração, que minha bocca é muda diante de tua magestade. Por todos os seculos dos seculos: *hossanna!*»

J. Simões Ferreira

Influencia da mulher na civilisação

(Continuado do n.º 1)

Se a razão e o sentimento íntimo nos não mostrassem claramente a verdade d'esta lei de harmonia, bastaria percorrer as páginas da historia da humanidade, para em cada uma d'ellas toparmos com uma demonstração e um exemplo.

Quem não conhece essas mulheres heroicas da antiga Lacedemônia, sempre primeiras em mandarem seus filhos á guerra, e que antes queriam vê-os voltar mortos sôbre seus escudos, do que vivos, mas salvos á custa da propria honra e da gloria das armas patrias? Só essas sabiam dominar seus maridos porque na bella expressão da espôsa de Leonidas — só ellas sabiam fazer homens. Então as mulheres não eram escravas sem honra nem dignidade, mas cidadans e livres; porisso tambem os homens eram heroes e martyres das liberdades patrias, debaixo do influxo benefico d'estas bellicosas divindades.

A que deveu a antiga Roma, a Roma das eras recommendaveis da republica, o esplendor de suas armas e de sua civilisação senão á severa e rigida virtude que as suas mulheres sabiam tão fundamente gravar na alma de seus filhos, fazendo de cada homem um cidadão, e de cada cidadão um heroe? Ah! tambem eram ellas respeitadas, e tanto que o insulto feito a uma taes tempestades levantou que sob si submergiu uma dynastia inteira, derrocou uma monarchia, edificio de seculos, e fez mudar de face toda uma organisação social!

Apparece depois no mundo o Christianismo, ideia sublime que afeiçoá á sua imagem essas almas rudes mas poeticas do norte, e sôbre ellas espalha o balsamo de principios mais sanctos, de aspirações mais elevadas. E são ainda as mulheres que n'este drama augusto de renovamento moral são chamadas a representarem o papel de medianeiras entre o ceu e a terra. É por ellas que o influxo benefico dos principios christãos calou fundo n'essas imaginações virgens e depois nas almas d'essas hordas selvagens que irrompiam impetuosamente sôbre o velho mundo romano. É Clotilde, a bella e modesta Clotilde, quem converte Clovis ás verdades do Evangelho, e com a conversão do rei educa tambem um povo inteiro. É ainda a poetica Bertha, que, seduzida pelas acções mais ainda que pelas palavras d'um sancto monge, traz á luz do Christianismo um rei e um povo bar-

baros e derrama os principios da verdadeira civilisação sôbre os rochedos alpestres da Gran-Bretanha. Mas que digo? essa mesma religião não nasceu ella embalada nos braços d'uma mulher, de Maria a virgem, essa irman dos anjos, mãe e amiga dos que choram? não foram ainda os seus primeiros apóstolos, os que com mais fervor escutaram a palavra do divino mestre, algumas pobres mulheres de Nazareth? não foram ainda as mulheres que mais concorreram a implantar-a na terra? consultae a historia e mais ainda as tradições de todos os povos christãos, e dizei-me, depois de considerar por um pouco essa pleiada illustre de nobres e sanctas martyres, que mais queriam a morte affrontosa do que o renegarem a sua fé, dizei-me depois se porventura foi curto ou de pouco alcance o papel que as mulheres têm representado n'este grande drama, drama divino, da implantação na terra d'essa grande ideia, a maior que no mundo tem apparecido — o Christianismo?! A mulher! Eis ahi a obra prima da creação, o ente que sôbre todos tem na mão os destinos da humanidade, porque foi a ella que Deus escolheu para depositária, apóstolo e defensor da sua ideia! Tem na face estampado o cunho do Senhor, e é só por ella que se hão de cumprir na terra os grandes designios da Providencia!

E a idade média? Qual ha ahi imaginação de mancebo que não tenha mil vezes sonhado com esta era mysteriosa de aventuras e de cavallaria?

Terra sancta, torneios, festins esplendidos aos sons plangentes da harpa dos menestres, castellos perdidos nas nuvens pelo cume das montanhas, bardos e trovadores, quem não scisma tudo isto, e em que coração não se vêm casar tudo isto com a imagem mysteriosa e incerta da mulher?

Surgi, cavalleiros da Palestina, sepultos sob o péso das alvacentas ossadas dos infieis, e contae-nos a quantos d'entre vós não foi mais a vossa dama do que o vosso Deus, ou antes se não foi Deus por intermedio da dama dos vossos pensares que assim vos obrigou a correr resolutos a remir o tumulo do Senhor, oppondo um peito leal ás lançadas dos filhos de Mahomet!

Duguesclin e tu intrepido Bayard, ensinae-nos qual foi a divindade que assim lançou em vossos nobres corações a semente de tantos feitos de heroismo e lealdade!

João I, João I, último mas o mais nobre de todos os cavalleiros da peninsula, Mem-Rodrighes, e tu Ala invencível dos Namorados,

surgi vós todos do tumulo de longo esquecimento, a contar-nos quantas e quantas vezes não era o vosso grito de guerra o nome mil vezes repetido, o nome mysterioso d'aquella por quem ieis a defender o vosso Deus e a vossa patria, e quantas vezes ao revolver-vos moribundos no pó dos campos da batalha não eram ainda para *Ella* que se dirigiam vossos ultimos votos, não era ainda *Ella* que no derradeiro arranco da agonia collocaveis a par de Deus!

Camões, Tasso, Petrarcha, quem vos fez lançar para o mundo em meio de lagrimas sem conto torrentes de eterna harmonia?

Filippa de Lencastre, mãe d'uma geração de heroes, Natercia, Laura, Beatriz, Branca, Joanna d'Albert, Clotilde, vós todas que soubestes inspirar nobres acções e nobres cantos, Filippa de Vilhena que com tua mão maternal armas cavalleiros teus proprios filhos em defesa da patria, deixae que a todas vós vá insculpir o nome eterno nos florões da corôa da vossa propria gloria. Sorride se alguem ousar isentar-se da força creadora da vossa virtude, deixae que os homens mofem do vosso benefico poder, e por unica vingança mostrae-lhes o bem que inspiraste, e que só por vós se praticou!

A mulher, sempre a mulher ahi aonde ha a narrar um feito illustre, uma acção gloriosa, aonde ha um nobre sentimento a fazer passar ás gerações do futuro!

(Continúa)

Anthero do Quental

A PROVIDENCIA

I

Era na hora saudosa em que as nuvens do occaso, ainda incendidas pelos affagos do sol, enviam seu derradeiro adeus á terra n'um fugitivo lampejo, que se esmorece entre as phantasticas sombras do crepusculo; era n'essa hora em que as selvas gemem doloridas maguas, as fontes exhalam harmoniosas queixas, e em que ao aerio thalamo convida a philomela o errante espôso; era finalmente n'essa hora em que o ceu e a terra ao resfolegar das vespertinas auras se fundem n'um primeiro beijo d'amor.

Quem ha ahi que então, ao menos uma vez na vida, não tenha sentido remontar sua alma ao mundo dos espiritos, anhelando uma vida melhor, que n'esses raros instantes se antolha através do sendal de azuladas nuvens, aonde

resplandecem como mundos de luz os olhos dos que nos são caros?

Quem se não tem deixado arrastar após essa mystica harmonia que como o canto das seixas nos embriaga os sentidos, enleia a vontade e mau grado nosso nos atrahê para elevar-nos acima de nós mesmos?

É então que o homem verdadeiramente asoma ao último grau da escala da criação, porque até allí as necessidades da vida physica, que como o escravo á gleba o adstringiam á terra, o egualavam ao minimo dos vermes que sôbre o pó rastejam; é então quando nos vôos do pensamento se eleva tão alto que olvida todos os males da terra e com sofredão aspira o perfume das delicias do ceu, que as do mundo apenas preludiam n'um pallidô reflexo!

E alguém comtudo existe para quem essas luxuriantes galas da natureza são como aguda ironia, como pungente sarcasmo que exacerba incomportavel dor, como o côro de bacchanal infrene entoado á beira do leito do moribundo.

Não era assim que então soffrias, Cesarina?

Chorámos lagrimas de sangue sem sentirmos estalar as fibras do coração, se n'um peito amigo virmos tambem cravar-se o dardo que nós rasga as entranhas; mas chorar quando tudo sorri, alimentarmos n'alma o desespero quando a dos outros trasborda de alegria, é duplicar nossa tortura, é prestar á nossa dor tantos golpes como de cabeças á hydra de Lerna, é o soffrer de Laocoonte, de Prometheu, de Tantalo.

Porque será nossa alma até na dor egoista?...

Ha lagrimas que borbulham á superficie dos olhos como os aljofres do rocio na corolla das flores; ha as que são o desfôgo d'uma alma que se atrophia no mephitico ambiente da realidade, como a planta se definha na sombra; essas, mal as embebe um raio d'amor ou um raio do sol, vivificam quanto regaram: mas as que como as lavas de um vulcão são as cinzas do coração d'onde rebentam, essas não ha, que eu saiba, podêr no mundo que as possa estancar. Christo, e era mais que um fragil mortal, pedia em Gethsemani ao Eterno que de seus labios afastasse o calix da amargura.

Eram d'estas as tuas lagrimas, Cesarina!

Mas quem é Cesarina?...

Se pelo perfume se conhece a flor, pelo coração avalia-se a mulher. E pelo coração era ella no tegurio do pobre o anjo da caridade, no leito do infermo o archanjo da fé

e da consolação, para todos a imagem da benevolencia; nas salas possuia ainda um outro titulo, menos solido na balança de Deus, mais deslumbrante aos olhos do mundo, o de filha e universal herdeira do barão da Penha.

Paciente leitor, acorda, que vamos principiari.

Recem-casada de pouco mais de um anno, Cesarina vira escapar-se-lhe entre suas caricias o amor de seu marido; a paixão do jôgo, que apenas pudera conter durante os primeiros mezes do seu casamento, de novo se apossára de sua alma, e com tanta vehemencia que o obrigava a postergar deveres sagrados, a que o ligavam cadeias de rosas, que lhe pesavam como grilhões de ferro.

Dias inteiros passava ausente de casa, sentado a essa mesa fatal, aonde a fortuna, o credito e a honra se arriscam n'um volver de cartas, n'um lance da fortuna, n'uma extravagancia do azar. E Cesarina, que durante estas prolongadas ausencias se finára de angústias, que no seu insulamento esgotára até ás fezes o calix do infortunio, recebia-o na sua volta sem um grito de exprobração, sem um gesto de enfado, sem um unico indicio que denunciase uma reprehensão ao seu viver desregrado. A sós é que ella dava largas ao pranto, que lhe manava em jorros do coração, aonde a dor que suffocava o tinha feito affluir.

E fôra por este homem que Cesarina abandonára sua familia, levando por dote a maldição paterna!

Mas Deus que dá a cada tempestade um iris, a cada angustia um allivio, deu a Cesarina uma filha. A maternidade que é para a mulher um novo laço com que captiva a amizade do espôso, foi unicamente para Cesarina uma fonte perenne de consolações no seu abandôno; porque do coração de seu marido espôsa e filha tinham sido proscriptas pelo mesmo ostracismo.

No momento em que começámos a nossa historia, Cesarina myrrhava-se n'uma d'estas costumadas ausencias: tres vezes o sol havia assomado ás portas do oriente, tres vezes se havia mergulhado no leito do oceano, e nem sequer um instante o sol da felicidade surgira para ella n'um sorrir de seu espôso. Sentada juncto ao pequeno berço de sua filha alli procurava lenitivo á sua dor. Apesar de embaciado pelas lagrimas o seu olhar tinha aquella expressão indizível de angelica doçura, que só no olhar de mãe brilha.

Ha no amor de mãe tanta dedicação, tanta abnegação de si mesmo, que estes dois sen-

timentos por si sós bastariam para tornar de cada mãe uma martyr, de cada martyr uma sancta. A ingratição é uma planta damninha que abafa no coração o germen de todas as nobres affeições; só o amor maternal como a alga sôbre estereis rochedos cresce vigoroso no meio d'ella, chegando ás vezes a suffocal-a: é que Deus ungiu com alguma cousa de divino o coração de uma mãe.

Pobre Cesarina, filha sem pae, espôsa sem marido, um berço era para ti o unico laço que te prendia ao mundo!

De repente a porta do quarto se abriu e um vulto de homem appareceu no limiar: Cesarina, ligeira como a gazella, correu-lhe ao encontro, e seus dois braços, dignos da estatua de Pygmalião, se apertaram sôbre seu collo.

Com um gesto de desdem o capitão Tavares procurou desenleiar-se d'esta prisão que o estreitava; e Cesarina, passado aquelle impeto do coração que não pudera conter, voltou ao seu antigo logar, escondendo o rosto incendiado de pejo, porque onde não existe o orgulho não existe um coração nobre.

Depois reinaram alguns momentos de silencio, d'esse silencio que aterra porque é sempre o annúncio das grandes tempestades do coração.

Augusto Sarmiento



Mons cadens defluit...
Job, xiv, 18.

Agro é o caminho da vida; e as raras flores que n'elle se topam mostram sempre — ellas mesmas — aspereza de espinhos. Não ha viço que não murche, luz que não se apague, felicidade que não passe. Visões e saudades são condição nossa, eterna, unica e exclusiva, polos da nossa rotação, mel e fel do nosso calice.

Alampada de Vesta, a imaginação no seu acceso cogitar é facho que nunca empallidece, tonel das Danaides que nunca se enche, Prometheu abutre de si mesmo.

Eleva-se o homiem como a aguia no seu vôo; e, mediando entre duas eternidades, balouçado entre dois infinitos, como a aguia entre o ceu e a terra, vive apenas do preterito e do futuro. As illusões de um e os sonhos de outro são o seu repasto, a aspiração constante da sua natureza. Debaxo dos pés não sente que o presente lhe resvala desapercibido!

Um dia porém derretem-se-lhe as azas, extingue-se-lhe o facho, e o vaso de argilla quebrou-se. A morte passára por elle!

Mas nem sempre o sôpro que eliminou uma vida apaga de todo a sua memoria. Cae um cadaver, mas a sepultura que o recebe inda irradia luz quando o espirito que o animou foi verdadeiro *sal da terra e luz do mundo*.

O pulpito portuguez está orphão e deserto; o sello de chumbo da morte cerrou a bocca de ouro que o povoava. Perderam as letras um cultor distincto, Portugal um filho illustre, a Igreja um ministro virtuoso. O Sr. beneficiado FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO, nascido em Obidos a 12 de Março de 1794, falleceu na mesma villa a 10 do corrente.

«O último representante d'aquelle glorioso nome de MALHÃO, disse hontem um jornal, que tanta celebridade teve entre nós succumbiu finalmente ao mal que o devorava; e cahiu — o homem forte! e expirou — o homem sancto!»

O eminente orador viveu vida modesta e obscura; é seu o retrato que apresenta n'um dos seus discursos do homem *retirado das scenas do mundo*, carregadas mais as côres porque o sacerdote não possuia a opulencia do fidalgo. Não lhe galardoaram o merito com distincções sociaes; mas, pobre e recatada, a planta trahia-se com o perfume, e o seu nome enchia o reino todo. Depois de Deus só é grande a virtude, dizia elle, e por isso deve ser dos maiores, porque foi homem de bem, a quem Deus conduziu em toda a sua vida por caminhos rectos. *Justum deduxit Dominus per vias rectas*.

Nas suas orações transparecem dois amores, o da religião e o da patria; e a ambos ligou tão estreitamente que d'um ao outro não lhes podêmos marcar as raias. N'estes dois dulcissimos affectos foi que moldeou toda inteira a sua alma, alma christianissima e poetica, que não esqueceu nunca em seus enlevamentos as glorias da sua terra. Sacerdote de duas religiões, o incenso que lhes queimou nas aras foi sempre puro; «seus labios eram um favo que distillava gottas de mel. *Favos distillans labia ejus.*» Soldado de duas milicias, defendeu sempre vigorosamente as suas signas; «a sua palavra eloquente era um facho inflammado. *Verbum ipsius quasi fecula ardebat.*»

Descanse em paz o ministro da paz e do amor, que a sua memoria, pura e immaculada, florecerá immortal na terra que lhe foi berço e tumulo, e na lingua que illustrou com a palavra e com os escriptos.

A. A. da Fonseca Pinto

LEMBRA-TE DE MIM!

A borboleta, mais que o ar voluvel,
Diz flor mimosa, orgulho do jardim:
«Foi meu calix teu leito d'uma noite;
«Mel e perfumes tenho ainda... volta...
«Ai! lembra-te de mim!»

Á vaga, que da praia se retira,
Diz a concha: «Porque foges assim?
«Ainda humedecida de teus beijos,
«Porque mereço já teu abandono?
«Ai! lembra-te de mim!...»

Á folha desbotada pelo outomno,
Que o tufão desprende e arrasta alfim,
Diz o tronco de galas despojado:
«Quando volver a primavera, ingrata,
«Ai! lembra-te de mim!...»

Á lua que se esconde no occidente
Diz a saudosa noite: «P'ra que vim
«No mysterio involver nossos amores?
«Comtigo perco a luz que me alumia
«Ai! lembra-te de mim!...»

Eu como a flor, a concha, o tronco e a noite,
Proxima a ausencia de que ignoro o fim,
Sinto minh'alma repassar a magua,
Quando em vão proferir meus labios tentam:
«Ai! lembra-te de mim!...»

Augusto Sarmiento

FABULA

(PEDRO)

Um dia os deuses cada qual uma arvore
Á sua guarda consagraram: Jupiter
Quiz o carvalho; a murta Venus; Hercules
Quiz esse o alamo; e o loureiro Apollo.

Vendo-as Minerva todas infructiferas,
«Que é isto? brada: Jupiter responde-lhe:
— Aliás dir-se-ia, filha, que as achavamos
Mas pelo fructo. «Que me importa? digam-no;
É pelo fructo que a oliveira escólho.

Minerva, exclama o pae d'homens e deuses;
És quem dos deuses sabes mais sem d'vida;
No que não lusa... mal fundada gloria!

Honra sem proveito
Faz mal ao peito.

João de Deus

BOSQUEJOS NOBILIARCHICOS

ARMAS DOS APPELLIDOS DE DEZ E DIAS

I

Alguns nobiliarchistas têm confundido estes dois appellidos, talvez pela má traducção que têm feito do Nobiliario Hespanhol, outros cingindo-se ás descripções que acham impressas, têm cahido no mesmo erro (a): erro este, que tem feito com que alguns nobres tragam em seus sinetes armas que lhes não pertencem, como vamos mostrar pela historia do appellido de Dez, e origem das suas armas.

No tempo de D. Affonso XI, de Hespanha, seu filho o infante D. Pedro andava muito empenhado na guerra contra os mouros de Granada, e partiu da cidade de Ubeda a tomar o castello de Tiscar: estava alli concentrada toda a grande força dos mouros, torcendo-se quasi impossivel tomal-o.

Entre os muitos cavalleiros que acompanhavam o infante, foi escolhido um por nome Pedro Fidalgo, escudeiro do Mestre de Calatrava: de mediana estatura era elle no corpo, mas no valor sem segundo; sobe de noite ao alto d'uma penha, a que chamavam penha negra, que estava velada por dez mouros, que não podendo resistir á coragem do nobre cavalleiro deixaram de existir.

Tomada a penha, certo estava o castello: de valor se enchem as tropas do infante e no seguinte dia entrou a villa, e a tomou á força de armas, o que succedeu no anno de 1319.

Mahomad Andon, que senhor estava do castello de Tiscar, não podendo por mais tempo segural-o, entrega-o ao infante, com o salvo-conducto de quatro mil e quinhentas pessoas que n'elle havia, que o infante mandou conduzir a Baeça.

Em memoria d'esta façanha os descendentes de Pedro Fidalgo, tomaram o appellido de *Dez*, e o infante lhe deu por armas *em campo azul um luzeiro de ouro de dez raios*.

O campo azul figura o firmamento; o luzeiro as estrellas que brilhavam no espaço, porque a acção foi de noite: o ouro corresponde á luz, constancia e nobreza: os dez

(a) Villas-Boas na sua *Nobil. Port.* pag. 278 diz: *Fidalgos e Dias* têm por armas *em campo azul um luzeiro de ouro de dez pontas ou raios*, e o Sr. Monteverde na sua *Descr. das armas das fam. de Port.* pag. 24 diz; *Dias*, veja-se *Fidalgos*: um traduziu, outro copiou mal.

raios, os dez mouros que morreram ao fio da espada do nobre cavalleiro (a).

Esta é a origem e armas do appellido de *Diez* em hespanhol, e *Dez* em portuguez, que tem andado até hoje como *Dias*, usando, os d'este appellido, d'aquellas armas como ha pouco vimos em um brasão d'armas que tiveram a bondade de nos confiar, para a continuação dos nossos trabalhos heraldicos.

A. M. Seabra d'Albuquerque

BIBLIOGRAPHIA

Novo Dicionario inglez e portuguez com a pronúncia figurada por José Valerio Capella, professor do lyceu nacional de Braga.

Apressâmo-nos com vivo prazer a noticiar o apparecimento d'esta importantissima obra, reclamada de ha muito por todos os que se dedicam ao estudo da lingua ingleza; estudo que entre nós de dia para dia se vae progressivamente generalisando.

E, se apesar dos beneficios que d'ahi proviriam ás sciencias, litteratura, artes e industria, não tem no nosso paiz chegado esta lingua ao supremo grau de popularidade, cremos ser a principal causa a excessiva difficuldade de sua pronúncia, aonde as mais constantes regras se perdem n'um labyrintho de excepções, successivamente modificadas por novas excepções por tal fórma que o inglez, embora o mais erudito, se vê necessitado de amiudadas vezes recorrer ao seu *indispensavel Walker*.

Entre nós não existia dicionario algum de pronúncia, tendo o que se dedicava ao estudo do inglez de se auxiliar dos dictionarios de linguas extranhas, que ainda assim por si só não bastavam, sendo mister muitas vezes munir-se tambem d'um outro que apresentasse a significação dos termos inglezes em linguagem.

O Sr. José Valerio Capella, reunindo n'um só volume a significação e pronúncia dos vocabulos inglezes, fez duas grandes economias, uma pecuniaria, outra, talvez a maior, a do tempo.

Por isso cremos que o Sr. Capella fez um grande serviço ás lettras e á nação; e oxalá que s. s.^a venha a tirar do seu trabalho o fructo de que se tornou merecedor.

(a) Chron. de D. Affonso XI, cap. 17: Ibaro, Nob. de los Reys d'Esp. tom. 3, pag. 186.

D'esta obra acha-se publicada a primeira folha, e está no prelo a segunda. Quem a de-sejar assignar deve dirigir-se ao auctor, o Sr. José Valerio Capella, Braga. Preço por cada folha 40 reis, por toda a obra 1200.

MOSAICO

Pennas antigas. Calamidade deriva de *calamus* que quer dizer cana e penna; porque as pennas antigamente faziam-se de certas canas delgadas. Por signal que diz Plinio que as melhores do mundo eram as da nossa Lusitania.

Padre Antonio Vieira

Divida bem paga. Na vida são os Mecenas que douram com os mundanos clarões que lhes sobejam os louros altivos dos Virgílios. Na morte são os Virgílios que illuminam e perpetuam com os reflexos da sua gloria os vultos secundarios dos Mecenas.

Latino Coelho

Amor maternal. Mulher que ama seu filho pôde dizer ufanamente que o seu coração está cheio de amor. É na terra a suprema felicidade. O amor de mãe, este amor tão sancto, este reflexo da ternura de Maria Santissima, é o vínculo que prende as delicias dos anjos com as raras alegrias da terra.

C. Castello Branco

Ciumes. Disse bem, quem disse, que os ciumes se pareciam a Deus, em fazer de nada alguma cousa.

D. Francisco Manoel

O odio. Morra o odio no mesmo dia em que nasceu.

Pythagoras

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

ASSIGNA-SE na loja de livros da Imprensa da Universidade, na de Mr. A. Posselius, rua da Calçada, e no escriptorio da direcção.

PREÇOS

EM COIMBRA

FÓRA DE COIMBRA

Tres mezes. . . . 300 | Seis mezes. . . . 660.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á direcção da ESTREIA LITTERARIA, rua das Azeiteiras n.º 19.

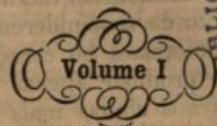
Annunciar-se-hão todas as publicações de que forem mandados dois exemplares á direcção.

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL



Serie II



Volume I

DIRECTORES

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

COLLABORADORES

A. A. da Fonseca Pinto, A. C. da Silva Mattos, A. F. de Loureiro, A. Filippe Simões,
A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, Alberto Telles, Amelia Janny (D.),
A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Saraiva de Carvalho,
Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus,
J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 3 — DEZEMBRO 15 — 1860

ESTUDOS ECONOMICOS

Relações da povoação com a produção

Evocar as gerações latentes no verbo da criação, antecedendo a sua entrada nos domínios da vida da capitalisação de meios, que lhes custeiem as despesas, é a regra aurea da Economia Politica.

Se o homem tem mais poder para multiplicar-se do que para multiplicar esses meios; se a sua faculdade productiva é inferior á sua faculdade prolifica, ao astro maligno da fome cabe rarear as fileiras dos vivos, assentando o seu nivel entre o número de boccas e a quantidade de substancias alimenticias. Sendo assim, o regimen das castas seria o social; o obreiro adheriria ao empresario pelo pacto da fome, e a humanidade, careada até á medula dos ossos, dissolver-se-hia, chagada da lepra da miseria.

São consoantes os factos em repudiarem este systema do pessimismo: o patriciado do capital sôbre o trabalho repugna á Philosophia. A sociedade tem um poder productivo vinculado ao poder prolifico; e aquelle poder productivo cresce na razão composta do número dos trabalhadores. Cada operario é um multiplicador dos agentes da riqueza, cada geração adiciona orgãos supplementares ás faculdades humanas. Ha portanto correlação do progresso material com as phases da nossa raça; cresce, por via de regra, o capital com mais rapidez do que as gerações.

A capacidade reproductiva d'algumas plantas nutrientes, e nomeadamente de alguns animaes e peixes que servem de alimento ao

homem, sôbre-excede tanto a nossa, como a progressão geometrica a arithmetica. Com esta faculdade potencial umas poucas de especies vegetaes e animaes poderiam no decurso de cem annos pejar a terra e o oceano para fornecerem alimento a vinte e quatro individuos, que é o maximo de prole, de que um par conjugal é capaz no espaço d'um seculo. Eis alguns exemplos d'aquella potencia virtual:

A perca põe 69:000 ovos de cada postura; o lucio 160:000; a carpa 340:000; a sôlha seis milhões; o bacalhau onze milhões.

Um pé de milho dá 2:700 grãos; um girasol 4:000; uma papoula 32:000. Um meimandro em quatro annos povoaria todo o nosso planeta.

Deixando porém estes calculos, cimentados na potencia virtual da especie humana e na das especies vegetaes e animaes, vejamos se os fastos do mundo civilisado não se insurgem contra o pessimismo, e se a miseria poderá ser o fructo da laboriosa incubação dos tempos.

O crescimento da riqueza, quando nasce da multiplicação dos homens, é subordinado á lei da vida laboriosa; pois a terra devora os que não trabalham para ella, e opulenta-se com o trabalho dos que sustentou. Accumular, umas sôbre outras, gerações inactivas, é addir quantidades negativas a uma quantidade positiva. É que o ocio é maldicto e esteril como o deserto, e que os factores da riqueza são unicamente—trabalho e economia.

É um facto notorio que a medida de grãos que nos paizes cerealiferos da Europa, durante o seculo XVI, rendia 100 em farinha, rende hoje 190. Volte-se á moenda do seculo XVI, esposem-se os seus processos, e quasi

metade da actual povoação europeia será repudiada do banquete social.

Apesar das resistencias d'uma Flora pobre e de influencias thermometricas com o duplo effeito de suspenderem os trabalhos ruraes e commerciaes no coração do inverno, e de o solo produzir apenas $\frac{1}{2}$ das colheitas ordinarias nos climas mais propicios, a povoação sueca era em 1850 de 3,500:000 habitantes, isto é, de um terço mais do que a cifra do recenseamento de 1840. Com este incremento da povoação apparecem conjugados os progressos da agricultura; a exportação do trigo, que em 1849 chegou a 500:000 toneladas, era em principios d'este seculo substituida por uma importação de 300:000. O impulso que a agricultura recebeu da multiplicação dos homens fez sobrepujar os productos ás necessidades do consumo.

Com o allivio de encargos pesados e deseguaes, quaes eram a siza da venda dos bens de raiz, a siza das correntes, a siza do cabeção, os dizimos, e outros varios, nasceu no continente portuguez não só o alimento vegetal, mas nos quatorze annos decorridos de 1836 a 1850 os cereaes e as leguminosas cresceram 32 $\frac{1}{2}$ mais do que os habitantes. Com eguaes reformas os cereaes, que d'antes escaceavam na Hespanha, subiram entre 1807 e 1850 cêrca de quinze milhões de fangas. O mesmo phenomeno se nota por todo o mundo civilisado.

No seculo passado fornecia Inglaterra trigo a boa parte da Europa. Hoje pelo seu deficit de cereaes é quem marca o preço regulador nos mercados do continente. Todavia as terras inglezas, que ha oitenta annos produziam trigo, produzem-no hoje pelo mesmo preço em virtude da economia feita nos gastos da producção.

O preço médio do alimento vegetal não subiu na Europa nos ultimos dois seculos, sem embargo da povoação ter consideravelmente engrossado. Passy estudando em França as alternativas do preço do trigo no período que mediou entre 1797 e 1847 foi levado pela logica dos factos á mesma rigorosa conclusão.

O consumo de alimentos augmentou não só com o número dos consumidores, mas tambem com o quinhão nutricao de cada individuo. Confrontando o preço actual das subsistencias com o dos tempos que foram, mostrou Moreau de Jonnes, que do anno de 1700 ao de 1840 augmentara 70 $\frac{1}{2}$ a povoação franceza: mas n'este periodo duplicaram as colheitas, e o quinhão em grãos que compete

a cada francez cresceu de 472 a 541 litros. Pode addicionar-se a este quinhão, conforme diz Passy, mais 240 litros em batatas e legumes. A introducção d'um sem número de plantas exoticas mais fructiferas do que as indigenas contribue para este accrescimo no orçamento alimentario da sociedade.

Pouco importa que hoje o consumidor gaste menos pão do que em epochas atrazadas. É que os legumes, as fructas, as carnes (a), as plantas hortenses comparecem na sua mesa.

O melhoramento no passadio, na habitação, no aceio, no vestuario, nas maneiras, prova que as classes assalariadas podem hoje abranger uma variedade de objectos de necessidade secundária, creados pelas artes e pelas máquinas a preços tenuissimos.

Taes são os dados colhidos pela Estadistica. A abundancia de meios e o andamento da povoação influem-se reciprocamente com exactidão geometrica. As gerações e as culturas giram pelo mesmo systema, pela mesma lei, de accôrdo em tudo com os annaes da agromonia. Primeiro a caça ou a pesca, depois a creação dos gados, depois a cultura pastoral, depois a triennial, depois a alterna, e depois da alterna outras, porque a humanidade não pára.

Vê-se que cada surgente nova de gerações gera uma partilha mais ampla de commodos distribuida por cada familia. Este resultado deve-se á efficacia d'esta geração addicional, a este novo coefferiente que vem elevar a potencia do trabalho, e fomentar uma distribuição de riquezas mais equitativa.

(Continúa)

A. Saraiva de Carvalho

A IBERIA

Estamos em pleno seculo XIX, seculo de illustração e de luzes, onde se não conhece mais podêr que o da razão. A ideia domina, a fôrça é escrava, o pensamento é rei; mas apesar de tudo isto a fôrça não foi banida dos calculos humanos, porque por ella se realisa a ideia. Desconhece-se o direito da fôrça como anachronismo do passado, e cedendo á torrente de innovações da moderna civilisação proclama-se o direito do capricho sancionado pela fôrça; como se a mudança dos nomes possa influir na natureza das cousas. Em 1779 elabora-se o codigo que reco-

(a) Fortescue, que em tempo da reforma percorrêra a França, dizia, fallando dos colonos — que bebiam agua, nutriam-se de fructas, e amassavam pão negro de centeio, sem ao menos saberem o que era carne.

nhece os direitos dos homens, e um seculo não tem decorrido ainda, e já se desconhecem os direitos das nações. Contradição miseravel em que a actual sociedade se revolve escarnecendo com alvar cynismo dos sacrificios de gerações de heroes.

O grande propheta do seculo presente acaba de decretar pelos seus prelos a morte politica de mais uma nação. Com a actual civilização não são compatíveis homens de pequeno vulto nem de mediana estatura; para este seculo de cousas grandiosas deveriam somente nascer Nemrods e Adamastores: tudo que não sejam colossos é contrabando, e qualquer dia veremos reviver as sanguinarias leis da Grecia antiga que permittiam, ou antes ordenavam o infanticidio, quando o recém-nascida era monstruoso; para em consequencia d'ellas serem justicados todos os homens que tiverem commettido o ominoso delicto de não chegarem a 198 centímetros de altura! Isto para os homens; porque para as nações já se vae decretando, e o progresso não pára nas nações em massa; estende-se até ao individuo.

Em 1861 Portugal será Hespanha, a península será Iberia.

Esta é a logica dos factos. Portugal é uma nação pequena, e estas não estão em moda. Tres mil e tantas leguas quadradas de territorio não podem ter existencia politica, e o Cesar do seculo XIX vae reduzi-las a provincia hespanhola. Que importa que proteste Portugal em prol de seus direitos? A força ha de responder que estamos no seculo das ideias; que ao pensamento preside uma inevitavel fatalidade para que se realice, embora seja necessario intervir a força para a realisação da ideia, e d'esta sorte vae Portugal ser votado ao ostracismo; assim se garantem os direitos das nações!

O movimento appareceu no seculo presente: e, embora de moderna data, bastante tem fructificado. O desaparecimento da Polonia da carta politica da Europa foi a prophacia dos destinos da Hungria. A Saboia annexou-se á França: a Italia unifica-se; e este sol brilhante da fusão das nações erguido sobre o oriente ha de vir ter o seu occaso na extrema occidental da península, e á voz do verbo poderoso que impõe ás nações a sua vontade vão resurgir, novo Lazaro, a Lusitania, Betica e Tarraconense para em dia de noivado receberem o chrisma da Iberia.

Porque não podem existir as pequenas nações? Teme-se porventura que ellas embarcem o progresso da civilização europeia, por não poderem par e passo acompanhar o seu

movimento? Seculo de philanthropia em que se impõe á força o beneficio! E Portugal poderá ver impassivel jogarem-se assim os seus destinos, esquecido das jornadas de Aljubarrota, de 1640 e de Montes-Claros? esquecido de que existindo sete seculos independente apenas gemeu sessenta annos em mal soffrido captiveiro para d'elle resurgir com gloria das quinas e vergonha do leão de Castella? esquecido de que foi a sua polvora a primeira que chamuscou as azas das aguias da França que até ahi em vôo altivo pairavam livres por todo o ceu europeu? ou herdámos nós por desventura o sangue d'alguns degenerados portuguezes que trahindo honra e brio se venderam ao ouro do estrangeiro?

Ha um facto que não deve passar desapercibido. Dos elementos com que a idade média fecundou o solo europeu surgiram na península diversas pequenas monarchias, das quaes a última foi Portugal, e todas, excepto esta, no fim do seculo XVI estavam reunidas em uma só. Em tempo das nossas maiores glorias, no reinado d'el-rei D. Manuel, na península ficaram existindo duas monarchias, Portugal e Hespanha, e duas têm existido sempre até hoje. Em 1580 Portugal sem rei e sem soldados teve de aceitar o jugo que Filippe II lhe impoz, jazeu sessenta annos assim e as duas nacionalidades não se confundiram: e porque? Nunca foram melhores as proporções: e no emtanto 1580 foi somente o prologo de 1640. Uma reflexão madura e conscienciosa, applicada á analyse da indole das duas nações e da historia dos vexames que Portugal soffreu em sessenta annos de usurpação, ha de como incontestavel corollario deduzir que Portugal e Hespanha não são elementos homogeneos para formar uma nacionalidade. O leão da fabula não é uma invenção, é uma allegoria.

Que beneficio recebemos de Hespanha em quanto a ella estivemos sujeitos? Insultos, desaires, vexações, e taes e tantas que determinaram um povo exausto a tentar um esforço de heroes para sacudir o jugo tyrannico, sem o amedrontar o furor d'um poderoso monarcha. Os ultimos recursos tentam-se nos extremos.

Portugal não era um paiz irmão, era um estado de conquista: queriam despovoal-o de portuguezes para o encherem de hespanhoes: não se procurou fraternisar, mas aniquilar: e uma politica melhor dirigida teria feito a unidade dos dois reinos, se não lhe obstasse tambem a antipathia e rivalidade dos povos.

Qual das duas nações havia de ceder aos cos-

tumes e ideias da outra? Qual das duas ha de hoje ceder, augmentadas como estão as barreiras que as separam, e recentes ainda as recordações do captiveiro?

Tenha muito embora a Hespanha homens eminentes, grandes melhoramentos materiaes e moraes, o povo é sempre o maior vulto das nações: e o seu não é o povo portuguez. As leis que dominam as massas devem ser sempre vexatorias para esses que estão collocados em um estado de adiantamento superior ao d'aquelles para quem foram originariamente feitas. Quem nasceu em liberdade não póde amar o captiveiro. Quem me diz que o maior entusiasta do Iberismo, decahido do septimo ceu quando se vir a braços com a realidade da sua Iberia, não ha de querer de novo chamar á sua terra Portugal? Então tenta um esforço e vae directamente cahir nas mãos dos aguasis da justiça que o passam pelas armas. Esperança seductora para os que do seu codigo vêem abolida a pena de morte pelos crimes politicos!

Portugal unido á Hespanha fica uma nação respeitavel. Pensamento gigante, ideal sonhado que attrahe os patriotas de novo genero fazendo-os deliciar com a contemplação da sua futura grandeza! Quem fica sendo nação grande? Portugal?! Que importancia immensa não tem hoje Irlanda e Escocia unidas á Inglaterra, a Hungria unida á Austria, a Saboia unida á França! Grandes estados são hoje cada uma provincia de Hespanha porque já foram nações independentes! Isto quer dizer que a última moeda que entra n'um cofre recebe o valor de todos os valores que lá dentro havia mais o seu. Que resta hoje de todas essas nações que se fundiram n'outras maiores? Quando muito um nome n'algum canto da carta politica da Europa e nada mais. Temos exemplos em casa. Que importancia tem hoje o Algarve? Foi n'outras eras um reino e hoje é uma provincia de Portugal. Como reino deveu ter suas glorias particulares, sua historia e sua nacionalidade; mas o momento em que para nós começou a ter importancia foi aquelle em que a espada do Mestre de S. Thiago lhe escreveu sôbre os muros de Silves «Aqui jaz o reino do Algarve». Ufanos ficaram por certo os mouros com perder a nacionalidade porque iam pertencer a nação maior. Dôem Portugal á Hespanha e verão como esta se enriquece de dois patrimonios sem se lembrar da procedencia da última herança. Se podér, ha de riscar de tudo em que se achar escripto o nome de Portugal, mesmo do coração do último por-

tuguez, a quem mandarão colonizar algum paiz deserto, para ficar sendo depois este territorio uma colonia de Hespanha.

Este o futuro mais certo de Portugal a realisar-se a prophécia de Napoleão III. A ideia das annexações vingá e tambem séremos annexados se nos esquecermos de que somos portuguezes.

Uma disfarçada propaganda tem por vezes procurado insinuar-se nos animos, e zelosos patriotas têm apparecido, missionando pela imprensa o Iberismo. Elevado é seu intento, nobre o empenho; a sua boa estrella os guie, que mais tarde o juizo da historia lhes consagrará os nomes no pantheon dos homens grandes.

Tardia foi a reacção; mas emfim appareceu com a publicação da *Fundação da Monarchia Portuqueza* pelo Sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos e d'um *Brado aos Portuquezes*: possam as duas obras lidas por todos e bem meditadas insinuarem-se no coração dos que ainda têm amor da patria.

A. C. da Silvea Mattos

O FUTURO DA MULHER

Os espinheiros estavam em flor: o rouxinol entoava suas canções melodiosas por entre as balsas floridas: as flores, despertadas pelas lagrimas da aurora, desabrochavam suas pétalas mimosas para em seu seio receberem o primeiro beijo do sol: emfim era uma manhan de primavera.

Volney, sentado ao cahir da tarde entre as ruinas de Palmira com a face encostada á mão, voltou o seu pensamento para o passado, para as nações em ruinas: eu, respirando o ar puro da manhan, cercado das galas e pompas da natureza, pensei no futuro da mulher!

E o que é a mulher? Qual a missão que Deus lhe destinou na obra da criação?

O que é a mulher?... A mulher é a parte poetica, a parte espirital, a alma, permittase-nos a expressão, d'esse todo composto de homem e mulher: e isto quem nol-o ensina? A propria philosophia, tão arida e triste, quando nos diz que o homem só se completa pela mulher, como a mulher pelo homem.

A mulher, lemos já em alguma parte, é a imagem esculpida no craneo de todas as raças: é o genesis da religião universal! É esse ente, fraco como a hastea da açucena, a quem V. Hugo diz:

«L'éternité, l'espace; et les cieux et les mondes,
Pour un baiser de toi!»

É esse ente, diz o Sr. A. F. de Castilho no seu livro, A FELICIDADE PELA AGRICULTURA, por quem e para quem vivemos... por um sorriso seu daria o mais usurario metade dos seus thesouros, e dal-os-hia todos pelo seu primeiro beijo.

E o que ha de ser a mulher?

Corramos um veu sôbre o seu passado e presente! não queremos que nos suba o rubor ás faces. E dissemos presente porque ainda hoje a Inglaterra e a França, que se dizem occupar os mais altos degraus na escala da civilisação, uma *vende-as!* a outra obriga-as pela lei a obedecer ao capricho do homem: e entre nós raro é que não seja sacrificada pelos paes em holocausto ao *bezerro de ouro!* venda menos escandalosa, mas venda!

Mulher, sorri-te! a tua missão é a mais nobre, a mais augusta da sociedade!

Quando fazemos desfilar ante o pensamento as torturas, as humilhações, o rebaixamento moral e intellectual por que tens passado e estás passando, não podêmos deixar de exultar! Porque o martyrio é a conquista do ceu!

A tua missão, mulher, é sublime! Nas tuas mãos, frageis como o tenro caule do lirio, repousa o destino da humanidade.

A sociedade é o homem multiplicado por si mesmo, e tu, regenerando-o, has de regenerar a sociedade. E o homem só pôde ser regenerado por ti.

Um phenomeno immensamente notavel, e que deverá ser profundamente meditado, é que o homem tão facil em se esquecer, jamais esquece as ideias que sua mãe lhe inoculára com os beijos do berço! Os proprios erros, que geralmente se bebem com o leite, ainda quando depois a razão e a intelligencia nos gritam «erro!» nós, reconhecendo-os como taes, respeitamol-os comtudo: e porque?... porque nossa mãe nos dizia serem verdades. Hoje que não temos já uma prece para levar aos pés do Eterno, que não cremos em cousa alguma, que desprezâmos tudo, jámais esquecemos a primeira oração, que de joelhos em cima do berço e com as mãosinhas erguidas elevâmos ao PAE DO CEU, ensinada pelos labios carinhosos de nossa mãe!

Ninguem contesta a poderosa influencia que a primeira educação exerce sôbre toda a vida do homem. O homem é um campo fertilissimo: se as primeiras sementes que lhe lançarem forem boas, poderão ás vezes degenerar, mas em geral a colheita ha de ser boa; se forem más, a colheita será sempre má. Gravadas como lhe ficam as primeiras noções de Deus, do mundo é do homem, se forem

verdadeiras, practicará o bem; se erroneas, practicará o mal.

E essa educação quem lh'a poderá dar? só a mãe: só o cinzel eloquente dos conselhos maternos lhe grava no coração essas ideias.

E estará a mulher habilitada para ser mãe? Infelizmente para ella e para nós, não está! Se o estivera não se traduziria ainda a sociedade por egoismo, ambição e corrupção!

Bebendo com o leite as ideias tres vezes sanctas de liberdade, egualdade e fraternidade, os homens ver-se-hiam todos irmãos, e como irmãos se amariam: e hoje o que se vê? o forte torturando o fraco; o rico atirando á cara do pobre a lama que levantam as rodas dos seus caleches; os reis, desconhecendo que foram feitos para os povos e não os povos para elles, tornando-se o azorrague de seus vassallos: e isto porque? por falta de educação, mas educação de todos egualmente.

E quando a teremos?

Quando a teremos?... Deus o sabe: eu não o sei!

Estamos em 1860! e a mulher não divisa ainda na profundidade das trevas do seu futuro um raio de luz, que lhe annuncie a aurora brilhante d'esse dia de felicidade!

Quando tu, mulher! comprehendere a tua nobre missão, quando estiveres habilitada para a cumprires, levanta ufana a candida fronte, que tens trazido curvada para a terra; levanta-a, e diz: Gloria a Deus! não ha destino que se compare ao de mãe!

FUGISTE!

Alçaste o vôo a Deus, pomba innocente!
Do ceu, da patria tua já saudosa;
Fugiste como a onda buliçosa
Foge á praia que afaga docemente!

Fugiste como á tarde no occidente
Foge dos ceus a nuvem côr de rosa,
Como o ramo na margem deleitosa
Foge aos beijos da limpida corrente!

Ah! fugiste depressa como o canto
Que o cysne moribundo aos ventos solta,
Foge e leva consigo todo o encanto!

Foste onda que passou... e mais não volta...
E lirio que pendeu... e murcha emtanto...
E vela que se foi no mar revôlta...

Alberto Telles

VI-TE

Vi-te gozando carinhos
De falso amor,
Pisando aos pés a virtude,
Sorrindo á dor.

E que pena m'inspiraste,
Que compaixão,
Ao ver-te tão orgulhoso
Na perdição...

Vi-te em fofa carruagem
Pobres calcar!
Da victima o grito ouvindo,
Além passar!

E ao ver-te tão cruel,
Tão insultante,
Lembrou-me teu peito outr'ora
Tão terno e amante!

Vi-te esgotar nas orgias
Toda a riqueza,
Do throno descer ao estrado
D'agra pobreza!

Desvalido e desgraçado
Inda te amei!
Recordei-me de teus vicios,
Não té odiei!

Vi-te esmolando o sustento
De porta em porta,
O corpo curvado e magro
Á alma já morta;

E lamentei d'este mundo
O leve pó...
Amigos em quanto rico,
Se pobre — só!

E vi-te do desespero
N'hora fatal
Bater á porta benefica
Do hospital!

Da borboleta das salas
Que é do tropheu?
Ao naufrago da desgraça
Só resta o ceu!

Ouvi-te na hora extrema
Ao confessor
Pronunciar o meu nome
Com sancto ardor;

Com elle morrer nos labios,
E arrependido
Do puro amor que te dera
Haver trahido!

Nos lances tristes da vida
Acompanhei-te:
Vi-te morrer como um anjo
E perdoei-te!...

Março ... de 1860

Amelia Janny

A uma Senhora hespanhola

(Que o auctor encontrou n'um salão de Lisboa)

Tinha uns olhos negros, vivos,
Negros côr de noite escura,
Co'a magica formosura
D'estrellada e sem luar.
Como eram lindos! — se tristes
Suave melancholia,
— Se alegres douda alegria
Sabiam n'alma infiltrar!
Pois o braço torneado!
E aquella mão tão mimosa!
E a côr do leite e da rosa
Da tez virginal e pura!
Ai! a filha de Castella!
Era da festa a rainha,
Que nem só uma alli vinha
Tão fascinante como ella!
Granada, a visão dos mouros,
Co'os mil rendados d'Alhambra,
Sevilha, a vetusta, a bella,
As canções, a dança, os touros,
De Hespanha toda a poesia
Á mente nos vinha ao vel-a.
E ao vel-a o sizo fugia;
Causava paixão, loucura,
Que era tanta a formosura
Que um José seduziria.

Digam embora esses bravos,
Que renderam Tetuão
Que seus tropeus laureados
Ainda serão hasteados
No de Lysia nobre chão!
Tal visita não me aterra.
A natura excede a arte:
Cidadella é cada outeiro,
Cada arbusto um baluarte
E cada luso um guerreiro!
Nem póde temer taes bravos
Quem se chamar portuguez:
Dos mesmos são que vencemos
Em Elvas, em Montes-Claros,
Na Batalha e em Val-de-Vez!

Mas o que eu receio e temo,
 E talvez tambem desejo,
 É a nvem gentil e bella
 D'essas filhas de Castella,
 Que em Lisboa agora vejo.
 Com taes olhos tão formosos
 Oh! não ha quem lhes resista!
 — Se a razão de nós fugiu —
 Já creio feita a conquista.
 Eu por mim... eis-me rendido,
 Que os taes olhos negros, vivos
 Me tornaram *iberista*.

Lisboa, Agosto de 1860

Bernardino Pinheiro

CONIMBRICENSES ILLUSTRÉS

(Esbocos biographicos)

II

FRANCISCO DE S DE MIRANDA

Entre os nomes que mais avultam no cyclo dourado da nossa lingua e poesia deparámos com o do doutor Francisco de S de Miranda.

Este portuguez venerando, prototypo da moral e da virtude, cujo poeta foi, nasceu em Coimbra a 27 de Outubro de 1495; dia ainda memoravel pela elevao de D. Manuel ao throno. Filho de paes nobres por feitos de seus antepassados, não só se não deixou entrar das ideias de suberba e vaidade, que pudera crear-lhe o nascimento, senão que a este sempre antepoz a pureza de seus sentimentos como elle mesmo declara n'uma de suas eglogas:

«Por demais tudo a porfia,
 C'um peito tam livre e são,
 Que tomou tam certa guia;
 D'aqui nasce a presuno,
 Cuidam que da fidalguia.»

Por satisfazer  vontade paterna doutorou-se Só de Miranda em leis na Universidade patria; leu em várias cadeiras, sendo tão abalisado no magisterio, como fra habil estudante; chamando-o porém sua natural inclinao para outras regiões, como foi morto seu pae, deixou a Universidade para continuar estudos de Philosophia a que estava dedicado.

Depois percorreu as principaes cidades de Hespanha e da Italia; e recolhendo-se a Portugal quando já reinava D. João III deteve-se por algum tempo na crte, onde, *com as qualidades de sua pessoa, sem outra alguma*

ajuda das que costumam levantar ainda os indignos se fez tamanho logar, que foi sem controversia, sendo o maior um dos mais estimados cortezos do seu tempo.

Por esta occasião compoz elle a sua egloga d'Aleixo; e como certa passagem d'ella fôsse mal vista por um grande da crte em desfavor de quem se interpretava, moveu-lhe esta tal perseguio que o poeta maguado resolveu retirar-se, como quem se havia convencido durante o tempo que viveu entre os aulicos de que:

«Homem d'um só parecer,
 D'um só rosto, uma só f,
 D'antes quebrar que torcer,
 tudo pode ser
 Mas de crte homem não .»

Porisso a despeito do muito favor, que achava assim no rei como no principe D. João, foi viver para uma quinta que tinha no arcebispado de Braga, com o nome de Tapada, perto da qual lhe havia sido concedida uma commenda de Christo, a que chamavam as duas egrejas.

N'esse pacifico retiro produziram seus estudos mui abundantes fructos: alli escreveu a maior parte de suas poesias sem excluir a crta a D. João III, que  hoje tida pela sua melhor composio, não obstante serem tambem muito boas as outras epistolas; pois que de todas diz Garrett, que são «o maior titulo de gloria» do grave escriptor. Grandes encomios lhes tece tambem o insigne Antonio Ribeiro dos Sanctos:

«Pedes tu porventura  castas musas
 Em didaetico stylo puro e bello
 Poetica moral? na clara Lysia,
 Inda muito melhor que em Grecia e Roma,
 Monumentos te off'recem consagrados
 As instruces do homem: l as cartas
 Do grave e douto S.»

Effectivamente S de Miranda philosophava e moralisava em verso:

«Olho somente  virtude
 Ledo ou triste o mesmo rosto.»

E não havia ficar em palavras seu singelo dizer; pois que até casando-se, em vez de belleza, attendeu *somente  virtude*, porque a senhora a quem se ligou era muito feia e entrada em annos; o que deu origem  seguinte anecdota.

Quando Só de Miranda pediu a futura espôsa a seus irmãos não quizeram estes de-

ferir á pretensão sem primeiro lhe mostrarem a noiva; e n'esse acto parece que estava ella encostada a um bordão, pois que o bom Sá lhe disse: «dae-me, senhora, com esse bordão porque vim tão tarde».

Comtudo teve aquella senhora ainda dois filhos do illustre poeta, e de tal modo era por elle amada que a sua morte o desgostou inteiramente de todas as suas inclinações, a ponto de nada mais escrever senão um soneto a tão sentida perda. Refere-se até que não tornou a sahir de casa senão para assistir aos officios divinos, nem cortou a barba, nem as unhas, nem respondeu a carta que lhe escrevesse quem quer que fôsse até morrer; acontecimento que teve logar em 1558.

Lêmos no volume 5.º do Panorama uma biographia de Sá de Miranda, em que se attribue este casamento *ao desprêso* que o nosso vate *quiz mostrar pelas cousas mundanas*, como se o casamento embora com uma mulher idosa e feia podesse ter similhante significação, como se não fôsse casando que elle mostrava o maior apêgo ás cousas terrestres. Maior objecção se offerece porém áquelle assêrto, já nos extremos a que se entregou pela perda da consorte, já nas palavras do proprio Sá de Miranda, quando escrevia:

«Mas onde não ha mulheres
Vida nem gôsto não ha.»

Foi Sá de Miranda grande conhecedor das linguas grega, latina, italiana e hespanhola.

Em grego lia e annotava Homero.

Em italiano estudou de tal sorte os poetas que «introduziu na poesia portugueza os metros italianos, e os modos, versos, e combinações de rhymas de Dante e Petrarcha».

Da leitura dos poetas hespanhoes, ajudada do costume da epocha, lhe veiu porventura o pessimo gôsto de tanto escrever em hespanhol: procedimento em verdade digno de censura pelas consequencias que teve para a litteratura patria, defraudando-a de tantas boas composições do proprio Sá, como de seus imitadores, que talvez não houvessem escripto em lingua extranha, se elle lhes não tivesse dado tão pernicioso exemplo.

Muitos escriptores têm tractado de tão illustre patricio nosso com grande louvor: para terminar faremos apenas uma citação por onde possa avaliar-se o juizo que d'elle formam os contemporaneos. É Garrett quem falla: «Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens do seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, phi-

losophou com as musas, e poetisou com a philosophia».

Suas obras foram publicadas posthumas; a relação das edições que d'ellas se tem dado pôde ver-se na citada biographia do vol. 5.º do Panorama.

M. da Costa Alemão

BOSQUEJOS NOBILIARCHICOS

ARMAS DOS APPELLIDOS DE DEZ E DIAS

II

O appellido de *Dias* não havia mister de se acobertar com as armas dos descendentes de Pedro Fidalgo: tinha as suas, que bem honrosas são entre nós pelo appellido d'esses grandes homens que tão célebres se tornaram em honra da patria que lhes deu o ser: são ellas — *em campo vermelho um braço armado, pegando em um elmo de azul que tem como timbre aguia de ouro voante*.

As armas que acabámos de descrever encontrámol-as sôbre uma lápida sepulchral na antiga igreja de S. Christovam, e a sua descripção em um manuscripto genealogico que vimos na bibliotheca da Universidade. Não seguem ellas as regras heraldicas que manda se não assente *côr sôbre côr*; todavia vae copiado tal qual está descripto. Sôbre o marmore este brazão não tem timbre: só por unico ornamento encontrámos sahindo do elmo os *panquifes*.

Este appellido de *Dias* é-nos caro pelos varões que o ennobreceram. Camões nos seus Lusíadas levantou-lhe um padrão de immortall gloria, quando descreveu a terrivel prophécia d'esse fero Adamastor:

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobriu summa vingança;

e tomou-a, que esse illustre portuguez que primeiro descobriu e dobrou

... aquelle occulto e grande cabo
A quem chamaes vós outros Tormentorio

Bartholomeu Dias lá ficou submergido no immenso pelago das suas ondas para não mais voltar á patria.

Assim acabou aquelle que nos descobrimos foi sempre o primeiro, e que tanto honrou a patria e o appellido de *Dias*.

A. M. Seabra d'Albuquerque

ESTREIA LITTERARIA

JORNAL BIMENSAL

Serie II

DIRECTORES

Volume I

J. A. V. da Cruz — Augusto Sarmiento

COLLABORADORES

A. A. da F. Pinto, A. C. da S. Mattos, A. F. de Loureiro, A. F. Simões, A. J. da S. F. Carvalho, A. J. Teixeira, A. L. dos Sanctos Valente, A. Sampaio, A. Telles, Amelia Janny (D.), A. M. Seabra d'Albuquerque, Anthero do Quental, Aristides de Bastos, A. Saraiva de Carvalho, Bernardino Pinheiro, Eugenio de Barros, J. A. Sanches da Gama, João de Deus, J. Simões Ferreira, M. A. de Figueiredo, M. da Costa Alemão, etc.

N.º 4 — DEZEMBRO 31 — 1860

Quadros biblicos

II

O DILUVIO

E por quarenta dias e quarenta noites cahiu a chuva sobre a terra.

GENES. cap. VII, v. 12

E os seculos vieram, e á omnipotencia de um Deus creador oppozeram a sua omnipotencia de destruição!

Concluida a sua obra, Deus contemplára um instante a realidade de seus decretos eternos, e sentira um regozijo immenso e indefinivel; estava boa.

E no dia septimo descansou.

Do abysmo surdiu então o genio do mal, de inveja o fez rugir belleza tanta, e o como destruil-a pensou logo.

Entrou no mundo, olhou em volta, e tartareo sorriso lhe assomou aos labios: tinha avistado o homem...

«Basta! disse consigo, alli está quem realise o meu plano. Serás tu, ente incomprehen-sivel, que a obra tão perfeita trará ruina e perdição, e tarde ou nunca o has de saber!

«Porque eu cegarei os teus olhos, farei surdos teus ouvidos, endurecerei teu coração, e caminhando sobre um vulcão julgarás passear em arrelvado tapete:

«E o vulcão ha de rebentar-te debaixo dos pés, arrojarte ha ás nuvens para depois te precipitar nos abysmos!

«Far-te-hei um throno das tuas paixões onde vá sentar-se o teu orgulho; e quando, desvanecido e suberbo, te ousares proclamar rei do mundo, um sôpro meu derribará esse

throno phantastico, e achar-te-has então em lodaçal submerso. Não te hão de valer rogos nem blasphemias, e uma eternidade de maldição punirá teus crimes!»

Disse: ergue o vôo e ao homem se dirige presto. Com a aza de fogo o tocou invisivel, e no abysmo sumiu-se.

E o agouro infernal cumpriu-se inteiro!

A vaidade, a inveja, o ciume, o assassinio e a volupia correram a terra em horrendo tropel, levaram de rôjo consigo religião, vir-tude e moralidade, e sobre as ruinas planta-ram a impiedade e o desregramento: a cor-ruptão tocou os extremos!

Os seculos haviam passado, e á omnipoten-cia de um Deus creador oppozeram a sua omnipotencia de destruição!

E o Senhor baixou a ver a sua obra; e sentiu-se pungido de dor intrinseca; um veu de tristeza e magua lhe anuviou a magestosa frente; e exclamou:

«Onde a obra de meus desvelos, a imagem de mim mesmo sobre a terra...?»

E não conheceu a feitura de suas mãos, e arrependeu-se do que fizera.

E mais disse:

«Dissiparei esta raça maldicta que me tor-nou ingratição pelas mercês que lhe fiz! Far-lhe-hei pesado o meu braço, e temel-o-hão já que respeito-o não quizeram. Do coração ris-caram a minha lei; de sobre a terra os ris-carei tambem!

«E tão felizes que podiam ser...! Tanto lhes dei, tão pouco lhes pedi... E esse pouco ainda era para elles um gôzo, uma felicidade: o seu amor!

Quanto é duro fazer justiça um coração de Pae! Como eu antes quizera recebê-os todos



em meu seio, dar-lhes recompensa eterna por virtude passageira! Não o comprehendem elles!

«Mas já não é tempo. A taça das iniquidades trasborda, a justiça requer desaggravo. Fal-a-hei pois soffrer, que me custe embora!»

E a sentença de exterminio ficou irrevogavelmente lavrada.

A virtude porém não cabia o castigo do crime, e na terra ainda havia virtude. Havia um varão justo e perfeito, que guiára seus passos pelas veredas do Senhor, e diante d'elle achára graça. Era Noé.

E determinou Deus reservar-o para renovar d'uma geração purificada, para perpetuar na terra o seu nome e a sua lei, até vir um dia um reparador igual á injúria, um reparador infinito, que de novo a humanidade chamasse ao perdão e á graça, de novo lhe restituísse a bemaventurança da eternidade.

E o Senhor Deus disse a Noé:

«Eis que a carne corrompeu seus caminhos, toda a terra está cheia de iniquidade, e seu fim está chegado diante de mim.

«E contigo firmo alliança de paz. Uma arca de madeira te será salvação do estrago universal a ti, a tua mulher, a teus filhos e ás mulheres de teus filhos. Desde já começa a fabrical-a, porque logo que prompta seja, eu farei cahir as aguas do diluvio sôbre esta geração proterva, e de tudo que existe nada sobreviverá fóra da arca.»

E o varão justo tremeu da ira do Senhor, doeu-lhe d'alma a perda de seus irmãos. Fez ouvir a sua voz clamando penitencia e arrependimento, e elles sorriram da sua boa fé, e escarneceram as suas ameaças.

Os homens já então eram homens!

E o tempo voava, e o dia tremendo das vinganças do Senhor aproximava-se. A arca salvadora estava quasi concluida, e os homens eram mais e mais desvairados. Tripudeavam loucos ao som de blasphemias, ao lume da concupiscencia inflammavam odios.

E a voz do Senhor fez-se ouvir de Noé, e disse:

«Entra na arca tu, tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos. Faze tambem entrar alguns de todos os animaes que respiram nos ares, na terra e no mar. Porque a hora da minha justiça vae soar.»

E fez Noé como lhe mandára o Senhor.

Deus então ordenou a seus anjos que rompessem as grandes fontes do abysmo, que sôbre a terra fizessem cahir rios de agua que a cobrissem até ao mais alto dos montes.

E assim se fez. Por quarenta dias e quarenta noites a chuva cahiu, cahiu a jorros sem parar um instante só.

O mar então começou a debater-se, bravo e fero, nos vastos limites que lhe dera o Eterno. Um rumor soturno ergueu medonho, semelhante a um furacão que vae estalar, até que, espumando de raiva, quebrou os diques que o continham, e eil-o que se precipita em furia sôbre o mundo condemnado!

Um brado immenso, brado ingente de afflicção íntima e inexplicavel, brado que resumia em si a expressão simultanea de todas as dores, de tudo o que ha de mais pungente na humanidade, se ergueu a um tempo da terra ao ceu! Milhões de vozes se uniram espontaneas, e em confundido accento imploraram misericordia!

E a chuva despenhava-se em torrentes das cataractas abertas do ceu: e o mar caminhava, caminhava bramindo, e, semelhante ao leão esfaimado do deserto, a tudo tragava!

E o homem, esse ente forte no seu orgulho, esse ente que dias antes blasphemára o poder do Senhor, e se lançára desacordado no estontear das paixões, era agora mais vil que o vil insecto que calcára a seus pés.

Já para elle não havia sentimentos de filho, de espôso ou de pae. Naquella hora suprema de angústia quanto é grande immudecêra n'elle, e só um egoismo mesquinho e feroz lhe revelava existencia. Aqui se via um matar o pae alquebrado que lhe era estôrvo, além outro o filho innocente. Fugir, viver, era de todos o pensar unico, exclusivo.

E iam, vinham, encontravam-se, repeliam-se, e não se conheciam, e não se poupavam.

Cabellos soltos, os olhares turvados, em desalinho o trajo, com os filhos ao seio corriam as mães, com gemidos e queixas atroavam os ares, e de pura fadiga cahiam extenuadas, e nem para ellas compaixão havia!

E a chuva a cahir, e o mar a crescer, e a morte a tragar, e o inferno a sorrir!...

Scena pavorosa e triste!

Quinze covados subiu a agua acima do mais alto dos montes, e tudo quanto respirava sôbre a terra ficou para sempre extinto.

Estava desaggravada a justiça de Deus.

O fogo das paixões abrazára o mundo: era mister um diluvio d'agua para o apagar.

Bemdicto seja o nome do Senhor!

Influencia da mulher na civilisação

(Continuado do n.º 2)

JOANNA D'ARC

A idade média ia acabar.

Mas antes que o bulcão impetuoso das hostes mahometanas, ruindo sobre o velho imperio do Oriente, dispersasse pela Europa, como bando de aguias expulsas do seu ninho, esses monjes depositarios da sciencia do mundo velho, esses sabios possuidores da arte antiga, que tinha de vivificar, casando-se, fundindo-se n'ella, a arte nova; antes que o vento da conquista, soprando sobre aquelle foco aonde se concentrára tudo que o mundo romano e grego pensou e sentiu, espalhasse ao longe pelas terras todas as faiscas do fogo sagrado que lá ardia; antes que a civilisação antiga fecundasse a nova civilisação, era mister que se escolhesse um lar amigo a esse fogo expulso do seu lar; era mister que a Providencia abrisse um templo á sciencia do oriente quando esta batesse ás portas do occidente.

Esse templo aberto pela Providencia foi a Italia, a Italia a principio e depois a França: a França mais do que a Italia, que acolheu essa reliquia no seio, que se consubstanciou com ella, que a amou, que lhe deu vida nova, e d'essa fusão sublime do passado e do presente fez nascer a verdade, a sciencia da liberdade, a mãe das sociedades do futuro. A arvore fecunda da sciencia do passado, em chão ruim não pudera dar bons fructos. A Italia amou a civilisação grega e romana, mas não creu n'ella. Esse perfume da antiguidade classica embriagou-lhe os sentidos, mas cortou-lhe os vãos á intelligencia. O passado alli não pode, pela alliança mystica com o presente, conceber a ideia do futuro. Era mister transportar a arvore que definhava em terreno esteril para chão mais fecundo e mais fertil.

Esse chão foi o solo abençoado da França.

E comtudo a França gemia curvando-se sob o péso das armaduras dos invasores de além-mar. As tendas da conquista esterilizavam aquelles campos bemquistos da civilisação e promettiam matar-lhes o viço para sempre, se a mão de Deus lhes não acudisse. Só um milagre podia salvar a França.

Foi por isso que Deus fallou pela bocca inspirada da mulher: foi porisso que appareceu Joanna d'Arc.

Pela sua bocca fallaram todos os soffrimentos da nação que gemia no captiveiro; todas

as esperanças dos que, com olhos d'alma, viam raiar no horizonte da patria a aurora da redempção; todas as aspirações, todas as crenças dos que o terror e a cobardia não vendêra ainda ao inimigo; pela sua bocca fallou o futuro da França e do mundo. O gladio vingador tornou-se em suas mãos a espada flammejante do archanjo do extermínio. O bretão orgulhoso, recuando de trincheira em trincheira, diante d'esta mulher heroica teve de saltar o estreito, e só se julgou seguro quando occulto entre os gelos e neveiros da sua Inglaterra. A França estava salva. O templo da civilisação estava agora livre e puro: a arte e a sciencia podiam agora emigrar do oriente, e atravessando a Italia polluida pela devassidão e pelo crime, buscar abrigo certo no seio da nação heroica. Uma mulher fôra a escolhida do Senhor para aplanar as vias da sua Providencia.

A França estava salva.

Joanna d'Arc ajoelhou constricta na terra que libertára, e sentiu que a morte vinha perto: a sua missão havia acabado.

Que lhe restava a ella agora com effeito? O que espera na terra tudo quanto é grande e sublime; a morte de Christo, o sacrificio, morte de affronta e de ignominia e depois o amor e o culto da posteridade.

Aldean visionaria a principio; mais tarde mendiga sublime d'uma espada e d'uma hoste que levasse á victoria; depois alma de Graccho encarnada nas fórmulas d'uma virgem; mais que mulher por fim, martyr d'uma ideia grande; sahira a passos lentos das suas montanhas, triste da serena melancholia das resoluções inabalaveis, para atravessar a França como nuvem revólta de entusiasmo e patriotismo, e cahir depois sobre uma fogueira, expiando alli o crime sublime da virtude.

O povo entorpecido pela conquista não pode conceber como a alma d'uma donzella, que o ardor d'uma crença consumia, pudesse salvar uma nação: o rei que ella levantára do pó para assentar sobre um throno, não tinha fôrça para interpor o seu sceptro entre a mulher e a fogueira.

Pobre d'ella! Involta já pelas chammas que a iam tragar, elevava os olhos ao ceu, beijando com fervor a imagem do Crucificado que os phariseus lhe apresentavam por escarneo; mas sob a tunica rara palpitavam e tremiam-lhe os seios castos de virgem!

O espirito, depurado pela tortura, fugiu em busca de novos mundos; e sobre as cinzas que ficaram vieram depois os homens elevar-lhe um altar de gratidão e saudade. O sacri-

ficio vinculou mais uma vez na terra o culto da dedicação e da virtude. Mas o involucro d'aquella alma tão nobre e tão pura, nobre e puro tambem como ella, mais fraco só; mas aquelle corpo de virgem não poude deixar de tremer quando as mãos impuras do algoz o amarraram ao poste da ignominia, quando se viu amaldiçoado por aquelles mesmos por quem dava a vida, quando as chammas, lambendo-lhe o seio e o rosto lhe pousaram lá o primeiro e último beijo, o beijo da morte!

Mas que importa tudo isto? estava salva a França, e salva por uma mulher. Podiam agora cumprir-se n'ella os grandes designios da Providencia: podiam agora brotar-lhe e arregaçarem-se-lhe no seio todas as grandes ideias que tinham de lustrar depois o mundo n'um grande baptismo de verdade e de luz.

E que pêso tem na balança dos destinos do mundo uma gotta de sangue mais vertido em prol dos homens? N'esse grande tributo de sangue pago pela verdade ao erro, pela luz ás trevas não é a mulher quem menos lagrimas nem menos sangue tem dispendido. Esse que corria ainda quente confirmava mais uma vez esta verdade.

Agora a França, livre, contava mais uma martyr: agora tinha a mulher ainda uma vez mais o direito de exigir da humanidade preito e vassallagem. Joanna d'Arc, morrendo pela França, morreu tambem pela liberdade do mundo!

(Continúa)

Anthero do Quental

Monumento a Sá de Miranda

Nuno Alvares Pereira, Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque, Pacheco, Pedro Alvares Cabral, João Pinto Ribeiro, Sebastião José de Carvalho e Mello, e tantos outros que bem mereceram da patria não têm uma estatua, um busto, um retrato, uma memoria qualquer em logar algum público de Portugal.

o PHOSPHORO, n.º 3.

É debaixo d'esta epigraphie, que deve fazer corar de vergonha todos os que se prezam do nome portuguez, que escrevemos hoje estas duas linhas: disse uma amarga verdade o articulista do *Phosphoro*: «Nós no continente do reino, em Portugal, na Europa nada conseguimos fazer, e deixámos perder o que temos.» Ha muito que tivemos o pensamento de elevar um pequeno monumento, tanto quanto as nossas forças permittissem ao filho da nossa Coimbra, Sá de Miranda: ha muito

que este nosso pensamento tem corrido de bocca em bocca sem que tenha encontrado desapprovação.

Se a opulenta Lisboa, se Portugal todo está pagando o tributo de gratidão ao grande poeta cuja *naturalidade é algum tanto duvidosa*, porque não ha de Coimbra e em geral todos os seus filhos, ainda mesmo os que residem em remotas plagas, pagar o não menos devido tributo ao patriarcha da poesia Francisco de Sá de Miranda?

O nosso pensamento não é recorreremos a todo o Portugal, não, pedimos só este tributo ao districto de Coimbra e em geral a todos os que ainda se prezam do nome de conimbricenses, com a coadjuvação de todos tere-mos pago esta dívida a um dos grandes homens do reinado de D. João III, e dos primeiros lentes da nossa universidade.

Não somos da opinião de que Lisboa seja a terra dos monumentos, e que todo Portugal esteja dando o seu pequeno obolo para elles, e alguns achâmos inteiramente deslocados do seu verdadeiro logar. D. Pedro, duque da Terceira, conde das Antas, tinham mais cabimento no Porto; foi n'esta cidade «a invicta» o theatro das suas maiores glorias, é alli que collocados deviam ser os seus monumentos.

Não nos reste a magua de não ser do dominio do público este nosso pensamento; possa elle encontrar echo em todos os corações verdadeiramente conimbricenses.

A. M. Seabra d'Albuquerque

A PROVIDENCIA

II

O leitor que só cuida em orientar-se no emmaranhado labyrintho de peripecias, que por entre corcovos e torcicollos, em quanto for estheticamente possivel, o hão de desviar do final desenlace, pode desde já dar por lido este capitulo, quem sabe?... talvez todo o romance, se porventura não houver adquirido com o fructo do amargurado suor do rosto o direito de se adormecer no meio das minhas constantes tergiversações; pelo que respeita ao leitor gratuito, essa asquerosa pustula, essa praga, esse cancro da litteratura contemporanea, como decerto não sentirá remorsos de haver mal empregado o seu dinheiro, não se lhe devem nem satisfações, nem amigaveis conselhos.

Sinto-o, mas não posso emendar-me. Desde